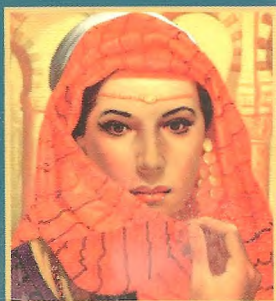


SÉRIE HERÓIS DA FÉ

Ester



*Uma
mulher de
sensibilidade
e coragem*

CHARLES R. SWINDOLL

MG

ELA LUTOU CONTRA O DECRETO DE UM REI

Todos apreciam a história de pessoas que saem de uma situação negativa e inferior para conquistar uma situação positiva e superior. Pobres que se tornam ricos. Feios que se tornam belos. Fracos que se tornam fortes. A história de Ester, estudada aqui de maneira única por Charles Swindoll, tem tudo isto, e muito mais.

Das experiências dessa moça que saiu da condição de exilada e desconhecida para a posição de rainha e mulher mais influente do reino da Pérsia, podemos extrair inúmeras lições para nossa vida. Sua coragem, lealdade, obediência, espiritualidade, sabedoria e prudência podem ser também qualidades nossas. Qualidades que podemos adquirir ou simplesmente exercitar hoje, agora, no meio social em que vivemos.

Foi o que fez Ester. E com isto ela deteve uma conspiração maldosa, desmascarou um assassino arrogante, e substituiu o terror pela alegria em milhares de corações judeus.

Após ter abençoado o povo evangélico com o extraordinário livro *Davi - um homem segundo o coração de Deus*, Charles Swindoll dá continuidade à *Série Heróis da Fé* enriquecendo mais uma vez os leitores evangélicos com este segundo livro, verdadeiro monumento biográfico.



“Quem sabe se para uma situação como esta é que fostes elevada ao cargo de rainha?” Esta foi a grande hipótese que o judeu Mordecai levantou na tentativa de entender por que Ester havia sido elevada ao cargo de esposa de um dos mais poderosos homens da antigüidade.

A situação a que Mordecai estava se referindo era o decreto que o rei Assuero, induzido por Naamã, havia assinado, determinando a morte de todos os judeus que viviam no Império Persa. E isto incluía a morte de Mordecai e de sua prima, a agora rainha Ester.

Foi para alterar esse decreto que o Senhor usou essa mulher, de maneira admirável e poderosa. Ester foi, inquestionavelmente, uma mulher de Deus. É certo que nenhum anjo apareceu em seu quarto, nem ela realizou nenhum milagre. Porém, por ela ter-se mostrado corajosa e sensível diante dos problemas dos seus irmãos, Deus realizou inteiramente seu plano, tanto para com Ester como para com o restante do seu povo.

Contudo, um fato que não podemos deixar de reconhecer é que ela não seria capaz de fazer tudo isto sozinha. Havia alguém agindo em favor dela. Ao longo de sua história, é possível percebermos a mão de Deus atuando silenciosamente.

Muitos dos heróis bíblicos foram pessoas comuns. Pastores. Pescadores. Servos. Viúvas. E até prostitutas e ladrões. Cada um deles mudou o curso da história. Mas esses homens e essas mulheres não se tornaram grandes por seus próprios méritos e esforços, e sim por terem recebido poder de Deus após entregarem suas vidas a ele.

Ser grande aos olhos do Senhor está ao alcance de todos os que o obedecem. Está até ao alcance de uma rainha... que resolveu obedecê-lo.

Dr. Charles R. Swindoll é pastor, professor e presidente do Seminário Teológico de Dallas, Texas, EUA. É autor de mais de 40 livros, que já venderam mais de 5,5 milhões de exemplares.

Ester

*Uma mulher de
sensibilidade e coragem*

CHARLES R. SWINDOLL

TRADUÇÃO DE
NEYD SIQUEIRA



EDITORA MUNDO CRISTÃO
São Paulo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Swindoll, Charles R.

Ester: uma mulher de sensibilidade e coragem / Charles R. Swindoll – tradução de Neyd Siqueira. – São Paulo: Mundo Cristão, 1999.

Título original: Esther: a woman of strength & dignity
ISBN 85-7325-188-3

1. Bíblia A. T. – Biografia : 2. Bíblia A. T. Ester – Crítica e interpretação 3. Ester, Rainha da Pérsia I. Título.

99-0871

CDD-222.906

Índices para catálogo sistemático:

1. Ester : Livros históricos: Bíblia: Interpretação crítica 222.906

Título do Original em Inglês:

Esther: A Woman of Strength & Dignity

Copyright © 1997 por Charles R. Swindoll
Publicado por Word Publishing, Inc.,
Nashville, Tennessee, USA

Capa:
Douglas Lucas

Revisão:
Silvia A. T. Justino

Supervisão editorial e de produção:
Jefferson Magno Costa

1ª edição brasileira: Abril de 1999

2ª edição: Julho de 1999

Diagramação & produção de miolo:
Editae Ass. de Comunicação

Impressão:
Imprensa da Fé

Publicado no Brasil com
a devida autorização e com
todos os direitos reservados pela

ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA
EDITORIA MUNDO CRISTÃO

Caixa Postal 21.257

CEP 04602-970 – São Paulo – SP

Disque grátis: 0800-115074

E-mail: editora@mundocristão.com.br

www.mundocristão.com.br


abec
ASSOCIAÇÃO RELIGIOSA
EDITORIA MUNDO CRISTÃO

DEDICATÓRIA

Com grande alegria dedico este volume a nossa filha Colleen Dane e nossas noras Debbie Swindoll e Jeni Swindoll.

Confio em que o Senhor irá graciosamente recompensá-las pelo seu carinho amoroso e fiel pelos maridos e dedicação profunda e perseverante aos filhos.

Da mesma forma como Deus usou Ester para transformar a sua época, que ele possa usar essas mulheres cheias de sensibilidade e coragem para moldar e mudar os dias em que vivem.

SUMÁRIO

<i>Introdução</i>	9
<i>Ester: uma mulher de sensibilidade e coragem</i>	13
1. <i>A providência invisível de Deus</i>	15
2. <i>Lá vai ela – a Miss Pérsia!</i>	37
3. <i>Manifestação de sensibilidade e coragem</i>	59
4. <i>Um interlúdio maligno</i>	77
5. <i>Pensando e dizendo o que é certo – haja o que houver</i>	97
6. <i>A hora esplendorosa de Ester</i>	117
7. <i>O que vai sempre volta</i>	137
8. <i>A magnífica soberania de Deus</i>	151
9. <i>E os muros ruíram</i>	169
10. <i>As limitações da vingança</i>	187
11. <i>Depois do sofrimento – comemoração!</i>	207
12. <i>No final, Deus vence</i>	223
<i>Conclusão</i>	237
<i>Notas</i>	239

INTRODUÇÃO

Ester: uma mulher de sensibilidade e coragem

“O poder de uma mulher!” Estas palavras se tornaram verdadeiramente proverbiais entre nós, embora às vezes ditas em tom agressivo. As feministas gostam especialmente dessa declaração ao sublinharem o papel todo-importante que as mulheres desempenham no trabalho. O adesivo no pára-choque anuncia insolente: “O homem certo para o cargo é uma mulher”. Isso é às vezes verdade, admito, mas sinto certo ceticismo quanto à atitude depreciativa por trás das palavras.

Há outras vezes em que a frase “o poder da mulher” é repetida em voz suave, com um sentimento de dignidade e respeito. Quem já não observou uma criança machucada engatinhar para os braços amorosos da mãe ou da avó e pôde ver que a dor vai rapidamente embora? Muitos tiveram ocasião de observar uma mulher eficiente entrar num ambiente caótico e colocá-lo em ordem, devolvendo-lhe o significado.

É preciso admitir que algumas mulheres simplesmente têm um toque especial. Tais “pioneiras” gostam de enfrentar

um desafio — elas enxergam além dos obstáculos, recusando intimidar-se com as dificuldades. Sei disso porque me casei com uma mulher assim! A maioria das pessoas que conheço ficaria cansada só de pensar na lista de coisas para fazer de Cynthia. Eu sei que fico!

“O poder da mulher” que se defronta com uma situação ameaçadora da qual não pode escapar vem em seguida. Um misto de insegurança e perigo se esconde nas sombras, enquanto ela percebe achar-se virtualmente presa num labirinto de angústia circunstancial que não pode vencer. De maneira notável, ela não se desespera. Pelo contrário, sobrevive e se supera. É como se tivesse sido feita para “uma conjuntura como esta”.

Ester era esse tipo de mulher.

Vítima inconsciente de uma situação insuportável, ela se ergueu e decidiu, pela graça de Deus, a mudar as coisas. Abandonando o protocolo e ignorando todos os seus temores, esta mulher tomou uma atitude que a maioria de suas semelhantes jamais se arriscaria a tomar. Ao agir desse modo, ela expôs e frustrou os planos de um homem perverso, que, como Adolf Hitler, tinha a mente saturada de violência. Essa mulher salvou, sozinha, seu povo do extermínio. Chamo isso de poder!

Esse tipo de material é que tornou prazeroso escrever este livro. Estou sendo sincero quando digo que ele tem tudo! Quando possuímos uma história assim atraente e uma conspiração assim intrigante, girando ao redor de uma mulher assim decidida, o sucesso é certo! Além do mais, os que resolverem ler sobre as coisas que aconteceram a Ester, irão descobrir rapidamente os tesouros ocultos neste personagem bíblico que muitos nunca fizeram uma pausa suficiente para apreciar. Confie em mim: Você vai ficar encantado com Ester. Depois, ficará imaginando como pôde ter vivido tanto tempo sem compreender a mensagem magnífica, realista e equilibrada que ela exemplifica, especialmente nestes dias de fantasias extravagantes e extremos radicais.

Este é o segundo volume da série de estudos biográficos sobre personagens bíblicos intitulada “Heróis da Fé”. Sinto-me gratificado com a reação absolutamente positiva do público à minha primeira biografia sobre Davi. Não pude então esperar para escrever este segundo volume, o qual me trouxe imenso prazer desde o início até o final. Uma das maiores razões para ter apreciado este projeto em particular foi minha “equipe de apoio”, aqueles que trabalharam nos bastidores, permitindo que o processo se desenrolasse sem tropeços e com eficiência.

Judith Markham serviu novamente com grande diligência e agudo discernimento ao revisar o original, fazendo sugestões úteis e dando nova vida a várias seções obscuras. Sinto-me também devedor de Bryce Klabunde pela sua atenção aos detalhes, enquanto verificava o texto, e por diversas sugestões positivas quanto à sua exatidão histórica e lingüística.

Helen Peters, minha sempre eficiente secretária há mais de vinte anos, acrescentou seu toque mágico no computador e forneceu os detalhes necessários às notas de rodapé, completando o rascunho final.

David Woberg da Word Publishing também me ajudou com seus empurrões bondosos, mantendo meus pés na fogueira, quando eu gostaria de ter ignorado o prazo final—o fantasma de todo autor! A sua criatividade no bonito desenho da capa me ajudou a esquecer o som do seu chicote.

A paciência e as orações de Cynthia, minha esposa há 42 anos e cuja dedicação não conhece limites, de certo me encorajaram imensamente. Minha sincera gratidão a cada um de vocês.

Durante todo o período em que estudei Ester, lembrei-me várias vezes do versículo 25 de Provérbios 31:

A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações.

Que descrição bela e seguramente exata de Ester. Quanto mais você a ler, mais irá concordar. Devo, porém, adverti-lo de que esta história está contida num livro da Bíblia diferente de todos os demais. Nas palavras do falecido Ray Stedman:

Este livrinho é um enigma para muitos, pois parece estar deslocado na Bíblia. Não há menção do nome de Deus em suas páginas, não há referência à adoração ou à fé. Em suma, não há nada religioso nele, pelo menos na superfície. Sua história é impressionante, mas seria de esperar encontrá-la nas páginas da revista *Seleções* em vez de na Bíblia.¹

Apesar de a história de Ester ser encontrada num livro bastante incomum da Bíblia, ela irá prender sua atenção do começo ao fim. Por mais estranha e enigmática que possa parecer aos olhos do observador casual, os que a examinarem mais profundamente descobrirão tesouros inesperados.

Vamos começar então outra jornada emocionante e insólita. A estrada fará voltas e curvas surpreendentes, mas, não se preocupe, não nos perderemos pelo caminho. Estamos simplesmente seguindo o Chefe, que gosta, às vezes, de nos deixar imaginando para onde vamos e porque esta estrada chamada vida parece tão confusa. As boas notícias são porém estas: ele sabe o que está fazendo. O seu caminho pode não ser aquele que esperamos, mas é o único caminho a seguir. Quando você mistura o poder de um Deus soberano com o de uma mulher piedosa, tem em mãos uma combinação vencedora.

Se gostou de *Davi: Um Homem Segundo o Coração de Deus*, vai ficar encantado com *Ester: Uma Mulher de Sensibilidade e Coragem*.

CHUCK SWINDOLL
Dallas, Texas

Ester

*Uma mulher de
sensibilidade e coragem*

CAPÍTULO UM

A providência invisível de Deus

A presença de Deus não provoca tanta curiosidade quanto a sua ausência. A sua voz não é tão eloqüente quanto o seu silêncio. Quem dentre nós não ansiou por uma palavra de Deus, buscou vislumbrar o seu poder, ou desejou a segurança da sua presença, sentindo entretanto que ele parece ausente no momento? Distante. Preocupado. Talvez indiferente. Mais tarde, todavia, compreendemos como ele se encontrava presente o tempo todo.

Há muito tempo, no ano de 1867, Walter Chalmers Smith, pregador e poeta escocês, escreveu palavras que vieram a fazer parte de um dos mais apreciados hinos da igreja:

Deus imortal, invisível, onisciente,
Oculto ao nosso olhar em luz inacessível,
Bendito, glorioso, Ancião de Dias,
Todo-poderoso, vitorioso—teu grande nome louvamos.

Incansável, sem se apressar, e silencioso como a luz,
Sem desejos, nem desperdícios, tu reinas soberano;

A tua justiça, como montanhas se alteando grandiosas;
As tuas nuvens, fontes de bondade e amor.²

Embora Deus possa parecer às vezes distante e apesar de não ser visível para nós, ele é sempre invencível. Esta é a principal lição do Livro de Ester. Embora o nome de Deus não conste das páginas deste livro específico da história judia, ele se acha presente em cada cena e no decorrer de cada evento, direcionando tudo de uma forma maravilhosa até provar que é o Senhor do seu povo, os judeus.

CONHECENDO MELHOR A DEUS

Antes de nos aprofundarmos na história de Ester, penso que precisamos ganhar um conhecimento mais profundo de Deus, a fim de apreciar melhor um livro que não menciona sequer uma vez o seu nome. Para isso, vamos examinar primeiro uma declaração feita por Paulo aos Romanos:

Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria, como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos!

Romanos 11.33

Acredito que a pena de Paulo pressionou com força o pergaminho ao escrever essas palavras, levando ao seu clímax este grande tratado doutrinário, este credo pessoal. Observe cuidadosamente o que ele diz.

Primeiro, *Deus tem uma mente*, descrita por Paulo como “juízos insondáveis”. O apóstolo desafia a mente humana a descobrir as profundezas da mente divina — elas são “insondáveis”. Um estudioso pode passar anos estudando outro ser humano — sua vida, seus escritos, sua obra — e chegar a uma profunda compreensão dessa pessoa. Podemos medir as profundezas da mente de outrem. O que não conseguimos é sequer arranhar a superfície dos juízos insondáveis.

veis de Deus. “Os meus pensamentos são mais altos do que os vossos pensamentos”, disse Deus a Isaías (Is 55.9).

Teólogos empenharam suas vidas perscrutando os traços, as características, a mão de Deus nas Escrituras. Todavia, os que são realmente sinceros e humildes o suficiente para admitir a verdade, chegam ao fim da sua jornada terrena reconhecendo que mal arranharam a superfície. Por ser Deus, seus pensamentos ultrapassam a nossa capacidade de compreensão plena... é impossível entendermos sua mente por completo.

Paulo repete as palavras que saíram primeiro dos lábios de um dos inquiridores de Jó e mais tarde do profeta Isaías:

Quem, pois, conheceu a mente do Senhor? ou quem foi o seu conselheiro?

Romanos 11.34

E qual a resposta?

Ninguém!

“Quem conheceu a mente de Deus?”

Ninguém!

“Quem deu algum dia conselhos a Deus?”

Ninguém! Sua mente, seus juízos são insondáveis.

Além disso, Deus tem uma vontade. Não se engane, porém, em relação a ela. Os caminhos dele são “inescrutáveis”. Nenhum ser humano pode prever ou sondar as profundezas da vontade divina. Por mais que nos empenhemos, não nos é possível desvendar seu plano. Não completamente. Não enquanto estivermos neste mundo.

O maior dos mistérios, no entanto, é que Deus pode ser profundamente conhecido pelos corações daqueles criados à sua imagem. Nas palavras ponderadas de A.W. Tozer:

É realmente um paradoxo que Deus possa ser conhecido em profundidade pela alma, em terna experiência pessoal, enquanto permanece infinitamente distante dos olhos curiosos da razão...³

Se nos aproximarmos de Deus apenas pela razão, encontraremos resistência, seremos mantidos à distância, incapazes de compreender os seus caminhos insondáveis. Se nos chegarmos, no entanto, com o coração sincero, pela fé, descobriremos que ele está esperando de braços abertos, pronto a aceitar, a receber e a dar-nos poder.

Quando reflito sobre o poder de Deus, geralmente penso em termos de “controle soberano”. Essas duas palavras são para mim as que melhor definem a idéia. Deus tem em suas mãos o controle soberano não só dos eventos nos dias de Paulo, mas também nos de nossos próprios dias. Em meio às exatas circunstâncias que o deixam perplexo hoje, perguntando-se o que deve fazer, ou até como conseguirá prosseguir, tenha a certeza de que o poder de Deus e o seu controle soberano já estão atuando. Deus não conhece a frustração. Ele jamais teve de coçar a cabeça, imaginando o que deve fazer em seguida com pessoas como nós, ou com as nações deste mundo.

Esse mesmo poder é clara e esplendidamente declarado nas frases de um dos mais poderosos profetas do Antigo Testamento — Daniel. Ele sabia tudo sobre a mente insondável e inescrutável de Deus. Nabucodonosor, um monarca que julgava ter em suas mãos o controle soberano do mundo, reinou durante os primeiros anos da vida de Daniel. Esse mundo era a Babilônia, um vasto império que conquistara não só outros reinos e nações poderosas, como também o povo de Deus, os judeus. Gloriando-se no seu grande poder, suas realizações e suas conquistas, o orgulhoso Nabucodonosor pavoneava-se arrogantemente em seu reino e refletia a seu próprio respeito, dizendo:

Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com o meu grandioso poder, e para glória da minha majestade?

Deus então interveio! Depois de informar o rei: “já passou de ti o reino”, o Senhor fez com que Nabucodonosor perdesse a razão. Como predito pelo profeta Daniel, o rei teve uma crise de loucura, a ponto de viver nos campos como um animal. Dias, semanas e anos se passaram, o orvalho caiu sobre ele pela manhã, as chuvas o molharam durante o dia, e o vento frio abraçou-o à noite. Nabucodonosor ficou insano até que Deus o levou a compreender que ele não era o deus da sua própria vida—não era o soberano deste mundo. Finalmente, num momento glorioso o antes orgulhoso rei reconheceu isto, conforme as palavras de Daniel:

Mas ao fim daqueles dias eu, Nabucodonosor, levantei os olhos ao céu, tornou-me a vir o entendimento, e eu bendisse o Altíssimo, e louvei e glorifiquei ao que vive para sempre...

Daniel 4.34

A quem Nabucodonosor bendiz, louva e honra? Ao Deus imortal, invisível, onisciente! Aquele que embora invisível é invencível, e enquanto invencível permanece soberano.

Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e segundo a sua vontade ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?

Daniel 4.35

Que magnífico resumo do controle soberano de Deus! Ele opera entre os exércitos dos céus, nos elementos básicos, no tecido da vida diária. Ele trabalha nas pessoas como você e eu, em cada geração, de cada ano.

Vivemos sob a mão cuidadosa, amorosa, graciosa e soberana do nosso Deus. Os movimentos do tempo e da história se fazem de acordo com os seus cálculos, exatamente como ele ordena.

Na época da Segunda Guerra Mundial, uma pichação engraçada começou a aparecer nos muros em toda parte, “Kilroy esteve aqui!” Esta frase foi encontrada nos muros da Alemanha, nos prédios de Tóquio e em grandes pedras na América. Kilroy estava em toda parte, ao que parecia.

Não se engane, porém, Deus não é como Kilroy. Ele não escreve o seu nome nos muros e rochas da vida, mas está lá— todos os dias, todas as horas, a cada tique-taque do relógio. Tomando de empréstimo a agora clássica frase de Francis Schaeffer: “Ele está lá e não está em silêncio”⁴. Nunca duvide da presença de Deus.

Ele está conosco em nossa peregrinação pessoal... Sua mente insondável operando em harmonia com sua vontade inescrutável, colocando as coisas sob o seu controle soberano. Penso na presença de Deus como “sua invisível providência”.

Providência. Usamos com facilidade essa palavra, mas você já fez uma análise dela? O termo vem do latim, *providentia*. *Pro* significa “antes” ou “antecipadamente”; *videntia* é derivada de *videre*, significando “ver”, de onde obtemos a palavra “vídeo”. (Isso deve parecer familiar a todos!) Junte as duas partes e terá “ver antecipadamente”, que é o que o Deus Todo-Poderoso faz. Ele vê os incidentes da vida antes que ocorram — algo que naturalmente nunca poderemos fazer.

Somos bons em história. Nossa visão em retrospectiva é quase sempre cem por cento; mas somos péssimos em profecia, isto é, nas especificações do futuro. Pare e pense. Não temos qualquer indício do que irá ocorrer daqui a um minuto, nenhuma idéia do que vai acontecer em seguida. Entretanto, o nosso Deus invisível, na sua *providentia*, está operando contínua, confiante e constantemente.

Sabe de uma coisa? A falta de conhecimento deixa alguns desesperados. Ela nos leva a extremos de euforia e depressão. Deus nos abençoa e agradecemos, nos testa e nos retorremos.

Choramos, sofremos, balançamos a cabeça. Mas, em meio a isso tudo, o Senhor nunca muda. Ele sabe o que faz e realiza os seus propósitos com determinação incansável. Como proclama outra estrofe do hino de Smith:

Desabrochamos e florescemos como folhas na árvore,
Murchamos e perecemos—mas tu és imutável!⁵

É claro que sim! Porque ele é Deus! Não é volúvel nem temperamental. Fará a sua vontade e não será frustrado. Se pensa que poderá enfrentá-lo, meu amigo, vai se surpreender. Se necessário, ele o reduzirá a nada para chamar sua atenção. Irá esmagá-lo, se for preciso, como fez com o rei Nabucodonosor. Porque Deus – e só Deus – é quem dá as cartas.

Você pode estar agora se perguntando o que toda essa teologia que extraí de Romanos 11 e Daniel 4 tem a ver com Ester. Afinal de contas, Deus não é mencionado vez alguma no Livro de Ester. De fato, ele é o único dos 66 livros da Bíblia que não cita o nome de Deus. Nenhuma oração é oferecida a ele. Ninguém diz: “Deus está aqui!” Ele não escreve no decorrer da narrativa: “Eu sou Deus, estou no controle. Estou resolvendo estas coisas. Vou cuidar desta mulher, de Ester”. Não. A história não se passa assim. Não é como a frase “Kilroy esteve aqui”. Ele é absolutamente invisível. Entretanto, está trabalhando!

Gosto da maneira como Matthew Henry diz isso:

Apesar de o nome de Deus não constar dele (Ester), o dedo do Senhor está dirigindo muitos dos detalhes com a finalidade de promover a salvação do seu povo.⁶

Ele não posa para um retrato na história de Ester, mas a sua mente, vontade, poder e presença operam em sintonia, em cada página.

OBSERVANDO AS OPERAÇÕES INVISÍVEIS DE DEUS

Descobrimos no livro de Ester o poder e a presença de Deus atuando por meio da vida de cinco pessoas, a fim de executar a sua vontade. Esses cinco indivíduos são os principais personagens da história. Vamos ter oportunidade de conviver bastante com eles, portanto, está na hora de conhecermos a cada um.

Um rei chamado Assuero

O primeiro personagem é um rei que encontramos nos dois primeiros versículos do livro.

Nos dias de Assuero, o Assuero que reinou desde a Índia até à Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias, naqueles dias, assentando-se o rei Assuero no trono do seu reino, que está na cidadela de Susã, no terceiro ano de seu reinado, deu um banquete a todos os seus príncipes e seus servos, no qual se representou o escol da Pérsia e Média, e os nobres e príncipes das províncias estavam perante ele.

Ester 1.1-3

Na ocasião em que se inicia a história de Ester, Assuero estava apenas no terceiro ano de seu reinado de 21 anos (485-465 a.C.). Rei poderoso, de Susã, sua capital, ele governava o vasto império persa, "desde a Índia até a Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias". Não havia homem com maior poder na terra naquela época do que o rei persa Assuero.

Uma rainha chamada Vasti

O segundo personagem importante da história é a rainha Vasti, a quem passamos a conhecer alguns versículos adiante.

Também a rainha Vasti deu um banquete às mulheres na casa real do rei Assuero.

Ester 1.9

Embora não saibamos muita coisa a respeito da rainha Vasti, somos informados de que era uma mulher de forte personalidade e independente, que não temia opor-se às vontades do rei, seu marido. A sua força de caráter foi na verdade o pivô do conflito na história... mas falaremos disso mais tarde.

Um oficial perverso chamado Hamã

O terceiro personagem é Hamã, um oficial rico e influente na corte do rei. Ele ocupava, de fato, a segunda mais alta posição no reino, graças à promoção que o rei lhe conferira.

Depois destas coisas o rei Assuero engrandeceu a Hamã, filho de Hamedata, o agagita, e o exaltou, e lhe pôs o trono acima de todos os príncipes que estavam com ele.

Ester 3.1

Logo iremos conhecer melhor a Hamã, o vilão anti-semita da trama, enganador e presunçoso.

Um judeu piedoso chamado Mordecai

A quarta pessoa de importância nesta história é um homem de Deus de nome Mordecai, um judeu que vivia na Pérsia.

Ora, na cidadela de Susã, havia certo homem judeu, benjamita, chamado Mordecai, filho de Jair, filho de Simei, filho de Quis, que fora transportado de Jerusalém, com os exilados que foram deportados com Jeconias, rei de Judá, a quem Nabucodonosor, rei de Babilônia, havia transportado.

Ester 2.5-6

Muitos anos antes do início da história de Ester, os judeus travaram uma guerra civil e a nação judaica se dividiu em dois reinos, Norte e Sul. O Reino do Norte recebeu o nome de Israel nas Escrituras. O Reino do Sul foi chamado Judá. A

maioria dos reis de ambos os reinos não andou com Deus, pelo menos não de forma constante. Em certo momento, Deus julgou o povo do Reino do Norte por causa da sua infidelidade obstinada e enviou os exércitos da Assíria contra ele. Em consequência disso, os judeus do Reino do Norte, Israel, vencidos pelos assírios, seguiram para o cativeiro. Mais de cem anos depois, Deus deu o mesmo castigo aos judeus do Reino do Sul por causa da sua desobediência.

Jeconias, também conhecido como Joaquim, o jovem rei de Judá que reinou em 597 a.C., usou a coroa apenas três meses. Nabucodonosor invadiu então suas terras, deportou-o para a Babilônia e removeu os tesouros do templo (2 Rs 24.8-16).

Onze anos mais tarde, em 586 a.C., Nabucodonosor voltou e destruiu Jerusalém, levando a maioria dos judeus para o cativeiro. A própria Babilônia veio a cair nas mãos dos medo-persas em 539 a.C. Assuero tornou-se rei do vasto império persa cerca de 485 a.C., aproximadamente cem anos depois da queda de Jerusalém.

O Livro de Ester é, portanto, uma fatia da história da vida dos judeus exilados na Pérsia. Esta história notável é uma prova de que Deus não se esquecera deles.

Mordecai descendia desses judeus exilados. Homem piedoso, seu papel mais significativo foi o seu relacionamento com o quinto e último personagem da nossa história.

Ele criara a Hadassa, que é Ester, filha de seu tio, a qual não tinha pai nem mãe; e era jovem bela, de boa aparência e formosura. Tendo-lhe morrido o pai e a mãe, Mordecai a tomara por filha.

Ester 2.7

Uma bela mulher, por dentro e por fora

“Ester”, nome persa desta jovem, significa “estrela”. Isto parece apropriado, desde que ela é verdadeiramente a estrela da peça, a heroína da história.

A mão invisível, onisciente de Deus está operando por trás das cortinas, oculta aos olhos humanos. Apenas um Ser com tal graça e sabedoria protegeria uma órfã esquecida, uma menina que perdera a mãe e o pai. Só essa Providência atuaria na vida de um pobre judeu deportado no poderoso império persa, onde Assuero reinava soberano e cruel, e o coçoso Hamã tramava suas perversas fraudes.

Todos os que tenham experimentado quebrantamento de espírito, que tenham sido esmagados pela vida, que considerem o seu passado tão pálido, tão incoerente, tão fragmentado, a ponto de não haver meios de Deus extrair qualquer significado dele, encontram aqui uma belíssima mensagem.

Vamos aprender lições inesquecíveis de Ester. Vemos aqui uma menina que deve ter chorado tristemente a morte dos pais, desolada e órfã, mas que em anos futuros iria tornar-se o instrumento para a sobrevivência do seu povo, os judeus. Deus e só Deus pode fazer coisas assim, e ele, de fato, as faz, operando silenciosa e invisivelmente por trás dos eventos da história.

Enredo da história

Quero mostrar-lhe alguns exemplos enquanto examinamos uma breve visão geral do enredo desta grande história. Vamos observar primeiro algo que parece inócuo e insignificante, mas que se torna o elo para a sobrevivência no plano inescrutável de Deus.

Naqueles dias, estando Mordecai sentado à porta do rei, dois eunucos do rei, dos guardas da porta, Bigtã e Teres, sobremodo se indignaram, e tramaram atentar contra o rei Assuero.

Ester 2.21

Bigtã e Teres. Até o nome deles soa como se fossem uma dupla de criminosos, não é? Pois são. “Tramaram atentar contra

o rei Assuero" é outro modo de dizer que estavam preparando um plano de assassinato.

Veio isso ao conhecimento de Mordecai, que o revelou à rainha Ester, e Ester o disse ao rei, em nome de Mordecai.

Investigou-se o caso, e era fato; e ambos foram pendurados numa forca. Isso foi escrito no livro das crônicas perante o rei.

Ester 2.22-23

Qual é então a grande novidade? O que este pedacinho de história tem a ver com qualquer coisa? Quem se importa com Bigtã e Teres? Ninguém! Só o escriba que escreveu as crônicas da história. Vamos por agora deixar esse bocado de trivialidade histórica em repouso. Por quê? Porque esse fato aparentemente insignificante vai se tornar vital no plano de Deus. Repito, por quê? Porque, como aprendemos antes, o Senhor é inescrutável e insondável, mas também invencível — tanto naquela época como agora.

O enfoque seguinte é Hamã. Este homem odeia Mordecai, não só por ser judeu, mas porque Mordecai não se curva diante dele. Hamã convence então o rei a aceitar seu plano, como se fosse um jogo. "Se seguir as minhas regras, aumentarei o seu tesouro. Tudo o que peço é que me autorize a livrar a terra de todos esses judeus." O rei Assuero, dando ouvidos a Hamã e ignorando o genocídio brutal planejado por ele, aceita com um aceno de mão. "Vá em frente, faça o que for necessário".

Quando Mordecai fica sabendo do golpe de Hamã, ele toma uma decisão perigosa, mas essencial. Deve contar à sua filha adotiva, Ester; ela precisa saber do plano de Hamã. A essa altura, Ester se tornara rainha, mas ninguém sabia que era judia. Quando a escolheram para consorte do rei, Mordecai aconselhou-a a não contar a ninguém a sua origem étnica. Ester, obedientemente, nada disse (Et 2.10).

Então lhes disse Mordecai que respondessem a Ester: Não imagines que, por estares na casa do rei, só tu escaparás entre todos os judeus. Porque, se de todo te calares agora, de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para tal conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?

Ester 4.13-14

Mordecai não tinha dúvidas de que os judeus sobreviveriam a esse holocausto. Ele estava convencido de que Deus não permitiria que seu povo fosse varrido da face da terra. Ele e Ester poderiam ser mortos, mas alguém iria finalmente salvar os judeus. Todavia, e se o plano de Deus já estivesse em processo? E se o meio de libertação já estivesse no lugar, colocado pela mão de Deus? E se... o plano incluísse o envolvimento de Ester?

“Ouça, Ester”, diz Mordecai, “a mão de Deus operou, fazendo-me receber a mensagem de Hamã de que os judeus seriam mortos e ela agiu também ao torná-la rainha. Você talvez tenha sido colocada nesta posição só para esta hora única em nossa história. Não se cale. Este é o seu grande momento. *Fale!* Suplique ao rei. Detenha esta conspiração contra o nosso povo!”

Já ouvi pessoas afirmarem que não crêem na soberania de Deus porque tal coisa iria tornar o indivíduo passivo. Eu não concordo! Não se ela permanecer equilibrada e bíblicamente orientada. Pelo contrário, a soberania de Deus me torna ativo, levando-me à sua presença enquanto suplico: “Senhor, deixa-me participar do processo, se for do teu agrado. Ativa-me em teu plano de ação. Estou disponível. Fala por meu intermédio. Usa-me”.

Em Ester não encontramos certamente passividade. Em resposta ao pedido e advertência de Mordecai, ela lhe envia esta mensagem:

Vai, ajunta a todos os judeus que se acharem em Susã, e jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias, nem de noite nem de dia; eu e as minhas servas também jejuaremos. Depois irei ter com o rei, ainda que é contra a lei; se perecer, pereci.

Ester 4.16

Que jovem corajosa! Que ensinamentos deve ter recebido para responder desse jeito! Você está criando assim sua filha? Você a está influenciando e ensinando para que, algum dia, quando enfrentar a necessidade de tal decisão, ela diga: “Se tiver de perecer, pereci”?

Gosto do desafio contido na letra de outro grande hino cristão:

Dá teus filhos (e filhas) para levarem a mensagem gloriosa;
Dá de tua riqueza para apressá-los no caminho;
Derrama tua alma por eles em oração vitoriosa;
E tudo que de ti deres Jesus te retribuirá.⁷

Você fica ao lado do leito de seus filhos pequenos, orando: *Senhor, faze com que ela venha a ser corajosa, como Ester; cultiva nele o coração de um Mordecai. Transmite a tua mensagem através de seus lábios. Realiza teu grande plano por intermédio da vida deste meu filho precioso.*

À medida que as atividades aumentam, a conspiração se adensa. Ester planeja um banquete para o rei e Hamã. Cego de vaidade, Hamã pensa que a rainha quer homenageá-lo. Mas, quando o rei pergunta a Ester qual o pedido que ela quer que ele lhe conceda, a rainha responde: “Quero que ambos venham a outro banquete amanhã e então lhe direi qual o meu pedido”.

Hamã ficou emocionado! A rainha ia homenageá-lo duas vezes com uma festa na presença do rei Assuero. Ela deve dar-me muito valor, pensou ele.

De volta para casa, ele viu Mordecai, aquele judeu que não queria oferecer-lhe a homenagem e a deferência que julgava merecer. Hamã ficou furioso ao ver o inimigo. Ao chegar em casa, porém, ele voltou a sentir-se envaidecido com a sua glória e repetiu em detalhes, para a mulher e os amigos, o banquete com o rei e a rainha, e o convite para honra dobrada no dia seguinte. Mesmo assim, algo o incomodava.

Porém tudo isto não me satisfaz, enquanto vir o judeu Mordecai assentado à porta do rei.

Ester 5.13

Explicação? “Esse Mordecai me deixa louco” (paráfrase do autor).

Então lhe disse Zeres, sua mulher, e todos os seus amigos: Faça-se uma forca de cinqüenta côvados de altura, e pela manhã diga ao rei que nela enforcuem a Mordecai; então entra alegre com o rei ao banquete. A sugestão foi bem aceita por Hamã, que mandou levantar a forca.

Ester 5.14

Mas, veja o que acontece em seguida! É esplêndido! Não! É mais que esplêndido. É inescrutável. Insondável. Imortal. Veja! O rei não consegue dormir.

Naquela noite o rei não pôde dormir; então mandou trazer o livro dos feitos memoráveis, e nele se leu diante do rei.

Ester 6.1

Enquanto Hamã e seus asseclas construía uma forca gigantesca para pendurar Mordecai, Assuero ouvia a história do que acontecera no reino durante os últimos anos, possivelmente esperando que a monótona leitura o fizesse adormecer.

Achou-se escrito que Mordecai é quem havia denunciado a Bigtã e a Teres, os dois eunucos do rei, guardas da porta, que tinham procurado matar o rei Assuero.

Ester 6.2

Ao ouvir essas palavras, a mente do rei fixou-se imediatamente nelas, despertando completamente. Ele esquecera que Mordecai descobrira a conspiração contra a sua vida. (Ah! É aqui que entra aquele pedacinho trivial e “insignificante”!) Ele esquecera que Mordecai salvara literalmente o seu pescoço.

Então disse o rei: Que honras e distinções se deram a Mordecai por isso? Nada lhe foi conferido, responderam os servos do rei que o serviam.

Ester 6.3

Que situação estranha! Hamã estava lá fora construindo uma forca para matar Mordecai e, enquanto isso, no palácio, no meio da noite, o rei procura um jeito de homenagear esse mesmo homem. Que ironia! Justiça poética na melhor das hipóteses.

— O que foi feito para homenagear este homem, Mordecai, pelo que fez por mim? — pergunta Assuero.

— Nada — respondem os servos.

— Vamos remediar então isso — replica o rei. — Quem está no pátio?

Já devia ser provavelmente madrugada a essa altura e não havia muita gente ainda de pé, pelo menos não na corte. Mas, os servos verificam e, olhem só, adivinhem quem se encontra ali? Hamã. Ele ficou acordado a noite inteira levantando a forca e está ansioso para ser recebido pelo rei, a fim de prosseguir com o seu plano de executar Mordecai. A mão da Providência! Gosto disso!

Perguntou o rei: Quem está no pátio? Ora, Hamã tinha entrado no pátio exterior da casa do rei, para dizer ao rei que se enforcasse a Mordecai na forca que ele, Hamã, lhe tinha preparado. Os servos do rei lhe disseram: Hamã está no pátio. Disse o rei que entrasse. Entrou Hamã. O rei lhe disse: Que se fará ao homem a quem o rei deseja honrar? Então Hamã disse consigo mesmo: De quem se agradaria o rei mais do que a mim para honrá-lo?

Ester 6.4-6

Hamã é tão egocêntrico que só consegue ver a si mesmo. Tão vaidoso que está a ponto de explodir. O rei certamente só poderia estar falando dele. É ele quem o rei quer honrar. Esfrega mentalmente as mãos, pensando: "Agora vou receber o que mereço!" E começa a mencionar todas as coisas maravilhosas que o rei deveria fazer por tal pessoa.

E respondeu ao rei: Quanto ao homem a quem agrada ao rei honrá-lo, tragam-se as vestes reais de que o rei costuma usar, e o cavalo em que o rei costuma andar montado, e tenha na cabeça a coroa real; entreguem-se as vestes e o cavalo às mãos dos mais nobres príncipes do rei, e vistam delas aquele a quem o rei deseja honrar; levem-no a cavalo pela praça da cidade, e diante dele apregoem: Assim se faz ao homem a quem o rei deseja honrar.

Ester 6.7-9

O rei respondeu: "Boa idéia!" (Você está sorrindo... e eu também.)

Então disse o rei a Hamã: Apressa-te, toma as vestes e o cavalo, como disseste, e faze assim para com o judeu Mordecai, que está assentado à porta do rei; e não omitas cousa nenhuma de tudo quanto disseste.

Ester 6.10

Como vê, quando Deus é quem dá as cartas, ninguém pode detê-lo! O homem mais poderoso da terra depois do rei fica com as mãos atadas e a boca fechada. Deus e só Deus pode realizar tais prodígios.

Hamã não pode acreditar no que está acontecendo. Ele não tem alternativa senão obedecer ao rei; mas, quando chega em casa, entra em crise.

Contou Hamã a Zeres, sua mulher, e a todos os seus amigos, tudo quanto lhe tinha sucedido. Então os seus sábios, e Zeres, sua mulher, lhe disseram: Se Mordecai, perante o qual já começaste a cair, é da descendência dos judeus, não prevalecerás contra ele, antes certamente cairás diante dele.

Ester 6.13

Não é admirável o conselho que a mulher de Hamã lhe dá? Em outras palavras: “Não fique assim tão esperançoso, meu caro. Você está a caminho do fim” (outra paráfrase do autor). E foi exatamente isso que aconteceu.

Enforcaram, pois, a Hamã na forca que ele tinha preparado para Mordecai. Então o furor do rei se aplacou.

Ester 7.10

Shakespeare escreveu há muito tempo: “Preso em sua própria armadilha!” Isso foi precisamente o que aconteceu com Hamã. Por quê? Por causa de Deus e só de Deus. De repente, o velho hino ganha novo significado:

Deus imortal, invisível, onisciente,
Oculto ao nosso olhar, em luz inacessível,
Bendito, glorioso, Ancião de Dias,
Todo-Poderoso, vitorioso—teu grande nome louvamos.⁸

A mensagem inevitável

Quando leio este livro que nunca menciona a Deus, eu o vejo mais profunda e eloqüentemente retratado nele inteiro. Está ali em tinta invisível. É como a vida. Nunca vi nada escrito no céu dizendo: “Estou aqui, Chuck. Pode contar comigo”. Nunca ouvi uma voz audível no meio da noite me afirmando: “Estou aqui, meu filho”, mas, pela fé, eu o vejo e, de modo inaudível, ouço-o regularmente, lendo-o escrito nos eventos da minha vida — quer nos golpes esmagadores que me obrigam a cair de joelhos, quer nos alegres triunfos que fazem meu coração exultar.

Quando me detenho o suficiente para um retrospecto, compreendo que é a mente insondável, a vontade inescrutável, o controle soberano, a irresistível providência de Deus atuando, porque ele, embora invisível, permanece invencível.

RESPONDENDO ÀS INSTIGAÇÕES SILENCIOSAS DE DEUS

Meu intento aqui não é simplesmente contar a você uma história da Pérsia antiga ou acrescentar o nome de Assuero ao de todos os reis históricos que você teve de decorar na escola. Não me importo com isso. Meu interesse é que você veja a relação existente entre as verdades comunicadas na história de Ester e a realidade diária da sua vida. Um meio de conseguir isto é compreender que as forças que você julga estarem preparadas para o seu pescoço não são absolutamente forças.

O que poderiam ser esses cadafalsos? Algum sofrimento terrível? Uma ameaça de doença ou necessidade de cirurgia? Um estresse emocional que parece ser a morte das suas emoções? Algum relacionamento rompido que não consegue reparar ou superar? Uma perda súbita que o deixa imerso em sofrimento? Uma incerteza relativa à sua carreira? Uma catástrofe financeira? Ou, pior que tudo, um vazio espiritual que ameaça a sua alma?

Tenho boas notícias. Fique quieto... faça uma pausa deliberada e descubra que Deus é Deus. Deixe de procurar segurança no seu tesouro pessoal. Não tente reter o controle. Não manipule mais as pessoas e as situações. Pare de dar desculpas pelas suas irresponsabilidades. Pare de ignorar a realidade. Não racionalize o seu caminho pela vida. *Pare com tudo isso!* Como? Você pergunta.

Inicialmente: *Fique quieto*. O Deus imortal, invisível, onisciente, oculto de seus olhos, está trabalhando. Fique quieto e, pelo menos desta vez, ouça.

Finalmente: *Convença-se*. Diga ao Senhor Deus: "Estou convencido de que tu estás operando em meio às forças da minha vida. Posso vê-las de madrugada, antes do sol nascer, mas sei que tu operas! Não posso mudar os acontecimentos. Sei, porém, que tu estás no meio deles. Salva-me. Venho a ti por meio de Cristo. Venho a ti sozinho. Estou em silêncio e, finalmente, estou convencido".

James Hastings captura a essência do Livro de Ester nestas palavras:

Este Livro de Ester não fala muito sobre Deus, mas a presença do Senhor paira sobre todo ele, e é a verdadeira fonte que supre os personagens vistos no texto.⁹

Séculos depois de Ester ter vivido e anos antes de James Hastings nascer, houve um homem chamado William Cowper. Com apenas 32 anos, na agonia de uma profunda depressão e desespero, Cowper decidiu finalmente agir por conta própria e suicidar-se. Ele alugou uma carruagem que o levasse até o rio Tâmis. O cocheiro, um completo estranho, ao ver as intenções do jovem desesperado, agarrou-o e impediu-o de pular na corrente caudalosa do grande rio.

De volta à sua casa, Cowper ingeriu veneno. Alguém o encontrou em tempo para dar-lhe o antídoto necessário. Naquela noite ele pegou uma faca e atirou-se sobre ela; e, acre-

dite..., a lâmina quebrou. Na manhã seguinte ele se enforcou. Um vizinho, entretanto, preocupado com o rapaz, encontrou-o e cortou a corda antes que morresse. Por causa do poder insondável, inescrutável de Deus, embora invisível, William Cowper não conseguiu controlar as circunstâncias... não pôde sequer tirar a própria vida!

Sofrendo de depressão aguda e profunda inquietação mental, quase à beira da loucura, ele voltou-se cada vez mais para Cristo e só a Cristo para obter consolo. Tempos depois, fez amizade com o grande John Newton. Finalmente, os dois vieram a colaborar numa publicação intitulada *Olney Hymns*, em que Newton publicou o hino que mais amava: "Amazing Grace" (Maravilhosa Graça).

Treze anos depois de suas tentativas de suicídio, Cowper começou também a escrever hinos. Ele escreveu 67 dos hinos publicados nessa obra, inclusive este muito conhecido:

Deus se move de maneira misteriosa,
Realizando seus prodígios;
Por sobre o mar ele anda,
E a tempestade cavalga.

Em mananciais profundos e impenetráveis,
Com habilidade nunca malograda,
Entesoura seus gloriosos desígnios,
E opera sua vontade soberana.

Não julgue o Senhor com seu frágil sentido,
Mas confie nele pela sua graça;
Por trás de uma providência sisuda,
Esconde-se um rosto sorridente.¹⁰

Vamos ver esse "rosto sorridente" em cada curva da vida de Ester.

CAPÍTULO DOIS

Lá vai ela – a Miss Pérsia!

Quase todos os nossos dias começam iguais. Poderíamos muito bem colocar em nosso diário, dia após dia, as mesmas três palavras: “Nada de novo”. Os dias não começam com palavras escritas no céu. Não somos atirados nas horas da manhã por qualquer grande movimento reconhecível de Deus, no qual podemos sentir a sua presença ou ouvir audivelmente a sua voz. Coros de anjos não nos acordam com celestial harmonia, fundindo suas vozes no “Aleluia” final. No geral é “a mesma música, quinto verso” (ou será o sexto?).

Os dias que começam previsíveis, às vezes, nos levam a uma série incrível, indescritível de experiências espantosas. Dias comuns podem tornar-se de fato extraordinários. Tão diferentes, tão fundamentais que mudam todo o curso da nossa vida.

COMEÇOS ROTINEIROS – FINAIS INCRÍVEIS

Pense biblicamente. Procure lembrar-se de algumas cenas inspiradoras. Você se recorda daquela manhã quando as chu-

vas começaram e houve o grande Dilúvio na terra, destruindo todos os seres com vida, exceto Noé e sua família e os animais que entraram na arca? Ou daquela manhã no deserto do Sinai quando o arbusto pareceu queimar com fogo inextinguível, convencendo um Moisés octogenário e relutante de que deveria tirar seu povo do Egito?

E aquela outra manhã nas montanhas da Judéia quando um adolescente judeu que cuidava das ovelhas, como de hábito, ouviu a voz do pai, Jessé, chamando-o para que fosse para casa? E antes que o sol se escondesse naquele mesmo dia, Davi ficou sabendo que numa época futura ele seria o novo rei de Israel!

E a chegada de Jesus? Não havia um cidadão da Judéia que tivesse acordado naquela manhã esperando que o dia trouxesse um evento tão transformador de vidas na aldeia de Belém. Todavia, antes de ele terminar, o pequeno Cordeiro de Maria nasceu... e o mundo jamais voltaria a ser o mesmo.

Ou, o que dizer da manhã em que Cristo ressuscitou dentre os mortos? Ninguém esperava por isso—nem os seus mais íntimos discípulos. Seu cadáver fora colocado numa sepultura. Esta fora selada e soldados romanos a guardavam noite e dia. No entanto, aquela manhã comum de primavera introduziu o alvorecer de uma série incrível de eventos que afetaram cada uma de nossas vidas.

Em último lugar, e o dia que ainda não houve—o dia da volta de Cristo? Nesse dia glorioso, as crianças irão para a escola, carregadas com seus livros e cadernos e seus lanches variados. O trânsito da hora do “rush” congestionará as grandes avenidas. Os lojistas abrirão suas portas aos fregueses. A Bolsa de Valores estará zumbindo de energia nervosa e atividade. As donas de casa terão ido às compras. Aviões decolarão e aterrissarão. Juízes distribuirão sentenças nos tribunais, ouvindo um caso após outro. Repórteres de televisão, ocupados como sempre na busca de notícias, continuarão em seu trabalho diário.

De repente, num piscar de olhos, Cristo rasgará o céu e o grande plano de Deus para o futuro irá ocupar subitamente o centro do palco. Poderia ser amanhã. *Poderia ser hoje!* Mas, seja quando for, essa manhã começará como qualquer outro dia, sem novidades.

F.B. Meyer disse muito bem:

Prepare-se para o serviço de Deus; seja fiel. Ele irá chamá-lo... Em algum lugar improvável, numa choça de pastor, ou na casa pobre de um artesão, Deus tem o seu instrumento preparado e apontado. A flecha por enquanto está oculta em sua aljava, coberta pela sua mão; mas, no momento exato em que fizer o maior efeito, ela vai surgir e ser lançada ao ar.¹¹

O episódio ocorrido com Ester foi exatamente assim. Ela era uma jovem desconhecida, órfã, cuja vida não tinha absolutamente qualquer ligação com o homem mais poderoso do império persa. Todavia, Deus, em sua obra providencial, estava tecendo, juntas, essas duas vidas não relacionadas. Com um sorriso no rosto, o Senhor deu início a tudo num desses dias comuns. O dia do “lançamento” de Ester começou como qualquer outro “nos dias de Assuero”. De fato, a história dela começa como qualquer outro relato histórico e rotineiro.

APENAS OUTRO COMEÇO “SEM NADA DE NOVO”

Nos dias de Assuero, o Assuero que reinou desde a Índia até à Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias...

Ester 1.1

Apenas outro rei, vivendo outro dia de outro ano.

Pouco depois, entretanto, como qualquer outra história, mesmo aquelas que começam com “Era uma vez”, notamos alguns detalhes peculiares que nos fazem ficar alertas e aten-

tas. Por exemplo, o v. 3 diz que Assuero estava no terceiro ano do seu reinado. Guarde esse detalhe em mente, porque vamos voltar a ele para salientar a sua importância.

É-nos dito então que o rei deu um banquete. Na superfície, não há nada de extraordinário nisso, os banquetes reais eram comuns entre a nobreza antiga, em especial nessa cultura. Este banquete, porém, realmente extrapolou. Observe o seu tamanho e duração.

No terceiro ano do seu reinado, deu um banquete a todos os seus príncipes e seus servos, no qual se representou o escol da Pérsia e Média, e os nobres e príncipes das províncias estavam perante ele. Então mostrou as riquezas da glória do seu reino, e o esplendor da sua excelente grandeza, por muitos dias, por cento e oitenta dias.

Ester 1.3-4

Você pode acreditar nisso? Um banquete de 180 dias! Estamos falando de banquetear-se seis meses, o que torna as festas dadas pelas celebridades de hoje simples improvisações! Durante seis meses, as demonstrações e troféus alardeavam a majestade e a glória do rei Assuero. As exposições eram de toda espécie, desde escravos que o rei fizera dentre os povos conquistados, até as riquezas que ele acumulara.

O banquete continha todos os ingredientes de uma celebração pagã. Música alta, danças selvagens. Comida demais. Bebida em excesso. Do começo ao fim, comentários lisonjeiros ao rei eram prodigamente expostos aos olhos dos presentes.

Escavações arqueológicas em Susã desenterraram inscrições em que este rei faz referências à sua pessoa como: "O grande rei. O rei dos reis. O rei de terras ocupadas por muitas raças. O rei desta grande terra". O velho Assuero não tinha qualquer complexo de inferioridade!

Como se tudo isso não bastasse, em seguida à extensa autoglorificação do rei, outro grupo foi convidado para um segundo banquete.

Passados esses dias, deu o rei um banquete a todo o povo que se achava na cidadela de Susã, assim para os maiores como para os menores, por sete dias, no pátio do jardim do palácio real.

Ester 1.5

Desta vez o rei persa abriu as portas e deixou que todos entrassem, desde os menores até o maiores. Eles compareceram aos milhares, provavelmente às dezenas de milhares — durante sete dias.

Havia tecido branco, linho fino, estofas de púrpura, atados com cordões de linho e de púrpura a argolas de prata e a colunas de alabastro. A armação dos leitos era de ouro e de prata, sobre um pavimento de pórfiro, de mármore, de alabastro e de pedras preciosas.

Ester 1.6

A glória desse cenário deve ter sido espantosa. Como era de se esperar, havia também bebida em abundância.

Dava-se-lhes de beber em vasos de ouro, vasos de várias espécies, e havia muito vinho real, graças à generosidade do rei.

Ester 1.7

“Não poupem nada!”, ordenou o rei. “Tragam o melhor vinho de minhas adegas. Que bebam o quanto quiserem.”

Bebiam sem constrangimento, como estava prescrito, pois o rei havia ordenado a todos os oficiais da sua casa que fizessem segundo a vontade de cada um.

Ester 1.8

Os convidados podiam beber pouco ou muito. Se não quisessem beber nada, não fazia mal. Cada indivíduo tinha liberdade de ação em meio ao banquete e à orgia. Aquela era uma

exibição incrível de majestade, poder e riqueza. A celebração de toda uma existência — um banquete a ser lembrado.

Algo importante, porém, faltava naquela cena—a rainha. Gini Andrews, em seu romance histórico, minucioso e cuidadosamente pesquisado: *Esther: The Star and the Sceptre* (Ester: A Estrela e o Cetro), diz que Vasti estava dando um banquete, no palácio, porém em separado, para as mulheres, as esposas, irmãs e mães dos maioraes de Susã.

Também a rainha Vasti deu um banquete às mulheres na casa real do rei Assuero.

Ester 1.9

Algo, porém, aconteceu. Um desses incidentes inesperados, mas críticos, que mudam tudo.

Ao sétimo dia, estando já o coração do rei alegre do vinho, mandou a Meumã, Bizta, Harbona, Bigtá, Abagta, Zetar e Carcas, os sete eunucos que serviam na presença do rei Assuero, que introduzissem à presença do rei a rainha Vasti, com a coroa real, para mostrar aos povos e aos príncipes a formosura dela, pois era em extremo formosa.

Ester 1.10-11

Toda aquela orgia inevitavelmente levou a excessos, devassidão e bebedeira. A essa altura o rei já se encontrava embriagado. Nesse estado de intoxicação alcoólica, ele decidiu exibir outro de seus tesouros: a beleza física da sua rainha. Ordenou que ela fosse levada ao salão do banquete, usando a coroa real. Ele queria fazer desfilar beleza dela diante de todos os convidados bêbados, para seu gozo... e inveja.

Os eruditos lutaram com o significado da ordem do rei. Alguns sugeriram que ela simplesmente indicava que Vasti deveria comparecer sem véu, o que já teria sido um escândalo numa corte persa. Outros sugerem que deveria aparecer

usando apenas a coroa, o que teria sido outro tipo de escândalo. Mas, qualquer que fosse a ordem, a rainha simplesmente se negou!

Porém a rainha Vasti recusou vir por intermédio dos eunucos...

Ester 1.12

Alexander Whyte, o ministro escocês do século XIX que escreveu estudos magistrais sobre personagens do Antigo e do Novo Testamento, diz a respeito da rainha Vasti:

O escritor sagrado nos faz respeitar a rainha Vasti em meio a seu ambiente repulsivo... qualquer que tivesse sido a ordem real que chegou a ela do salão do banquete, a corajosa rainha recusou-se a obedecer. Sua beleza era só dela e do marido, não se destinava a exposições públicas diante de centenas de homens semi-embriagados. No final, o resultado da obra maligna daquela noite foi a expulsão de Vasti em desgraça... Devemos atentar, contudo, que o ponto principal do escrito é este: a Mão Divina se achava, todo o tempo, prevalecendo sobre a brutalidade de Assuero...¹²

Eu também admiro a rainha Vasti. Em meio a uma cena desagradável, ela teve a coragem de dizer não ao que estava flagrantemente errado e, ao resistir a esse ato ofensivo à sua dignidade, ela se opôs ao maior poder no seu universo. Um ponto para ela!

Submissão não significa que a mulher tenha de ceder aos desejos carnis do marido, como se fosse um simples fantoche. Nunca foi intenção de Deus sujeitar a esposa às inclinações perversas do cônjuge.

No caso do rei Assuero, isto tomou a forma de querer exibi-la diante de pessoas que não teriam nada em mente além de luxúria. O que ele pediu não foi submissão, mas escravidão sexual. Aplaudo a rainha Vasti pela sua atitude corajosa.

O casamento não dá ao marido o direito ou a licença de realizar suas fantasias mais ignóbeis, usando a mulher como objeto sexual.

Como exerço o ministério há mais de 35 anos, praticamente nada me abala. Mas, de vez em quando, tenho de conter-me quando ouço o que alguns homens exigem das esposas, chamando isso de submissão. Trata-se, na verdade, de algo ofensivo e vergonhoso. Uma palavra de advertência neste ponto: Tenham cuidado, homens, com o que pedem à mulher que Deus lhes deu. Certifiquem-se de que isso não fere a dignidade dela como pessoa, ou que transforme um ser humano precioso, criado à imagem de Deus, num objeto sexual para a sua satisfação física.

Assuero evidentemente não conhecia tal inibição, porque a recusa da rainha o enraiveceu. A sua embriaguez contribuiu sem dúvida para isto.

O rei muito se enfureceu, e se *inflamou* de ira. Então o rei consultou os sábios que entendiam dos tempos (porque assim se tratavam os interesses do rei na presença de todos os que sabiam a lei e o direito; e os mais chegados a ele eram: Carsena, Setar, Adamata, Társis, Meres, Marsena e Memucã, os sete príncipes dos persas e dos medos, que se avistavam pessoalmente com o rei, e se assentavam como principais no reino), sobre que se devia fazer segundo a lei à rainha Vasti, por não haver ela cumprido o mandado do rei Assuero, por intermédio dos eunucos.

Ester 1.12-15 (grifo do autor)

Todo chefe de estado tem à sua volta pessoas que não querem senão agradá-lo, não importa o que isto exija, e Assuero não era exceção a essa regra.

Os sete príncipes são nomeados e não podem ser então confundidos com os sete eunucos mencionados antes, que serviam no palácio do rei. Esses sete príncipes formavam o seu gabinete, eram os seus conselheiros, e ele lhes perguntou:

“O que vamos fazer? Qual deve ser a nossa atitude?” A reação da rainha o deixara realmente perplexo.

Então disse Memucã na presença do rei e dos príncipes: A rainha Vasti não somente ofendeu ao rei mas também a todos os príncipes, e a todos os povos que há em todas as províncias do rei Assuero. Porque a notícia do que fez a rainha chegará a todas as mulheres, de modo que desprezarão a seus maridos, quando ouvirem dizer: Mandou o rei Assuero que introduzissem à sua presença a rainha Vasti, porém ela não foi. Hoje mesmo as princesas da Pérsia e da Média, ao ouvirem o que fez a rainha, dirão o mesmo a todos os príncipes do rei; e haverá daí muito desprezo e indignação.

Ester 1.16-18

Eu diria que esse é um exemplo clássico de reação exagerada, e você? Ficamos pensando nesse sujeito, Memucã... é bem possível que tivesse problemas em casa. Esta decisão talvez pudesse ser usada como uma oportunidade para mandar uma mensagem à esposa, assinada indiretamente com o carimbo do anel real. Se foi esse o caso, explicaria a sua atitude impiedosa em relação a Vasti! Ele queria tirar proveito da ocasião.

É evidente que tanto ele como os outros homens presentes temiam que dentro em breve as mulheres do reino comesçassem a seguir o exemplo da rainha Vasti. Quero dizer, os homens perderiam completamente o controle das esposas!

Quase que se pode ouvir aquela porção de homens murmurando e resmungando: “É isso mesmo, companheiro. A minha mulher também é assim, teimosa como ela só. Espere até que fique sabendo disto. Não haverá meios de controlá-la”. E assim por diante.

Tudo isso levou Memucã ao seu ultimato:

Se bem parecer ao rei, promulgue de sua parte um edito real, e que se inscreva nas leis dos persas e dos medos, e não se revo-

gue, que Vasti não entre jamais na presença do rei Assuero; e o rei dê o reino dela a outra que seja melhor do que ela.

Ester 1.19

Vemos aqui, portanto, o resultado. Memucã queria que o edito constasse da lei dos medos e persas—lei que não pode ser mudada. A sua sugestão afetaria assim mais do que a Vasti, ela teria efeito direto sobre todos os casamentos. Mas, se a tentativa tinha o propósito de fazer com que as persas respeitassem mais os maridos, eles usaram um método muito estranho!

É bem provável que você esteja pensando neste momento: *O que tudo isto tem a ver com justiça? E onde Ester entra nessa história?* Só chegamos até agora a uma enorme reunião, um rei embriagado e mais de seis meses de orgia e exibição escandalosa de apetites carnis de uma corja de homens inseguros, frustrados, e...espere um pouco. Lembra-se do que dissemos no princípio? Deus não só se move de maneira misteriosa, mas também no dia a dia. Pode não parecer assim, mas a sua mão não está longe desta (nem de qualquer outra) cena.

Se não acredita em mim, veja o final da sugestão de Memucã:

...e o rei dê o reino dela a outra que seja melhor do que ela.

Ester 1.19

Na verdade, quatro palavras bastariam para esclarecer: Sai Vasti, entra Ester.

O que deve ser lembrado é que Ester não tem a menor idéia desses acontecimentos: Ela não sabe absolutamente nada do que ocorre no palácio do rei. Desconhece igualmente este "edito real" que irá precipitar eventos que mudarão totalmente a sua vida. Ester continua em sua rotina, saudando o nascer do sol em cada manhã comum, dando conta de suas responsabilidades diárias! Como será grande a sua surpresa!

Este é o prodígio da soberania divina. Trabalhando por trás das cortinas, Deus está movendo, empurrando e reorganizando os eventos, assim como mudando as mentes até que possa extrair do mais carnal e secular dos ambientes uma decisão que irá colocar seu plano perfeito em andamento. Vemos isso aqui e continuaremos a ver em toda a história de Ester.

Não caia na armadilha de pensar que Deus está dormindo quando se trata das nações, ou de que ele está fora do ar quando se trata de banquetes mundanos, ou que fica sentado no céu apertando as mãos no que diz respeito a reis ímpios (e presidentes insensatos!) que tomam decisões injustas, precipitadas ou absurdas. Marque isto com tinta indelével: Deus está sempre ativo. Os caminhos dele são, porém, tão diferentes dos nossos que tiramos rapidamente conclusões falsas e reagimos sem refletir, ou ficamos paralisados e em pânico. Respire fundo agora e leia o lembrete eterno de Isaías:

Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor, porque, assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos. Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus, e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra e a fecundem e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca; não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz, e prosperará naquilo para que a designei.

Isaías 55.8-11

Veja agora o restante das idéias de Memucã para o rei e lembre-se do que eu disse sobre a razão por trás das suas sugestões radicais.

Quando for ouvido o mandado, que o rei decretar em todo o seu reino, vasto que é, todas as mulheres darão honra a seus maridos, assim aos mais importantes como aos menos importantes. O conselho pareceu bem tanto ao rei como aos príncipes; e fez o rei segundo a palavra de Memucã. Então enviou cartas a todas as províncias do rei, a cada província segundo o seu modo de escrever, e a cada povo segundo a sua língua: Que cada homem fosse senhor em sua casa, e que se falasse a língua do seu povo.

Ester 1.20-22

Não se engane, eu aprovo totalmente a submissão, desde que seja bíblica. Estou também a favor de o marido ser o líder do lar, desde que ele seja o tipo de líder que Deus estabeleceu nas Escrituras, e não segundo o que foi estabelecido em algum conceito de liderança e submissão em proveito próprio e humilhante. Aprovo os papéis que Deus estabeleceu para os maridos e esposas na sua Palavra; creio neles e os promovo sempre que posso. Entretanto, maridos, não obtemos obediência por decreto. Não conseguimos submissão mediante leis, e certamente não de um rei cuja casa e harém estão em tumulto! Não obstante, o edito é promulgado e o plano começa a se desenrolar.

Alexander Whyte completa os primeiros pensamentos a que me referi com estas palavras bem aplicadas:

Devemos notar atentamente que o ponto do escritor sagrado é na verdade este: a Mão Divina prevaleceu sempre sobre a brutalidade de Assuero, sobre a dignidade feminina de Vasti, a beleza de Ester e sua elevação ao lugar deixado por Vasti; sobre tudo isto e, ainda mais: ela colaborou para a libertação e bem-estar do remanescente de Israel que continuava disperso no vasto império persa.¹³

Vamos manter uma visão mais abrangente em tudo isto. Em meio ao que ocorre no salão de banquete do rei, o coração

de Deus permanece ligado ao seu povo—este remanescente dos judeus removido de Sião e vivendo exilado na Pérsia. A fim de manter a sua promessa de preservação, o Senhor deve protegê-los da extinção, e os meios para isso estão disponíveis; os eventos tinham sido postos em movimento para que houvesse tal possibilidade. Uma vaga se abriu bem no alto, na casa do rei e, como era de esperar, Deus tem alguém esperando nos bastidores para preenchê-la.

Em relação a isto, considere um versículo do livro de Provérbios:

Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina.

Provérbios 21.1

Não foi exatamente isso que aconteceu? Vemos aqui o rei Assuero, que de forma ousada se proclamara “o rei do mundo!” durante seis meses. No entanto, ele não passa de um pequeno afluente — um canal — nas mãos do Deus Todo-Poderoso.

Nas palavras de um poeta lírico contemporâneo:

Os reis da terra e os reinos construídos pelo homem
Se exaltam em glória e depois desaparecem no pó.¹⁴

Deus pode mover o coração dos governantes deste mundo em qualquer lugar e quando ele quiser. E, caso tenha esquecido, ele não tem pressa.

Inclinamo-nos a pensar que se Deus estiver realmente envolvido, ele irá mudar as coisas daqui a uma hora. Com certeza até o dia terminar. No fim da semana, sem falta. Mas Deus não é escravo do relógio humano. Comparado às obras do homem, ele é extremamente deliberativo e dolorosamente lento. Como escreveu, de forma sábia, o poeta religioso George Herbert: “O moinho de Deus moe devagar, mas com segurança”.¹⁵

O poderoso “rei leão” da Pérsia é um caso clássico. Ele, que no começo da história, parecia tão majestoso e importante, acaba se embebedando, sente-se ameaçado pela recusa da esposa, e tem de esforçar-se para manter o controle. Não sou o primeiro a apontar o humor e a ironia implícitos nesta parte do relato.

Joyce Baldwin, em seu pequeno e útil comentário sobre Ester, escreve:

As nuances cômicas são variadas, mas a mais evidente é o contraste entre o rei Assuero no início do capítulo, quando ele é o maior monarca do mundo, rico e poderoso, distante mas generoso, e esse mesmo rei no final do capítulo, tentando manter sua dignidade frente ao desafio da esposa. Este legislador dos persas e medos, cuja lei é imutável, estava preparado para promulgar um edito feito num momento de raiva, quando não se achava sequer sóbrio. Os conselheiros representados por Memucã eram espertos, mas dificilmente sábios. O decreto expedido segundo o seu conselho fazia o rei parecer tolo aos olhos dos súditos e, em seus melhores momentos, ele pode até mesmo ter lamentado o banimento de Vasti (2.1). Será este o nível do rei que governou o mundo e que tinha o futuro de todos em sua mão?¹⁶

Passadas estas coisas, e apaziguado já o furor do rei Assuero, lembrou-se de Vasti, e do que ela fizera, e do que se tinha decretado contra ela.

Ester 2.1

Ao apresentar a próxima cena da história, o escritor começa: “Depois dessas coisas...” De que coisas? Quando lemos a Bíblia, é importante dar atenção a pequenas porções como esta, a linhas iniciais, que quase sempre ignoramos em nosso desejo de continuar lendo o “trecho interessante”. Neste

caso, porém, descobri que as palavras “Depois dessas coisas” estão impregnadas de significado, inclusive um pedacinho de verdade que poderíamos ignorar. Lembra-se do que lhe disse para deixar para mais tarde: “No terceiro ano do seu reinado”? Agora, quando li “Depois dessas coisas”, pensei, *este é o quarto ano do seu reinado ou um período próximo do final do terceiro ano do seu reinado?* Comecei então a ler o capítulo inteiro até que cheguei ao v.16 do capítulo 2, que diz:

Assim foi levada Ester ao rei Assuero, à casa real, no décimo mês, que é o mês de tebete, no sétimo ano do seu reinado.

Ester 2.16

Ah! Quatro anos se passaram entre os capítulos 1 e 2. Fiquei então imaginando quais teriam sido os acontecimentos durante esses quatro anos. Você também está curioso, não é? Vamos, portanto, pesquisar um pouco a história. Assuero (também conhecido como Xerxes) reinou de 485 a 465 a.C. Os eventos do capítulo 1 devem ter ocorrido, portanto, em 483, porque esse era o terceiro ano do seu reinado. Enquanto os eventos do capítulo 2, em 479, que era o sétimo ano do seu reinado.

Os livros de história nos dizem que, durante esse período, este rei em particular fez uma tentativa ambiciosa, porém desastrosa, de conquistar a Grécia. Desse modo, “depois dessas coisas” significa que os acontecimentos tiveram lugar depois de ele ter liderado uma incursão contra a Grécia e voltado vencido para a sua casa, em Susã.

Imagine a cena...

Assuero entra pelas portas altas e douradas do palácio, cansado da batalha, desanimado com a derrota. Ele anseia por alguém que o receba de braços abertos, alguém que lhe ofereça palavras de consolo e compreensão. Não apenas um servo ou um de seus oficiais pronto a agradecer o rei, mas al-

guém que realmente se importe com ele e com os seus sentimentos. Pela primeira vez este monarca conhece talvez a verdadeira derrota e solidão.

Com tudo que vinha acontecendo, sua ira contra Vasti há muito fora esquecida. Ele se recorda apenas da sua beleza, do calor de seus braços e do consolo da sua compreensão. Com o espírito abatido, entra em depressão. Ao que parece, os que o rodeavam sentem o seu drama e procuram remediá-lo.

Então disseram os jovens do rei, que lhe serviam: Tragam-se moças para o rei, virgens de boa aparência e formosura.

Ester 2.2

Os servos percebem que há algo errado com o seu senhor. Ele fica pelos cantos. Mostra-se deprimido. O que poderia levantar-lhe o ânimo? Aha!

O ponto não é simplesmente que Assuero precisava de uma mulher. Se ele era como os outros monarcas da antigüidade, possuía um harém de mulheres. Além disso, tinha poder suficiente para reclamar qualquer mulher do reino. Com um estalar de dedos ela seria levada à sua presença, no seu quarto. Ele não procura, porém, uma aventura rápida. Quer uma esposa, alguém que fique a seu lado em todas as situações, uma companheira, que se importe com ele, por muito tempo.

Veja, ele não está mais embriagado. Pensa com clareza agora e suas necessidades se intensificaram com a solidão.

Quer tenha compreendido isso inicialmente, ou fosse instigado pela sugestão dos servos, o resultado é o mesmo. Eles expediram o mandado:

Ponha o rei comissários em todas as províncias do seu reino, que reúnam todas as moças virgens de boa aparência e formosura, na cidadela de Susã, na casa das mulheres, sob as vistas de Hegai, eunuco do rei, guarda das mulheres, e dêem-se-lhes

os seus unguentos. A moça que cair no agrado do rei, essa reine em lugar de Vasti. Com isto concordou o rei, e assim se fez.

Ester 2.3-4

Este plano não só iria providenciar uma esposa para o rei, como também assegurar que ela fosse a mulher mais bela da Pérsia. “Varreremos as 127 províncias e traremos toda jovem virgem e formosa que encontrarmos. Deixaremos até que realcem sua beleza com cosméticos.” De fato, note o que está escrito alguns versículos depois.

Em chegando o prazo de cada moça vir ao rei Assuero, depois de tratada por doze meses segundo as prescrições para as mulheres (porque assim se cumpriam os dias de seu embelezamento: seis meses com óleo de mirra, e seis meses com especiarias, e com os perfumes e unguentos em uso entre as mulheres)...

Ester 2.12

Imagine! Levou um ano inteiro para preparar aquelas mulheres, a fim de serem apresentadas ao rei. Quantos cosméticos de alto preço devem ter sido gastos nesse período, senhoras e senhores!

C.F. Keil nos ajuda a compreender que essas palavras significam “esfregar, dar brilho, purificar e adornar com todo tipo de unguentos preciosos”.¹⁷ Ou seja, eles passaram um ano preparando essas mulheres, melhorando sua aparência externa, a fim de acentuar sua beleza física. Interessante, não é mesmo? Num período relativamente curto de tempo, a beleza externa pode ser acentuada; mas não existem atalhos para o cultivo da beleza interior.

De repente, enquanto o harém funciona como a cidade dos cosméticos e o rei está pensando sobre o concurso de beleza “Miss Pérsia”, uma incrível cadeia de eventos começa a se desenvolver, introduzida por outra daquelas pequenas frases

de transição que poderíamos facilmente ignorar: “Na cidade de Susã, havia certo homem judeu”.

UM VELHO DESCONHECIDO E UMA JOVEM OBSCURA

Vamos sair do palácio e ver o que ocorre em outro lugar, enquanto a mão de Deus se prepara para mover o coração do rei como se fosse uma corrente de águas.

Ora, na cidadela de Susã, havia certo homem judeu, benjamita, chamado Mordecai, filho de Jair, filho de Simei, filho de Quis, que fora transportado de Jerusalém, com os exilados que foram deportados com Jeconias, rei de Judá, a quem Nabucodonosor, rei de Babilônia, havia transportado.

Ester 2.5-6

Mordecai não tem qualquer ligação com o rei ou o reino persa. Ele é um judeu exilado e cuida de sua prima órfã, Hadassa.

Ele criara a Hadassa, que é Ester, filha de seu tio, a qual não tinha pai nem mãe; e era jovem bela, de boa aparência e formosura. Tendo-lhe morrido o pai e a mãe, Mordecai a tomara por filha.

Ester 2.7

Hadassa, seu nome judeu, tem como raiz a palavra “murta” — um arbusto de pequeno porte — e significa “fragrância”. É interessante que ramos de murta são ainda carregados na procissão da Festa dos Tabernáculos, indicando paz e ações de graças. Como mencionei antes, o nome persa, Ester, significa “estrela” — uma referência não só às flores em forma de estrela da murta, como também a uma estrela no céu.

Esta é a primeira referência a Ester e já aprendemos duas coisas sobre ela: era órfã e se tornara uma jovem de incrível

beleza. O texto original é pitoresco: “bela de formas e com um lindo visual”. Em pouco tempo vão dizer: “Lá vai ela, a Miss Pérsia”. E ganhará o coração solitário do rei.

A esta altura, ela não tem ainda conhecimento da política palaciana, do rei solitário ou do futuro que a espera. Continua vivendo os dias rotineiros de sua juventude, não tendo a menor idéia de que será um dia coroada a mulher mais bela do reino e também a nova rainha dos persas. Veja só como Deus opera!

COMO DEUS CONTINUA TRABALHANDO EM NOSSO DIA A DIA

Entremeadas no tecido desta maravilhosa história, descobrimos até agora pelo menos três lições eternas. A primeira está ligada ao plano de Deus. A segunda aos propósitos divinos e a terceira ao povo de Deus.

Primeira: Os planos de Deus não são prejudicados quando os eventos deste mundo são carnais ou seculares. A sua presença penetra de qualquer modo, até mesmo nos salões dos banquetes pagãos da Pérsia antiga. Ele não fica limitado a operar na família cristã. Trabalha tanto no gabinete do governo, como no seu escritório de pastor.

Deus atua em outros países do mundo, por exemplo, no Irã, na China ou no Oriente Médio, como opera nos Estados Unidos. Duvidar disso é criar fronteiras para o seu controle soberano. Quando agimos assim, é fácil deixar de nos importar com o nosso envolvimento nos eventos maiores da vida fora da nossa zona de conforto e do território familiar; e quando isso acontece, perdemos nossa função de sal e luz para o mundo.

Deus está trabalhando. Ele está se movendo. Está tocando vidas. Está formando reinos. Nada que a humanidade possa fazer o surpreende. Só porque as ações ou motivos parecem seculares, devassos ou injustos, isso não quer dizer que ele não está presente. Os envolvidos talvez não estejam dando glória a Deus; mas, não duvide, ele está presente. Está agindo.

Segunda: *Os propósitos de Deus não são frustrados por fracassos morais ou conjugais.* Isso não é encorajador? Especialmente se você falhou no plano moral ou conjugal. Faça um esforço para imaginar a devassidão reinante naquele salão de banquete. A vulgaridade e obscenidade das piadas. A luxúria na mente do rei Assuero quando ele quis exhibir a esposa para seu prazer pessoal e dos amigos. A decisão de divorciar-se de Vasti por não querer cooperar. No entanto, apesar de tudo isso, os propósitos divinos não foram frustrados. Também não são frustrados na sua vida. Como sei disso? Porque ele é um Deus que aplica a graça à visão mais abrangente da vida. O erro o deixa indignado e conseqüências graves o acompanham, mas erro nenhum frustra os seus propósitos soberanos! Ele é um Deus de grande graça.

Terceira: *O povo de Deus não é excluído das posições elevadas por causa de problemas ou dificuldades.* Vi outro dia um aviso que me fez sorrir: “Nem Sequer Pense em Estacionar Aqui!” Esse aviso me veio à mente quando compreendi minha tendência de limitar Deus em fazer uso do extraordinário: “Nem sequer *pense* em impedir que alguém ocupe um lugar de importância!” O povo de Deus não está excluído dessas posições por ter conhecido problemas ou dificuldades. Ester era uma judia exilada em terra estranha. Era órfã. Não tinha a mais remota ligação com a nobreza persa. Todavia, nada disso impediu que Deus a elevasse à posição que desejava que ela ocupasse.

Isto me faz pensar em outro exemplo de tal magnitude: Anos mais tarde, quando um jovem casal, saindo da cidade onde morava, fez uma longa viagem, não encontrou lugar onde alojar-se e, no meio da noite, levou os anjos a declararem: “Emanuel — Deus conosco”. José e Maria, os veículos para o nascimento do Messias, não tinham linhagem nobre nem riqueza, pelo menos não da perspectiva terrena. Seu Filho, porém, tornou-se o verdadeiro Rei dos reis e Senhor dos senhores.

Em que ponto da sua jornada você está hoje? Não tem dado, neste dia, a importância que a sua vida merece? Está suspirando em vez de cantar? Fica imaginando qual o bem que pode resultar da sua vida presente? Os filhos que não consegue dominar? Um casamento onde falta harmonia? As pressões que parecem sem sentido?

A mão de Deus não é tão curta que não possa salvar, nem seu ouvido tão surdo que não possa ouvir. Quer você o veja ou não, ele está trabalhando na sua vida neste mesmo momento. Deus se especializa em mudar o que é cotidiano, transformando-o em algo que tenha significado. Deus não atua apenas nos momentos especiais, mas também nos dias rotineiros. Ele está envolvido tanto nos eventos do dia a dia como nos milagrosos.

As histórias em seu Livro possuem um significado vibrante para os nossos dias e para as nossas vidas. Ele é um Deus soberano em meio ao imenso cenário dos países e impérios em nosso mundo. Apesar de nossos dias se apresentarem monótonos, devemos manter-nos puros e dedicados às coisas de Deus e à sua obra em nossas vidas, enquanto permanecemos sensíveis à sua mão se movendo em situações carnis, seculares e até em bares. Só então podemos levar ao nosso mundo semidestruído a esperança de que ele tão desesperadamente necessita.

Ester faz isso, como veremos; e você também pode fazê-lo, com a mesma importância, a partir de hoje, neste dia rotineiro, que parece tão sem graça, tão comum, tão cheio de mesmices.

CAPÍTULO TRÊS

Manifestação de sensibilidade e coragem

Várias mulheres são destacadas na Bíblia, assim como na história. Além das Joanas d'Arc, das Florence Nightingales e das Madames Curies e Madres Teresas, encontramos um número incontável de outras mães, irmãs e filhas anônimas. Abraham Lincoln declarou: "Homem algum que tenha tido uma mãe piedosa pode ser chamado pobre".¹⁸ Como muitos outros grandes homens, ele ligava o seu sucesso à sua mãe.

Heróis militares, estadistas políticos, ministros do Evangelho, atletas, personalidades da mídia, gênios literários e musicais, todos atribuíram o aperfeiçoamento e cultivo de suas habilidades a suas mães e/ou esposas. Ao longo da história marcha uma sucessão infindável de mulheres corajosas e visionárias, mulheres virtuosas, mulheres que se sacrificaram voluntariamente.

A Escritura enfoca algumas delas. Na semana passada participei de um pequeno projeto. Fiz uma pesquisa das Escrituras, desde Gênesis até Apocalipse, procurando guardar

o nome das mulheres mencionadas na Palavra de Deus. Um exercício notável que recomendo a você. Estas são apenas algumas de que me lembro: Eva, a primeira esposa e mãe de todos nós; Sara, mulher de Abraão e mãe de Isaque; Joquebede, mãe de Moisés, que o escondeu com sacrifício até desmamá-lo e depois o preparou adequadamente para a corte do Faraó, onde ele passaria os próximos trinta e cinco anos ou mais de sua vida; Ana, a mãe piedosa e dedicada de Samuel; Abigail, a esposa graciosa e sensata de Nabal, que impediu sua morte diante da fúria de Davi, porque soube lidar com os dois homens. Há tantas outras. Débora, Rute, Isabel e Maria, Eunice e Lóide, Priscila, Lídia, Febe.

Essas mulheres estão sempre surgindo nas Escrituras, a maioria delas sai das sombras para logo desaparecer novamente em outro tipo de obscuridade. Cada uma desempenhou, porém, uma parte importante no plano de Deus e deixou sua marca no mundo.

Uma que poderíamos acrescentar é Ester. Quando a deixamos no último capítulo, ela estava vivendo em obscuridade com o primo Mordecai no império persa. O rei Assuero voltara da guerra derrotado, solitário e precisando de afeto e de companhia duradoura. Seus conselheiros sugeriram: "Vamos procurar todas as jovens bonitas do reino persa, em todas as províncias, e trazê-las aqui, para que o rei faça sua escolha". O que eles aconselharam era o que chamaríamos hoje de concurso de beleza, nada mais nada menos.

Josefo, historiador judeu, nos conta que 400 mulheres participaram deste concurso notável. Elas tiveram um ano para aperfeiçoar cada arte de sedução, para aumentar sua beleza, cuidando do corpo e aprendendo a vestir-se e maquilar-se. Na verdade, a intenção era que a elegância, charme, beleza física e sedução erótica vencessem. Cada uma delas passaria uma noite com o rei e ele faria então a sua escolha.

Temos aqui a Miss Brasil, Miss Mundo e Miss Universo reunidas numa só pessoa, com um prêmio maior do que qualquer

desses concursos oferecem: a vencedora se tornaria rainha da Pérsia. Suspeito que mulheres de todas as regiões do império clamaram por uma oportunidade para serem incluídas nessa competição, exceto uma, a heroína da nossa história.

Ora, na cidadela de Susã, havia certo homem judeu, benjamita, chamado Mordecai... Ele criara a Hadassa, que é Ester, filha de seu tio, a qual não tinha pai nem mãe; e era jovem bela, de boa aparência e formosura. Tendo-lhe morrido o pai e a mãe, Mordecai a tomara por filha.

Ester 2.5,7

O que não vemos aqui, mas que deve ser lido nas entrelinhas, é que Ester fazia parte da minoria. Seu povo, os judeus, fora levado cativo para a Pérsia, como despojo de guerra. Ela vivia então na obscuridade, num lar protegido, monoteísta. Ester não se deixou empolgar pelo alvoroço do concurso de beleza. É evidente, no entanto, que a sua beleza física atraiu a atenção de alguém que participava da busca.

Em se divulgando, pois, o mandado do rei e a sua lei, ao serem ajuntadas muitas moças na cidadela de Susã, sob as vistas de Hegai, levaram também a Ester à casa do rei, sob os cuidados de Hegai, guarda das mulheres.

Ester 2.8

Fico intrigado aqui com o tempo passivo e o verbo em si: "levaram". Este verbo pode de fato significar "levada à força", e é interpretado assim em outros trechos do Antigo Testamento. Alguns eruditos judeus dão essa interpretação a esta passagem. Não sei se houve coação, não é dito que Ester foi "forçada" a ir, mas penso que seria justo dizer que houve relutância da parte dela.

Pare um pouco e pense: Por que uma jovem judia teria interesse em envolver-se num plano que a forçaria a deixar a

única família que possuía, sob a guarda de alguém que respeitava e amava, Mordecai? Por que desejaria passar um ano fechada num harém, culminando numa noite com um rei pagão que poderia resultar na possibilidade de um casamento misto, fora da sua raça? Não tenho dúvidas. Penso que é seguro dizer que ela aceitou com relutância.

Não é agradável encontrar um pouco de recato numa mulher bonita? Não é delicioso observar a verdadeira beleza, que inclui modéstia e desinteresse em competir para vencer fisicamente? Vejo esses traços em Ester e eles me impressionam.

Não há necessidade de muita imaginação para ter uma idéia do espírito competitivo que deve ter imperado no harém do rei. Fique certo, aquelas mulheres não passaram um ano cultivando o seu caráter! Está vendo a cena? Filas de liteiras fechadas por cortinas carregando as finalistas, cada jovem esperando de todo o coração conquistar o seu lugar ao sol? Imagine as provocações mesquinhas, a inveja e os ciúmes.

Pense em como seria difícil manter o equilíbrio espiritual quando tudo e todos ao seu redor enfatizavam apenas a condição e as formas do seu corpo e a beleza do seu rosto. Quanta humilhação! Como tudo era transitório e vazio! Todavia, em meio a toda essa vulgaridade, a beleza autêntica de Ester se revela.

A moça lhe pareceu formosa e alcançou favor perante ele (Hegai), pelo que se *apressou* em dar-lhe os unguentos e os devidos alimentos, como também sete jovens escolhidas da casa do rei; e a *fez passar* com as suas jovens para os melhores aposentos da casa das mulheres.

Ester 2.9 (grifos do autor)

Acredite em mim, Ester podia ganhar o que quisesse. Ela não só conquistou o favor dos que a descobriram, como tam-

bém o de Hegai, que tinha enorme influência no palácio, e lhe dissera: “Você terá o que quiser”. Pense nisso.

Porém, nada a fez perder a cabeça. James Hastings, cujos estudos pitorescos dos personagens bíblicos são tanto encantadores como cheios de discernimento, ressalta eloqüentemente este ponto.

A beleza do caráter de Ester é que ela não se deixou estragar pela sua grande ascensão... uma pessoa mais fraca teria ficado atordoada e cheia de orgulho egoísta.

...A órfã que se tornara bela sob os cuidados do tio Mordecai... foi removida subitamente da obscuridade e proteção para a “luz ardente que jorra sobre o trono”.

...O esplendor da sua carreira é visto no próprio fato de ela não sucumbir à magnificência do seu ambiente. O harém real entre os canteiros de lírios de Susã era como um palácio na terra dos comedores de lotus, “onde é sempre crepúsculo”; e suas companheiras, em sua indolência sonhadora, são tentadas a esquecer todas as tarefas e interesses além da obrigação de agradar o rei e seu desejo de assegurar todo conforto que a riqueza pode proporcionar-lhes.¹⁹

Hastings continua, chamando o cenário do harém de “estufa de narcóticos”. Este era um lugar onde se aprendia a sedução. Onde as mulheres cultivavam a habilidade de usar seus encantos para obter o que desejavam — ou seja, o cargo mais alto que uma mulher poderia ocupar no reino. Era também o lugar onde as mulheres tinham à sua disposição todas as jóias, perfumes, cosméticos e todas as roupas necessárias para torná-las fisicamente atraentes e sedutoras aos olhos do rei solitário. O lugar que faria as lojas mais luxuosas conhecidas em todo o mundo desaparecerem na insignificância!

É, porém, neste ambiente estonteante, que Ester, a linda estrela de Deus, brilha mais forte. Ela faz isto demonstrando seis traços régios de coragem e sensibilidade.

SEIS CARACTERÍSTICAS DE CORAGEM E SENSIBILIDADE

Primeira, Ester demonstrou *encanto e elegância graciosos*.

A moça lhe pareceu formosa e alcançou favor perante ele, pelo que se apressou em dar-lhe os unguentos e os devidos alimentos, como também sete jovens escolhidas da casa do rei; e a fez passar com as suas jovens para os melhores aposentos da casa das mulheres.

Ester 2.9

Neste verso, a tradução exata da língua original diz: “Ela levantou graça perante a sua face”. Não é uma expressão linda? Embora tivesse sido levada ao harém e participado desses eventos com relutância, Ester não teve uma atitude negativa. Estou convencido de que sentiu a mão de Deus na situação. De que outra forma estaria ali? Incapaz de se negar, Ester demonstrou graça diante do servo influente do rei, Hegai. Que diferença entre Ester e as outras mulheres ao seu redor. Suas qualidades interiores não puderam ser ignoradas. Elas captaram a atenção do servo do rei.

Tão graciosa era que Hegai rapidamente providenciou tudo que precisava e alguns extras. Ester foi mimada e favorecida. Naquele lugar eram empregadas todas as ênfases imagináveis para o cultivo da sedução, das técnicas sensuais do relacionamento sexual, com a finalidade de conquistar o coração de um rei solitário. Todavia, em meio a tudo isso, esta mulher encantadora “levantou graça”.

Segunda, Ester demonstrou *discriminação e controle extraordinários*.

Ester não havia declarado o seu povo nem a sua linhagem, pois Mordecai lhe ordenara que não o declarasse.

Ester 2.10

Ester não contou a ninguém que era judia. Por quê? Porque Mordecai lhe dera instruções nesse sentido. Nem mesmo os esplendores estranhos do harém, que poderiam tê-la facilmente seduzido, a fizeram quebrar sua promessa a Mordecai.

Deus deu às mulheres um ar de mistério. Isto é algo que os homens não possuem, devo francamente admitir. Somos um grupo muito previsível. Tenho ouvido com freqüência estas palavras por parte deles: "Não consigo decifrá-la. Não a compreendo". Por exemplo, uma mulher talvez diga: "Estou precisando de um bom choro". Meu amigo, em toda a minha vida nunca experimentei um *bom choro*. Minha esposa passa por isso. Outras mulheres na família também passam. Mas para os homens é algo misterioso. Sou sincero, nunca consegui descobrir como é possível sentir-se bem depois de ter chorado.

Há um ar de mistério envolvendo a mulher, uma imprevisibilidade que intriga os homens. A habilidade de Ester para controlar-se só aumenta essa aura misteriosa—especialmente sua discrição verbal. Ela sabia muito mais do que aparentava. Sabia guardar um segredo.

A discrição verbal está se tornando rapidamente uma virtude esquecida. Graças aos tablóides do tipo "conte tudo" e às entrevistas "não esconda nada" pela televisão, ninguém se segura. Quando foi a última vez em que alguém da mídia enrubescou? Todavia, a discrição e o controle sempre favorecem você. Aprenda a guardar confidências, especialmente as de seu marido, sua família e seus amigos. Venha a ser conhecida por guardar segredos! Isso faz parte do caráter marcado pela coragem e sensibilidade.

Terceira, Ester tinha *um espírito sempre pronto a aprender*.

...Mordecai lhe ordenara que não o declarasse... Ester não havia declarado ainda a sua linhagem e o seu povo, como Mordecai lhe ordenara; porque Ester cumpria o mandado de Mordecai como quando a criava.

Nem mesmo o fato de ter-se tornado finalista naquela competição frenética, ou mais tarde, de ter-se tornado rainha, não levou Ester a gabar-se da sua independência e pavornear-se. Essa mulher encantadora, digna e sábia continuava disposta a escutar e aprender.

Ela permanece um exemplo aprovado para as mulheres de hoje. Algumas de vocês são professoras maravilhosamente dotadas. Têm habilidade para ficar diante de um grupo e abrir as Escrituras ou alguma outra área especializada e segurar a atenção de uma audiência com seu discernimento e criatividade.

Outras se distinguiram no serviço público. Desempenharam papéis e cargos de prestígio na comunidade. É possível que sejam viajadas e freqüentem círculos exclusivos em companhia de homens e mulheres influentes que chamam pelo primeiro nome. Não há nada de errado com essas coisas. Mas, por favor, respondam. Isso mudou a sua vontade de aprender? Você se considera agora uma autoridade consumada? Ou isso simplesmente a conscientizou da sua vasta ignorância? Espero que esta última frase seja a verdadeira.

Alguém disse: "Educação é ir de uma percepção inconsciente da nossa ignorância para outra consciente". Concorro. Ninguém tem o monopólio da sabedoria. Nosso caráter não se aprimora pelo fato de conhecermos pessoas importantes e chamá-las pelo nome de batismo. Pelo contrário, ele enfraquece.

Temos forte necessidade de cultivar a disposição para aprender e permanecermos suscetíveis de ensino. Aprender de nossos filhos, de amigos e até dos inimigos. Como é agradável encontrar um espírito de servo, disposto a aprender, entre os que ocupam posições importantes de autoridade. De todas as qualidades que procuro nos homens e mulheres que fazem parte do corpo discente do Seminário Teológico de Dallas, esta é a principal. Treinar líderes com coração de servo para o corpo de Cristo, em todo o mundo, permanece nossa mais alta prioridade.

Quarta, Ester demonstrou *modéstia desinteressada e autenticidade*.

Em chegando o prazo de cada moça vir ao rei Assuero, depois de tratada por doze meses segundo as prescrições para as mulheres (porque assim se cumpriam os dias de seu embelezamento: seis meses com óleo de mirra, e seis meses com especiarias, e com os perfumes e ungüentos em uso entre as mulheres), então é que vinha a jovem ao rei; a ela se dava o que desejasse para levar consigo da casa das mulheres para a casa do rei. À tarde entrava e pela manhã tornava à segunda casa das mulheres, sob as vistas de Saasgaz, eunuco do rei, guarda das concubinas; não tornava mais ao rei, salvo se o rei a desejasse, e ela fosse chamada pelo nome.

Ester, filha de Abiail, tio de Mordecai, que a tomara por filha, quando lhe chegou a vez de ir ao rei, nada pediu além do que disse Hegai, eunuco do rei, guarda das mulheres. E Ester alcançou favor de todos quantos a viam.

Ester 1.12-15

Pense nisso: nada de trabalho, responsabilidade, cozinha, limpeza, lavagem de roupas, passar a ferro, recados, cuidar do orçamento, nada em qualquer aspecto da vida. Imagine! Mimada e favorecida nesse egocêntrico harém da Pérsia, toda a ênfase está em ela tornar-se uma mulher de grande beleza física. Jóias, roupas, perfumes, cosméticos, ela pode pedir o que desejar, desde arrumar o cabelo até cuidar dos pés. A única coisa em todas as mentes é ganhar o concurso, agradar o rei e obter o seu favor.

Lembre-se de que nessa época Ester não deveria ter mais do que vinte anos e poderia ser até mais jovem. Esta é uma oportunidade única para ela conseguir tudo o que quiser. Em vez disso, permanece fiel ao que aprendeu e segue o conselho de Mordecai, acreditando que ele sabe o que é melhor para ela.

Ester não sucumbe à tentação ao seu redor — à superficialidade, egoísmo, sedução, egocentrismo. Ela se porta com modéstia desinteressada, mantendo a sua autenticidade em meio a toda aquela incomparável extravagância. Eu já lhe havia dito que Ester ia cativá-lo!

Sorri outro dia ao ler os resultados de uma pesquisa que descobriu que 15% das mulheres entrevistadas tingiam o cabelo, 22% usavam cílios postiços, 38% usavam perucas ou apliques, 80% usavam *blush* ou algum tipo de cosmético, 93% usavam esmalte para unhas, 98% usavam algum tipo de maquiagem para os olhos e 100% votaram a favor de uma resolução condenando qualquer espécie de artifícios!²⁰

Por mais irônico que pareça, penso que a maioria das mulheres cristãs não usa maquiagem como um disfarce ou para parecer outra pessoa. As mulheres que admiramos se maquiavam para acentuar a beleza já existente. Tenho a certeza de que isso se aplica a Ester.

Estou francamente convencido de que Ester apresentou-se ao rei sem medo, pois não tinha qualquer ambição desenfreada de ser rainha. Sua vida não girava em torno da sua aparência ou de agradar ao rei. Só se encontrava ali por uma razão: ela sabia que a mão de Deus estava sobre a sua vida e, devido às circunstâncias e à sabedoria de Mordecai, tinha sido levada àquele lugar por determinada razão.

Ester sabia de onde viera. Sabia quem era. Sabia no que acreditava. E sabia que a mão de Deus se achava sobre a sua vida. Se era do agrado dele que estivesse ali, se fosse parte do seu plano, então ela aceitaria de boa vontade o seu destino. Caso contrário, desistiria também voluntariamente. Era modesta e autêntica a seu próprio respeito.

Quinta, Ester demonstrou *bondade e simpatia, apesar do ambiente que a cercava.*

...E Ester alcançou favor de todos quantos a viam. Assim foi levada Ester ao rei Assuero, à casa real, no décimo mês, que é o mês de tebete, no sétimo ano do seu reinado. O rei amou a Ester mais do que a todas as mulheres, e ela alcançou perante ele favor e benevolência mais do que todas as virgens; pôs-lhe na cabeça a coroa real, e a fez rainha em lugar de Vasti.

Ester 2.15, 16-17

Havia claramente algo em Ester que levava todos a “favorecê-la”, desde o rei até às mulheres do harém que estavam competindo contra ela pela atenção e afeto do monarca. Acho que ela deve ter tido um encanto especial. O dicionário diz que encanto é “cativar, arrebatado, causar extremo prazer, deliciar”. A pessoa encantadora o atrai. Ficamos intrigados com o seu espírito fascinante e gracioso.

Sexta, Ester mostrou *respeito humilde pela autoridade*.

Então o rei deu um grande banquete a todos os seus príncipes e aos seus servos; era o banquete de Ester; concedeu alívio às províncias, e fez presentes segundo a generosidade real.

Ester não havia declarado ainda a sua linhagem e o seu povo, como Mordecai lhe ordenara; porque Ester cumpria o mandado de Mordecai como quando a criava.

Ester 2.18,20

Muitos pensam que depois de casar-se a pessoa não precisa mais dos conselhos dos pais. Ou que, ao tornar-se independente, o indivíduo fica totalmente por sua própria conta. Você decide as coisas sozinho e faz o que quer. Todavia, vemos aqui que Ester, mesmo depois de ser coroada rainha daquela terra, lembrou-se da sabedoria do seu protetor e aceitou de bom grado o seu conselho.

No passado, compartilhei esta lista de qualidades com minhas filhas, esperando que elas não só viessem a pensar no

assunto, como também cultivassem esses traços. É com o mesmo sentimento de cuidado que compartilho essas coisas com você hoje, porque creio pessoalmente que elas são mais necessárias do que nunca em nosso ambiente de insegurança e sensualidade.

CONSELHO PRÁTICO PARA AS MODERNAS ESTER
O que tudo isso representa para a mulher de hoje? Ouso dizer que todas que leram este livro até agora querem, a seu próprio modo, ser uma moderna Ester. Todavia, tais qualidades parecem quase inatingíveis. Incrivelmente fora de quadro. Como pode uma mulher sequer imaginar possuir tais qualidades?

É possível. Deus não quer zombar de nós com as coisas que inclui na sua Palavra. Ele não pretende fazer com que o seu povo sofra sob uma expectativa irreal que jamais poderá concretizar—algo aplicável a uma única pessoa, mas que permanece para todos os demais um desafio frustrante e inatingível.

Devo acrescentar, porém, que você não pode adquirir esses traços seguindo os exemplos do mundo. Isso só traz derrota e frustração. Você, como indivíduo, tem as suas próprias pressões, dificuldades e circunstâncias peculiares, mas Deus oferece meios de lidar com elas e tornar-se uma pessoa especial para ele. A pergunta é como? Ofereço-lhe duas sugestões ultra-simples, mas funcionais.

Primeira, *peça a Deus*. Peça a ele que cultive o seu caráter, fazendo com que se sinta insatisfeita com o que é superficial e anseie profundamente pelo que é espiritual. Fique disponível para a sua força, suas censuras. Busque o seu conselho em relação ao que lhe falta. Permita que ele a ajude a estabelecer alvos razoáveis. Registre-os em seu diário, para que tenha um relatório escrito de sua oração a Deus.

Anne Morrow Lindbergh, em sua obra clássica *Gift from the Sea* (Presente do Mar), escreve isto:

Quero, em primeiro lugar, ... estar em paz comigo mesma. Quero ser sincera e ter intenções puras; quero que a minha vida tenha uma essência que me capacite a cumprir essas obrigações e atividades o melhor possível. Quero, na verdade—tomando de empréstimo a linguagem dos santos —, viver “em estado de graça” tanto quanto puder. Não estou usando este termo num sentido estritamente teológico.

O termo “graça” para mim significa uma harmonia interior, essencialmente espiritual, que pode ser traduzida em harmonia exterior. Estou talvez buscando o que Sócrates pediu na oração extraída de Fedro*, quando disse: “Que o homem exterior e interior sejam um”. Gostaria de alcançar um estado de graça espiritual íntimo, mediante o qual pudesse agir e fazer aquilo para o qual fui destinada aos olhos de Deus.²¹

Peça a Deus que lhe conceda esse tipo de autenticidade, que dê mais ênfase ao que está ocorrendo no fundo do seu coração e menos ênfase às exterioridades, ao que é superficial e temporário.

Segunda, *confie em Deus*. Confie nele para controlar as circunstâncias que a rodeiam—justamente essas circunstâncias que você talvez esteja usando como uma desculpa para não ser a mulher que desejaria ser. Não espere que a sua situação seja perfeita. (Você sabe que nunca será!) Lembre-se de Ester. No auge da competição, cercada por mulheres sensuais, cobiçosas, superficiais, Ester se viu sozinha e, surpreendentemente, Deus a favoreceu aos olhos de outros!

Peça a Deus. Confie em Deus. Somos completamente dependentes dele para a vida eterna, o perdão, o caráter e a segurança. Sua luz em nossa vida nos faz desprezar cada vez mais as coisas que satisfazem simplesmente os apetites carnis. Ela nos mostra a importância do caráter, a incrível mudança que pode acontecer quando nos posicionamos com firmeza e sozinhos nas coisas de Deus.

* Escritor romano de fábulas. (N. do T.)

Apenas o Senhor pode dar-nos graça e encanto, impedindo que sejamos cristãos irritados, que olham de soslaio. É a sua obra em nós que nos capacita a sermos usados por Deus até mesmo nos haréns da vida e lá fazer diferença e dar exemplo de encanto e beleza, dignidade e elegância que não podem deixar de atrair a atenção das pessoas para o Senhor e o seu poder.

Sinto hoje grande compaixão pela mulher de Deus que tem de suportar as asneiras ditas pela mídia sobre o seu papel, sua importância, seu lugar na sociedade. Não sei de ninguém que tenha mais direito de mostrar-se confusa do que a mulher de nossos dias. Ela recebe toda sorte de respostas, toda sorte de mensagens, todo tipo de supostas provas de que a independência é o único meio de voar, e que fazer o que quer e tornar-se o que lhe agrada irá proporcionar-lhe paz e alegria duradouras. Em meio a este redemoinho, as mulheres, muitas vezes, devem ficar imaginando qual será o comportamento certo para elas. O que exatamente elas devem ser.

É preciso dar às suas filhas um atendimento especial, para que saibam como ser mulheres de Deus neste mundo. São muitos os que estão prontos para dar às mulheres um roteiro falso.

COMECE ONDE VOCÊ ESTÁ – NESTE MOMENTO

Deus deu à mulher uma peculiaridade que não é encontrada em qualquer outro espécime da sua criação. Através da mulher nascem os filhos; e só por meio dela. É a mãe que tem a influência mais significativa durante os anos formativos da vida da criança. O conselho materno é eloqüente mesmo quando não é dita palavra alguma. Quem nunca captou o “olhar” da mãe? Quem não tomou uma decisão devido ao silêncio da mãe e, certamente, por causa das suas lágrimas?

Creio que isto é verdade porque Deus deu a tais mulheres pelo menos quatro qualidades que causam impacto em nossas vidas.

Primeira, Deus deu às mulheres uma *intuição especial*. Este é um sexto sentido que lhes permite penetrar na casca mais grossa e enxergar além da fachada, lendo a verdade por trás do erro e das mentiras. As mulheres têm a habilidade de sentir o caráter ou a falta dele, enquanto nós, homens, parecemos bem mais fáceis de sermos iludidos. A percepção delas é por vezes incrível e, em certas ocasiões, provocam irritação no elemento masculino!

Segunda, Deus deu às mulheres *uma resistência ao sofrimento* que não concedeu à maioria dos homens, quer seja a dor do parto, ou a capacidade de lidar com os problemas da vida ao longo do caminho. Como a “pioneira” dos primeiros tempos da história de nosso país, elas têm a capacidade de continuar e perseverar apesar das dificuldades, com determinação incansável. De minha parte, não consigo contar os homens que continuaram trabalhando porque uma mulher em sua vida acreditou neles.

Terceira, ao lado da intuição e da perseverança, Deus concedeu às mulheres *uma receptividade única*. Nós, homens, somos muito mais fechados — em relação a Deus e uns aos outros. Mas as mulheres mostram abertura, calor e receptividade para as coisas de Deus. Elas têm um desejo de crescer, reagir, sentir, mostrar afeto por tudo que pertence a Deus, que não é encontrado no homem comum.

Quarta, Deus deu *a qualidade de vulnerabilidade* às mulheres. A maioria das que conheço têm menos medo de contar a verdade sobre a sua vida do que os homens. Esta a razão de os conselheiros afirmarem que pelo menos 70% de seus aconselhados são mulheres. Elas estão dispostas a pedir ajuda. Se duvidarem disso, homens, lembrem-se da última vez em que se perderam no caminho e sua mulher disse: “Por que não paramos para perguntar?”. Os homens seguem pelo caminho errado durante quilômetros só para provar que sabiam para onde estavam indo. A mulher irá simplesmente parar, admitir que está perdida e pedir informações.

As mulheres são menos cautelosas, ficam menos na defensiva. Estão até dispostas a admitir seus temores e apreensões e geralmente são as primeiras a dizer em relação ao casamento: "Há alguma coisa errada entre nós".

Não desanime! Não estou falando apenas de mães e avós amadurecidas. As mulheres em geral possuem todas essas qualidades. Se quiser mais provas disto, procure na Bíblia. A Palavra de Deus está repleta de exemplos da força e dignidade que Deus deu ao sexo feminino. Como exemplo, veja várias declarações em Provérbios.

A mulher graciosa alcança honra.

Provérbios 11.16

A mulher virtuosa é a coroa do seu marido.

Provérbios 12.4a

O que acha uma esposa acha o bem, e alcançou a benevolência do Senhor.

Provérbios 18.22

A casa e os bens vêm como herança dos pais; mas do Senhor, a esposa prudente.

Provérbios 19.14

A graça da mulher lhe concede um lugar de honra. A esposa virtuosa confere ao marido uma posição importante, em público e pessoalmente. A mulher prudente é um dom de Deus, melhor do que qualquer herança terrena. Tal mulher dá ao marido conselhos prudentes e guia a família com razão e bom senso. Seu toque no braço do marido basta geralmente para refreá-lo ou levá-lo a repensar o que está prestes a fazer ou dizer.

As palavras mais exatas sobre a mulher, no entanto, são aquelas frases clássicas de Provérbios 31.10-31. Em minha

opinião, trata-se da melhor coisa escrita até hoje sobre a dignidade e honra das mulheres.

Mulher virtuosa quem a achara? O seu valor muito excede o de finas jóias. O coração do seu marido confia nela, e não haverá falta de ganho. Ela lhe faz bem, e não mal, todos os dias da sua vida.

Provérbios 31.10-12

O escritor descreve a seguir a diligência dessa mulher enquanto desempenha o seu papel de esposa, mãe e mulher de negócios, com toda eficiência, zelo e responsabilidade.

A seguir vem o versículo favorito de minha esposa:

A força e a dignidade são os seus vestidos, e, quanto ao dia de amanhã, não tem preocupações.

Provérbios 31.25

Há força de caráter e uma aura de dignidade circundando a mulher piedosa que não se encontram nem mesmo entre os homens piedosos.

Fala com sabedoria, e a instrução da bondade está na sua língua. Atende ao bom andamento da sua casa, e não come o pão da preguiça. Levantam-se seus filhos, e lhe chamam ditosa, seu marido a louva, dizendo: Muitas mulheres procedem virtuosamente, mas tu a todas sobrepujas.

Provérbios 31.26-29

Quanta esperança isto traz! Quanta força e dignidade! Deus é tão bondoso em relacionar todas essas qualidades exatamente quando, neste livro, você tinha começado a pensar que só Ester possuía as qualificações necessárias. De modo algum! Elas são suas — basta pedir, basta confiar. Então peça e confie!

A fim de não dirigir todas as palavras deste capítulo às mulheres, quero terminar dizendo algo muito pessoal para os homens. Meu amigo, meu companheiro como marido e pai, Deus lhe deu uma mulher que deseja ser como Ester, uma mulher de sensibilidade e coragem? Caso seja assim, você a encoraja nessa busca que honra a Deus? Ao considerar a sua reação, responda às três perguntas seguintes:

1. Quando foi a última vez que lhe disse que ela é um presente de Deus para você? Se já faz algum tempo, repita isso. Hoje.
2. Como você a ajuda a alcançar seus alvos a longo prazo? Se não tiver certeza do que isso inclui, peça a ela que lhe conte. Hoje.
3. Se perceber que ela está com dificuldades em uma determinada área da sua vida, você está pronto para consolá-la e dar-lhe segurança? Se acha difícil fazer isso, admita, e depois continue, arrisque-se a chegar-se a ela.

Sua esposa vale a pena, esteja certo disso. Ela só quer saber que você a valoriza como uma pessoa de sensibilidade e coragem. De fato, ela precisa saber disso... hoje.

CAPÍTULO QUATRO

Um interlúdio maligno

Vida e sofrimento são sinônimos. Um não é possível sem o outro. O sofrimento é um fato da vida neste mundo decaído e não podemos fugir dele. Na verdade, o propósito da vida não é escapar do sofrimento que ela nos traz, mas suportá-lo e vencê-lo, enquanto aprendemos as lições que só a dor pode ensinar-nos.

Alguém afirmou: "O sofrimento é inevitável. A desgraça é opcional". Desde que não podemos livrar-nos do sofrimento, o segredo da vida bem-sucedida é descobrir meios de viver acima do nível da desgraça. De fato, temos de fazer isso.

Já no século XVII, o livro de leitura usado nas escolas da Nova Inglaterra continha estas palavras:

Nossos dias aqui começam com dificuldades,
Nossa vida é delimitada,
E a morte cruel está sempre à espreita,
Quão frágil é o homem.²²

Embora essas palavras tivessem sido escritas há mais de três séculos, seus sentimentos têm origem num livro antigo, um dos mais velhos livros da Bíblia, o livro de Jó. Ali, em outro estilo de poesia, encontramos estas palavras:

O homem, nascido de mulher, vive breve tempo, cheio de inquietação.

Jó 14.1

A Bíblia Viva oferece esta pitoresca paráfrase do mesmo versículo:

Como é curta a vida do homem, cheia de medo e sofrimento!

Como é curta... frágil... cheia de sofrimento. Isso não diz tudo?

Sugiro que sigamos o exemplo de Jó e enfrentemos a realidade em vez de desperdiçar tempo precioso procurando uma fuga das dificuldades e aflições de nossa existência. Ao agir desse modo, aprenderemos lições selecionadas a respeito disso. Como Benjamim Franklin costumava dizer: "As coisas que machucam, ensinam".

SOFRIMENTO: UM TEMA REPETIDO DURANTE A VIDA INTEIRA

Detenha-se por alguns momentos e examine o tapete da vida. Sinta a parte de baixo, onde ficam os feios nós e os fiapos de linha. Observe o sofrimento que está entretecido na vida da humanidade.

Sinta, por exemplo, o mundo natural onde a cada ano ocorrem "desastres naturais", como tornados, enchentes, explosões vulcânicas, terremotos, maremotos, monções, secas, furacões, deslizamento de terras, nevascas, tempestades de pó, chuvas de gelo e de granizo.

No mundo físico, crianças nascem com graves defeitos congênitos, incapacidades e deficiências que nos cortam o coração. Acidentes terríveis provocam ferimentos que debilitam, ameaçam a vida e deixam cicatrizes de queimaduras. Milhares de pessoas sofrem de dores crônicas. As moléstias causam indignidade, sofrimento, isolamento e muitas vezes a morte.

No mundo emocional, muitos passam pelos horrores da depressão recorrente, do desânimo e das decepções. Neuroses, psicoses e outros problemas a elas associados atormentam a vida das pessoas.

Temos também o mundo doméstico, onde as manchetes trazem histórias de cônjuges espancados e sofrendo abusos, sem mencionar os filhos negligenciados ou abandonados, cenas tão horríveis que estão além da nossa imaginação. Uma estatística registra que a cada quinze segundos ocorre algum tipo desses conflitos domésticos. Outro relatório elaborado há vários anos afirmou que o único lugar mais perigoso para viver do que em meio aos motins e à guerra era o lar americano.

No cenário nacional e internacional há "pontos de inquietação", "pontos quentes", conflitos e guerrilhas, sendo que alguns deles chegaram a se transformar em guerras mundiais.

Eu poderia gastar páginas dando exemplos de que a vida e o sofrimento são sinônimos. Não é possível fugir disso.

A melhor maneira de viver com essas experiências e aprender delas é procurar entender a raiz do problema. Trata-se da presença do mal, pura e simplesmente. A inevitável realidade do pecado. Creio que Adão e Eva teriam vivido eternamente, livres de doenças e de qualquer outra forma de sofrimento, se não tivessem pecado. Mas, com a entrada do pecado veio a maldição da dor e do sofrimento e, finalmente, a tristeza da morte. O mal está sempre ali, espreitando nas sombras, pronto para invadir e violar.

Isto é verdade, embora neste momento, você possa achar que a sua vida vai indo muito bem, obrigado. Você tem saúde e suas finanças estão equilibradas. A idade vem chegando, mas continua saudável. Tem um bom relacionamento familiar. Nesta fase da sua vida, pode sentir-se tentado a sentar-se e pensar: posso continuar desse modo o resto de meus dias.

Se for assim, tudo o que posso dizer é: *Não conte com isso*. Você não está vivendo em outra dimensão. Como o resto de nós, está preso ao planeta Terra. Nossa sociedade é maligna e não só porque o outro sujeito é que está errado, mas porque *você e eu estamos errados*.

O pecado é uma doença universal. Vivemos então na sua esteira. Ela destrói parcerias. Acaba com casamentos. Divide igrejas. Instiga pensamentos e planos perversos. Dissolve amizades. Paralisa alvos. Estraçalha sonhos.

Mesmo na linda história de Cinderela de Ester, o mal levanta a sua horrenda cabeça, justamente quando tudo parece que vai dar certo. O rei Assuero encontrou uma esposa, uma jovem com beleza interior e exterior. A órfã encantadora e modesta foi coroada rainha. Assuero sente-se realizado e Mordecai, feliz. Ester está surpresa e sem dúvida agradecida. A nação se rejubila.

Surge então um interlúdio maligno que destrói tudo que é belo. Por que devemos admirar-nos? Isto acontece na vida a toda hora, continuamente. Nem mesmo nos dias bíblicos as pessoas "viviam felizes para sempre".

MOTIM: UMA CONSPIRAÇÃO MENOR CONTRA O REI

Como sempre acontece com o mal, ele aflorou rapidamente. Embora a maioria dos súditos do reino estivesse satisfeita com o regime, uma conspiração secreta estava se formando na mente de dois homens.

Naqueles dias, estando Mordecai sentado à porta do rei, dois eunucos do rei, dos guardas da porta, Bigtã e Teres, sobremodo se indignaram, e tramaram atentar contra o rei Assuero.

Ester 2.21

“Naqueles dias”. Em *que* dias? Nos dias em que o rei e o povo estavam se banquetando e rejubilando, quando todos pareciam tão satisfeitos, alegres e em paz uns com os outros.

Não é sempre assim? Quero dizer, por que aqueles dois guardas simplesmente não perdoaram o rei? Por que não puderam ignorar o fato de ele ter feito ou dito algo que os irritasse? Por que Bigtã não aconselhou Teres: “Olhe, não deixe que isso o aborreça. O homem tem muita coisa em que pensar”.

O que quer que fosse, não justificava uma conspiração e certamente não merecia um assassinato planejado. O mal, porém, opera desse modo. Quando uma ofensa não é re-freada, ela cresce e se transforma em ódio. Quando é permitido que o ódio se inflame, ele leva à ira e algumas vezes ao crime. Sempre que esse tipo de coisas envenena a nossa mente, pode levar-nos à conspiração.

O caso desses dois homens foi justamente esse e antes de muito tempo a raiva deles culminou em um plano criminoso.

Veio isso ao conhecimento de Mordecai, que o revelou à rainha Ester, e Ester o disse ao rei, em nome de Mordecai. Investigou-se o caso, e era fato; e ambos foram pendurados numa forca. Isso foi escrito no livro das crônicas perante o rei.

Ester 2.22-23

Naqueles dias, sob o governo persa, eles não perdiam tempo no tribunal. Quando a vida do rei era ameaçada, os responsáveis pagavam por isso com a própria vida. Bem depressa. Portanto,... esse foi o fim de Bigtã e Teres, e a sua conspiração; mas não o fim do mal, ou das conseqüências do

que eles fizeram. Lembre-se deste incidente. Vamos recordá-lo mais adiante na vida de Ester.

Por terem cedido às suas idéias perversas, esses dois homens se envolveram num plano que resultou na sua morte. Todavia, antes que estudemos este trecho da Escritura e o que se segue, pensando como as pessoas eram perversas nos dias da Pérsia, quero lembrar que em cada coração existem pensamentos latentes de ódio e assassinato, assim como de cobiça, sensualidade e abuso — o lado sórdido e sombrio da vida.

Você e eu temos esses sentimentos em nosso íntimo. Se não fosse pelo poder do Deus vivo, atos de violência seriam cometidos por cada um de nós e iríamos finalmente acabar exterminando a nós mesmos da face deste planeta.

Aqueles dois corpos pendurados na forca eram uma advertência para todo o povo da Pérsia: Este é o mal. Este é o resultado do mal. A cena era horrível, não se iluda a esse respeito.

Em lugar de serem pendurados pelo pescoço numa forca do tipo moderno, os homens foram provavelmente empalados numa estaca ou poste (cf. Ed 6.11). Este não era um método incomum de execução no império persa. Dario, pai de Xerxes, ficou conhecido como tendo certa vez empalado 3.000 homens. Um registro desta tentativa de assassinato foi escrito nos **anais**, o registro oficial do reino (cf. Et 6.1-2).²³

Na antigüidade, eles não se detinham diante de nada para provocar medo em cada cidadão, para que todos soubessem que o crime não compensa. Mas, mesmo diante de uma cena tão terrível como a dos dois homem empalados no patíbulo público, o mal não se retirou.

VINGANÇA: UM ESQUEMA MAIOR CONTRA OS JUDEUS

“Depois destas cousas” (3.1), um mal ainda maior entra em cena. Não é interessante ver como esses trechos são unidos

por meio de frases bastante inócuas: “Passadas estas cousas”, “Naqueles dias”, “Depois destas cousas”? O mesmo ocorre na vida. Os grandes eventos, os pontos críticos, não começam com um anúncio ousado, retumbante, do céu: “O dia de hoje trará problemas — problemas *ruins!*” Não, esses dias começam da mesma forma que os outros. Você não tem idéia do que está para vir. E, de repente, do céu azul ele ataca como um raio! Você se descobre então envolvido na velha guerra contra o pecado e o mal.

Depois destas cousas o rei Assuero engrandeceu a Hamã, filho de Hamedata, o agagita, e o exaltou, e lhe pôs o trono acima de todos os príncipes que estavam com ele.

Ester 3.1

Espere um pouco! O que está acontecendo aqui? Mordecai foi quem salvou a vida do rei. Certo? Mordecai contou sobre o plano a Ester e esta avisou o rei. Mordecai descobriu a conspiração e salvou a vida do monarca. Por que Hamã está sendo então promovido?

Esqueci-me de lhe dizer: A vida não é só penosa, é também injusta. Você talvez esteja pensando neste exato momento que será promovido porque se esforçou mais no trabalho, você apresentou boas idéias, você fez mais pelo seu chefe; portanto, nada mais justo que você ocupe a posição especial que esteve esperando. Fique preparado! Provavelmente isso não vai acontecer. Não estou tentando ser pessimista, apenas realista. As coisas erradas acontecem! Por que a vida não é justa? Por causa do mal.

Quando o direito governa, a justiça reina; mas, quando o mal espreita no coração, surge a injustiça. E foi exatamente isto que aconteceu quando Hamã, dentre todos, recebe autoridade e é promovido.

Todos os servos do rei que estavam à porta do rei se inclinavam e se prostravam perante Hamã, porque assim tinha orde-

nado o rei a respeito dele. Mordecai, porém, não se inclinava nem se prostrava.

Ester 3.2

Você dirá: “Veja só! A atitude desse homem é errada”. De modo algum. Mordecai era judeu e, para o judeu, curvar-se diante de qualquer pessoa ou coisa nesta terra significava idolatria. Isso contrariava as mais profundas convicções da sua fé. A Torá afirma claramente: “Não tereis outros deuses diante de mim”. Mordecai não se curvaria, nem prestaria homenagem a ninguém.

Quando lhe perguntam a razão de não obedecer à ordem do rei — por que não prestar homenagem ao homem que o rei promoveu a uma posição de autoridade —, Mordecai já tem a resposta pronta.

Então os servos do rei que estavam à porta do rei disseram a Mordecai: Por que transgredes as ordens do rei?

Sucedeu, pois, que, dizendo-lhe eles isto, dia após dia, e não lhes dando ele ouvidos, o fizeram saber a Hamã, para ver se as palavras de Mordecai se manteriam de pé, porque ele lhes tinha declarado que era judeu.

Ester 3.3-4

É evidente que os servos do rei atormentaram Mordecai sobre a sua atitude durante vários dias. A cada vez que levantavam a questão, ele lhes respondia a mesma coisa: “Sou judeu” (cuja interpretação significa: “Não posso curvar-me diante de qualquer ente terreno”). O mal no coração daqueles servos os levou a contar o fato a Hamã.

Vendo, pois, Hamã que Mordecai não se inclinava nem se prostrava diante dele, encheu-se de *furor*. Porém teve em pouco nos seus propósitos o atentar apenas contra Mordecai, porque lhe

havam declarado de que povo era Mordecai; por isso procurou Hamã *destruir todos os judeus*, povo de Mordecai, que havia em todo o reino de Assuero.

Ester 3.5-6 (grifos do autor)

O que está havendo aqui? Por que a recusa de Mordecai em curvar-se perante Hamã enraiveceria a este e o faria desejar o extermínio de todos os judeus? Só o fato de vingar-se e matar Mordecai já seria um mal excessivo, mas exterminar um povo inteiro, que não estava de modo algum envolvido nesse choque de vontades?

A resposta está ligada a um antigo rancor. Examine novamente a breve genealogia mencionada no v. 1: "Assuero engrandeceu a Hamã, filho de Hamedata, o agagita".

Se você conhece a história bíblica, sabe que escondida nas dobras de 1 Samuel se encontra uma história interessante sobre um rei chamado Saul, a quem um profeta de nome Samuel mandou que matasse os amalequitas, inimigos de longa data dos judeus. Os amalequitas haviam atacado Israel depois da saída deles do Egito; esta inimizade se reporta então a essa época.

Saul recebera ordens para destruir todos os amalequitas e também seus animais, mas, por praticidade, poupou as melhores ovelhas do inimigo. Poupou também o rei, Agague. Os agagitas, descendentes dos amalequitas, receberam seu nome do rei que Saul não matou. (Este deveria ser um lembrete excelente de que, quando Deus manda você fazer algo, é melhor fazê-lo. Ele sempre tem uma razão.)

Mais tarde, o profeta Samuel confrontou Saul com a sua desobediência. Depois de ter apresentado uma desculpa esfarrapada, procurando racionalizar sua atitude, Saul acabou finalmente confessando que deixara mesmo de fazer o que o Senhor ordenara. Samuel então "despedaçou a Agague perante o Senhor" (1 Sm 15.31).

Ao longo de todos aqueles anos, esses velhos inimigos dos judeus contaram essa história às sucessivas gerações. Conseqüentemente, os agagitas *odiavam os judeus!* Por ser agagita, Hamã vinha cultivando o rancor que lhe fora ensinado desde a infância.

Esta é uma boa oportunidade para mencionar que ninguém nasce com ódio no coração. O preconceito não vem numa embalagem junto com o recém-nascido. É algo que aprendemos; para o qual somos treinados. Não nascemos odiando. Somos ensinados a odiar.

Tenho um amigo que morou na região sul dos Estados Unidos e ficou chocado ao saber que a organização Ku Klux Klan ainda fazia marchas pela rua principal da sua cidade. Nessas marchas havia crianças, assim como seus pais, e todos usavam um capuz branco. Essas crianças estão sendo treinadas a odiar como os pais odeiam.

Por intermédio de seus pais, avós e bisavós, de seus tios, tias e primos, Hamã, o agagita, aprendera a odiar os judeus. Esse ódio o consumia e, quando passou a ocupar uma posição de poder, é certo que levou o ódio em seu coração. Ele o usava como um manto.

Fiz em minha Bíblia um círculo sobre as palavras: "Procurou Hamã destruir todos os judeus". O mal age dessa forma. Ele cresce exageradamente. Hamã, portanto, não se satisfaz apenas com matar Mordecai ou atormentar a vida desse judeu. Ele se acha agora numa missão pessoal de exterminar todo o povo de Mordecai.

Impelido pelo mal, seu plano de extermínio anti-semita se desenrola rápida e criativamente. As coisas também ficam feias:

No primeiro mês, que é o mês de nisã, no ano duodécimo do rei Assuero, se lançou Pur, isto é, sortes, perante Hamã, dia a dia, mês a mês, até ao duodécimo, que é o mês de adar.

No livro *O Rei e Eu*, excelente obra de Ray Stedman sobre Ester, o autor oferece um esclarecimento útil sobre o lançar sortes:

Que procedimento estranho! Mas lançar sortes no intuito de determinar um dia adequado para realizar alguma coisa era prática comum nos reinos orientais. O processo se assemelha à prática atual de jogar dados, a fim de escolher um dia propício para alguma atividade.

Quando o registro diz: lançaram “sortes... até ao duodécimo mês”, isso não significa que jogaram dados um ano inteiro diante de Hamã; mas, sim, que cada sorte lançada representava um dia diferente. Um lance era feito para cada dia do calendário e quando um número propício aparecia (poderíamos dizer, se não houvesse um mau presságio, ou uma intuição significativa ao serem lançados os dados), o dia era considerado como de sorte. Quando isso aconteceu, foi no duodécimo mês, chamado mês de adar.

Todo este processo permitiu que Hamã fosse até ao rei e dissesse: “Olhe! Se quer realmente sorte em sua vida, se quer que a fortuna lhe sorria, só há uma coisa a fazer — livrar-se desse povo!”²⁴

Quando a sua vida é dirigida pela superstição, você acaba tendo idéias e tomando decisões ridículas. Coisas tolas. Às vezes até *demoníacas*! Foi isso o que aconteceu neste caso.

Então disse Hamã ao rei Assuero: Existe espalhado, disperso entre os povos em todas as províncias do teu reino, um povo cujas leis são diferentes das leis de todos os povos, e que não cumpre as do rei, pelo que não convém ao rei tolerá-lo.

Ester 3.8

Nossos olhos estão testemunhando o progresso do mal. O que começou como ira, transformou-se em preconceito.

O ódio de Hamã levou-o a ter idéias de assassinato. Isto não passa de conversa de extermínio. Hamã diz ao rei o que ele quer ouvir, mas não conta a história toda. Não menciona o seu próprio preconceito, seu rancor antigo — o odioso anti-semitismo que se reporta às suas raízes amalequitas. Ele esconde deliberadamente o seu verdadeiro motivo, enquanto age como se tivesse em vista apenas os interesses do rei.

Assuero não tem conselheiros sábios. Ninguém com objetividade suficiente para alertá-lo: “Cuidado! Essa história está mal contada. Esse sujeito é preconceituoso. Ele não se preocupa com o seu bem, nem com o bem do reino. Neste caso, está puxando a brasa para a sua sardinha”.

Quando o seu conselheiro é preconceituoso e é o único que lhe presta informações, você acaba com planos ou decisões destrutivos. Devemos, portanto, viver com responsabilidade e incluir em nosso círculo pessoas suficientemente honestas para usar palavras como “insensato”, “não é bom”, “exagerado”, “tenha cautela”.

O rei Assuero aparentemente não ouviu nenhuma dessas palavras e quando Hamã lhe apresentou o seu plano de extermínio dos judeus, ele o aceitou sem pestanejar. Gostou da idéia. Ela apelava para a sua superstição, sua presunção e sua cobiça. Hamã conhecia os pontos fracos do rei.

Se bem parecer ao rei, decrete-se que sejam mortos, e nas próprias mãos dos que executarem a obra eu pesarei deles dez mil talentos de prata que entrem para os tesouros do rei.

Ester 3.9

Dez mil talentos de prata. Isso correspondia a 375 toneladas! Naqueles dias a Pérsia usava a prata como seu padrão monetário e essa quantia representava então muita pilhagem. Onde Hamã iria obtê-la? Provavelmente das casas e bens confiscados depois da morte dos judeus.

Então o rei tirou o seu anel da mão, deu-o a Hamã, filho de Hamedata, o agagita, adversário dos judeus.

Ester 3.10

Isso é praticamente o mesmo que entregar seu cartão de crédito ao seu sócio e dizer: "Use-o!"

O anel de sinete do rei continha uma inscrição que era o selo oficial do império. Com ele, o monarca assinava decretos e outros documentos, apertando o anel na argila e carimbando-os para sancioná-los. Por exemplo, um edito era escrito num rolo, este era enrolado e fechado com uma pequena porção de argila macia; o rei então pressionava o sinete do anel sobre a argila, deixando nela a impressão da inscrição. Isto significava "Seja escrito" ou "Seja feito".

Veja então a importância do anel que ele deu a Hamã. Ao entregá-lo nas mãos dele, o rei praticamente selou sua aprovação oficial desse plano medonho — plano esse que incluiria a rainha judia, Ester, embora na ocasião ele não tivesse conhecimento disso.

Quando se dá andamento a um plano perverso, há sempre áreas desconhecidas de maldade nas quais ninguém pensa antecipadamente.

E (o rei) lhe disse: Essa prata seja tua, como também esse povo, para fazeres dele o que melhor for de teu agrado.

Ester 3.11

O que aconteceu com Assuero que ele pôde dizer com um aceno de mão: "Acabe com eles"? É quase impossível imaginarmos tal coisa.

Todavia, antes de nos voltarmos para ditadores ou outros loucos maldosos no decorrer dos séculos, vamos ser penosamente honestos e observar a situação um pouco mais perto de casa. Você está cultivando algum sentimento de rancor? Colocou um rosto no seu alvo de dardos? Posso fazer algumas sugestões para ajudá-lo a dar uma resposta sincera?

Existem pessoas, tais como um ex-cônjuge, ex-pastor, ex-colega de quarto, uma igreja que o ofendeu, uma organização que se aproveitou de você, um chefe, um técnico, alguém a quem respeitava e em quem confiava que usou e/ou abusou de você? Há alguém que dificultou a sua vida e nunca a “endireitou”?

Apesar de essas pessoas estarem fora da sua vida hoje—fisicamente ausentes—os episódios do passado estão ainda vivos em sua memória, aprofundando a sua determinação de manter-se apegado a eles. Se isso for verdade, a não ser que eu esteja errado, você alimenta pensamentos deste tipo: “*Algum dia, de alguma forma vou revidar!*”

Cultivar essa ira, esse rancor persistente, esta recusa deliberada de perdoar, vai acabar se transformando numa ferida cada vez mais inflamada. Ela é silenciosa. Oh, tão silenciosa e tão fatal!

Hamã já é adulto quando entra em cena. Não sabemos a sua idade, mas, em vista da sua posição, não é um adolescente. Ele ocupa o seu cargo oficial disposto a atacar. Este é o seu *momento* e vai fazer uso dele!

A vida e o sofrimento são sinônimos. Não podemos fugir do sofrimento. Se não formos cuidadosos, ele pode fazer-nos cometer o mais hediondo dos pecados.

Nossos tribunais estão cheios de casos terríveis. Terroristas, estupradores, criminosos e até assassinos em série. Lemos a respeito de um homem que matou sessenta pessoas, de várias maneiras inimagináveis. Nós o vemos sentado no tribunal, sorrindo durante o julgamento, e pensamos: Que animal!

Talvez seja mesmo. O que é fácil ignorar, porém, é isto: Essa mesma natureza animalesca reside em mim e em você. Ela é totalmente perversa. É ignóbil. E se não fosse pela presença da graça e da milagrosa salvação de Jesus Cristo operando em nós, controlando nossas paixões e insistindo para perdoarmos e seguirmos adiante, ela nos consumiria. *Mataríamos* sem que isso nos fizesse perder o sono.

Somos absolutamente impotentes para solucionar nosso próprio problema do mal! Se não fosse o poder do Espírito Santo que recebo em doses diárias, praticamente de momento a momento, meus rancores, minha falta de perdão poderiam transformar-se em pensamentos que iriam chocar você. E os seus também me espantariam.

Foi isso o que aconteceu com Hamã. Essa a razão de ter podido inventar seu plano perverso e ser capaz de cometer todo esse mal sem pensar duas vezes. Ele não tinha o poder interior do Deus vivo para ajudá-lo a livrar-se do seu ódio e preconceito, para viver acima das garras poderosas da vingança.

Qual foi então o resultado? Ele prosseguiu sem hesitação, sem sentir qualquer constrangimento ou a mais leve culpa.

Chamaram, pois, os secretários do rei no dia treze do primeiro mês e, segundo ordenou Hamã, tudo se escreveu aos sátrapas do rei, aos governadores de todas as províncias e aos príncipes de cada povo; a cada província no seu próprio modo de escrever, e a cada povo na sua própria língua. Em nome do rei Assuero se escreveu, e com o anel do rei se selou. Enviaram-se as cartas, por intermédio dos correios, a todas as províncias do rei, para que se destruíssem, matassem e aniquilassem de vez a todos os judeus, moços e velhos, crianças e mulheres, em um só dia, no dia treze do duodécimo mês, que é o mês de adar, e que lhes saqueassem os bens.

Ester 3.12-13

Já imaginou a cena? Hamã ordenou a aniquilação de todos os judeus em cada uma das 127 províncias do reino. Ele colocou por escrito o plano de extermínio e selou-o com o anel do rei, no primeiro mês do ano, mas o mesmo não devia ser executado até o duodécimo mês. *Deixe que vivam atormentados, sabendo o que os aguarda*, deve ter sido o seu pensamento. Ele não só queria matá-los, como também torturá-los.

Tais cartas encerravam o traslado do decreto para que se proclamasse a lei em cada província; foi enviado a todos os povos para que se preparassem para aquele dia.

Os correios, pois, impelidos pela ordem do rei, partiram incontinenti, e a lei se proclamou na cidadela de Susã; o rei e Hamã se assentaram a beber, mas a cidade de Susã estava perplexa.

Ester 3.14-15

Crimes desse tipo podem ser planejados. Enquanto isso você fica tomando tranqüilamente a sua bebida sem se importar com nada, enquanto os que estão ao seu redor sofrem tormentos. É isso que acontece quando o mal não é controlado.

PERVERSIDADE: UMA REAÇÃO APROPRIADA

Embora estejamos longe de terminar esta história notável, é conveniente fazer agora uma pausa e respirar fundo. Três lições valiosas já podem ser extraídas dos três principais personagens desta história. A primeira nos é dada por Mordecai, depois Hamã e finalmente Assuero.

Primeira, aprendemos de Mordecai: *Nunca se esqueça de que sempre haverá alguém que irá ressentir-se de sua dedicação ao Senhor.*

Tudo começou assim na Pérsia, lembra-se?

“Por que você não se curva diante do primeiro ministro Hamã?”

“Sou judeu. Minha devoção ao Senhor é tamanha que não ouse fazer isso.” O resultado foi um ressentimento tão grande que terminou num plano de extermínio!

Sempre haverá alguém que irá ressentir-se da sua dedicação ao Senhor. Espere isso. Se não esperar, sua vontade será enfraquecida. Vi isso no exército. Vi isso nos bairros. Vi isso no ministério. Com toda certeza também vi no mundo dos negócios, onde a pressão se intensifica porque as convicções

do indivíduo contrariam a “política da empresa”. Os resultados são tão graves, que já conheci alguns que tiveram de sair da firma.

Segunda, aprendemos com Hamã: *Nunca subestime a natureza diabólica da vingança*. Enquanto falamos disso, não subestime sua própria habilidade de conspirar e retaliar. A falta de perdão reprimida envenenará a sua vida se você permitir. Muitos divorciados estão sendo consumidos hoje pelo envenenamento provocado por um espírito que não perdoa. Quantos adultos jovens e até de meia-idade se voltaram contra os pais em vez de perdoá-los? Quantos atos viciosos de terrorismo nasceram nos rios poluídos da falta de perdão?

Terceira, Assuero nos ensina: *Nunca valorize demais a sua própria importância*. É fácil ficar cego pelo orgulho da nossa posição e poder. Um conselheiro sábio deveria ter tido acesso ao rei Assuero e dito a ele: “O que é essa coisa medonha que você está permitindo? Não vale a pena. Nem você é assim importante”.

“Um interlúdio maligno” está sempre pairando sobre cada vida—um plano secreto para afastar-se das responsabilidades dadas por Deus ou um espírito rancoroso que, se não for confrontado, pode levar à violência ou até ao crime.

Enquanto escrevo estas palavras, a decisão final de um júri federal em Denver, Colorado, acabou de ser anunciada. Um homem foi declarado culpado de assassinato e condenado à morte por ter colocado explosivos em um prédio do governo federal em 19 de abril de 1995. Esse atentado matou tragicamente 168 homens, mulheres e crianças e feriu centenas de outros.

Um veterano da Guerra do Golfo Persa, de 28 anos apenas, cometeu este crime hediondo de terror político ao permitir que um espírito de amargura e de falta de perdão se transformasse em ódio cego, levando-o finalmente ao mais terrível crime de assassinato em massa cometido por um americano na história dos Estados Unidos. Seu “interlúdio maligno”,

alimentado pelo veneno do preconceito e do ódio, gravou em nossas mentes um nome que permanecerá para sempre abominável — um nome que jamais esqueceremos: Timothy McVeigh.

Até hoje os judeus não se esqueceram do homem chamado Hamã. Eles se lembram dele todos os anos na Festa do Purim.

Durante a leitura dramática do Livro de Ester numa sinagoga judia, na Festa do Purim, a congregação talvez participe do coro e exclame a cada menção do nome de Hamã: “Que o seu nome seja apagado”, “Que o nome do ímpio pereça”, enquanto rapazes com marretas batem em pedras e pedaços de madeira onde o nome odioso está escrito.²⁵

Em um ou outro momento de nossas vidas a relevância da Escritura nos deixa *chocados*. Como uma faca aquecida corta a manteiga, a Escritura corta bem fundo em nosso coração. Isso certamente deve aplicar-se ao efeito do mal que percebemos em Hamã. Mas, a verdade é que também se aplica às nossas vidas. Se permitirmos que a ira e nossos ressentimentos inflamem, se planejarmos alguma vingança, iremos provavelmente acabar cometendo atos horríveis contra outros e contra nós mesmos.

Por esta exata razão é que Deus invadiu o nosso mundo corrupto na Pessoa de seu Filho, Jesus Cristo. Não podemos salvar a nós mesmos, mas o Senhor Jesus pode. Na cruz em que foi levantado, ele abriu a porta para o perdão e o poder. Permitiu que cravos traspassassem as suas mãos e pés, e morreu ali pendurado, para que todo aquele que nele crê não pereça em seus pecados e maldade.

De alguma forma, de algum modo maravilhoso, o sangue derramado do seu corpo serve como um detergente interno que lava os nossos pecados. Nenhuma palavra que eu possa dizer, ou que alguém possa pronunciar, fará isso. Só o sangue de Cristo tem esse poder. Ouça este trecho de um hino que a igreja vem cantando há anos:

Quem me poderá salvar?
 Cristo, que verteu seu sangue.
 Onde as manchas vou limpar?
 Só no seu precioso sangue.²⁶

Não é possível escapar do sofrimento e do mal nesta vida. Não posso sequer prometer que depois de entregar sua vida a Cristo você não mais terá pensamentos malignos de vingança. Pois, provavelmente *irá tê-los!* O que posso prometer, no entanto, é que se Cristo estiver dirigindo sua vida, você terá um controle interior que poderá impedi-lo de ceder aos desejos da sua velha natureza perversa.

A partir de hoje, você pode experimentar uma transformação interna. Uma simples oração fará isso, quando oferecida com toda sinceridade:

Pai Celestial, eu sou como Hamã, pois o mal vive em mim e descobri que não posso vencê-lo. Creio que Jesus pagou o preço pelos meus pecados e que ele foi levantado da sepultura e ainda vive, oferecendo-me poder a cada dia. Creio também que a sua morte pagou pelo castigo que eu devia ter pago, mas que não estava qualificado para pagar. Eu o recebo então agora em meu coração. Obrigado, Senhor, por entrar em minha vida como entrou uma vez neste planeta.

A graça de Deus enxerga além da nossa mais profunda necessidade. Ele nos encontra onde estamos, falando diretamente conosco em termos que podemos compreender. Faz isto por meio da sua Palavra, como o fez nesta mensagem virtualmente obscura de um documento antigo chamado Ester, uma história tão importante quanto o ressentimento e ato criminoso de vingança de Timothy McVeigh.

Em vista de você e eu não termos uma natureza melhor do que a desse assassino condenado, precisamos da majestosa graça de Deus para limpar nossos corações de toda maldade.

Ele pode capacitar-nos para entregar-lhe todo o nosso sofrimento nesta vida, habilitando-nos para resistir a todas as tentações de vingança, enquanto trata deste problema insolúvel para nós, mediante o seu poder.

A vida e o sofrimento podem ser sinônimos, mas não fazem de nós vítimas indefesas de nossos "interlúdios malignos". Deus e a graça são suficientes para mudar você, para transformá-lo de perverso em justo. A pergunta é: Você vai entregar-se a ele pela fé e permitir que faça isso em sua vida?

O único que pode responder a essa pergunta é você. Até que responda com um "Sim!" retumbante não encontrará meios de fugir dos seus "interlúdios malignos". Quero então sugerir-lhe um lado mais alegre extraído do hinário: "The New England Primer":

Os problemas podem nos atormentar aqui,
 Já que falta poder e vigor em nossas vidas.
 Existe, porém, esperança para além do ódio e do medo,
 Quão grande Salvador é Cristo!²⁷

CAPÍTULO CINCO

Pensando e dizendo o que é certo — haja o que houver

Num mundo superpovoado, é fácil subestimar a importância do indivíduo. Há tantas pessoas, com tantos dons e habilidades que já estão fazendo tantas coisas tão importantes, quem precisa então de mim? Com o que posso contribuir individualmente para as espantosas necessidades do mundo? É claro que é fácil permitir que a vastidão do ambiente que nos rodeia nos engane, não é?

A verdade, porém, é esta: você é você—um ente único em todo o mundo.

Gosto da maneira como Edward Everett Hale considera este ponto:

Eu sou apenas um,
mas, mesmo assim sou um.
Não posso fazer tudo;
mas, mesmo assim, posso fazer algo;
e porque não posso fazer tudo
não me recusarei a fazer o algo que posso fazer.²⁸

Só há um você. Você é a única pessoa com a sua exata herança, com essa série de eventos na peregrinação e sofrimentos da vida. Você é o único com as suas convicções pessoais, suas características, suas habilidades, sua aparência, toque, voz, estilo, ambiente e esfera de influência — você é único.

O IMPACTO SIGNIFICATIVO DE UM ÚNICO INDIVÍDUO

A história está cheia de relatos de indivíduos únicos que mudaram uma situação. Pense nas batalhas militares que giraram em torno de um único herói. Nos artistas e na contribuição de suas vidas individuais, desde Michelângelo a da Vinci, de Brahms a Beethoven. Nos cientistas, inventores, exploradores, especialistas em tecnologia que mudaram literalmente o curso da história. Nos pregadores corajosos no decorrer dos séculos que se mantiveram sozinhos na brecha e fizeram uma diferença. A face da igreja mudou devido a indivíduos importantes — homens como Agostinho, Tyndale, Bunyan, Lutero, Calvino, Whitefield, Wesley, Edwards, Spurgeon, Moody e Graham, para nomear apenas alguns.

Ou, olhando de outro ângulo, pense na diferença que um voto pode fazer. Na época de eleição, muitos negligenciam exercer um dos maiores privilégios da democracia, pensando que o seu voto não faz diferença. Há vários anos li esta declaração profunda que expressa a importância de um único voto.

- Em 1645, um voto deu a Oliver Cromwell o governo da Inglaterra;
- Em 1649, um voto causou a execução do rei da Inglaterra, Charles I;
- Em 1776, um voto deu a língua inglesa à América em vez da alemã;
- Em 1839, um voto elegeu Marcus Morton governador de Massachusetts;
- Em 1845, um voto introduziu o Texas na União;

- Em 1868, um voto salvou o Presidente Andrew Johnson do *impeachment*;
- Em 1875, um voto mudou a França de monarquia em república;
- Em 1876, um voto deu a presidência dos Estados Unidos a Rutherford B. Hayes;
- Em 1923, um voto deu a Adolph Hitler o controle do partido nazista;
- Em 1941, um voto poupou o Sistema de Serviço Seletivo apenas 12 semanas antes de Pearl Harbor!"²⁹

Quando leio a Palavra de Deus, não encontro relatos sobre grandes cruzadas, reavivamentos de cidades inteiras e reuniões em massa, nos quais a atenção de Deus se concentrasse em todo um país ou comunidade. Em geral, encontro homens e mulheres que mudaram individualmente uma situação, que determinaram o ritmo da marcha, abriram espaço, enfrentaram perigos e mudaram a sua época.

De Gênesis a Apocalipse, vemos a mão de Deus na vida das pessoas que pensaram, disseram e fizeram o que era certo, apesar de tudo; e, como resultado, a história se fez. Foi esta única observação, feita há alguns anos, que plantou pela primeira vez em minha mente a idéia de escrever uma série de bibliografias bíblicas.

Veja alguns dos versículos que declaram a importância do indivíduo.

Porque, quanto ao Senhor, seus olhos passam por toda a terra, para mostrar-se forte para com aqueles cujo coração (singular) é totalmente dele...

2 Crônicas 16.9

...O Senhor viu isso, e desaprovou o não haver justiça. Viu que não havia ajudador algum, e maravilhou-se de que não houvesse um intercessor...

Isaías 59.15-16

Dai voltas às ruas de Jerusalém; vede agora, procurai saber, buscai pelas suas praças a ver se achais alguém, se há *um* homem que pratique a justiça ou busque a verdade; e eu lhe perdorei a ela.

Jeremias 5.1 (grifo do autor)

Busquei entre eles um homem que tapasse o muro e se colocasse na brecha perante mim a favor desta terra, para que eu não a destruísse; mas a ninguém achei.

Ezequiel 22.30

Um único missionário investe sua vida inteira numa região, e uma tribo é finalmente evangelizada. Um estadista defende sozinho o direito, e um país é salvo. Só um cidadão enérgico e determinado diz: "Sou contra este mal", e uma comunidade corrige a sua moral e muda de direção. Como veremos, uma única mulher decidiu que valia a pena quebrar o protocolo e dizer o que pensava, e uma nação foi preservada. Lembre-se do que afirmei nas palavras de abertura da minha introdução: "A mulher tem poder!"

Os judeus haviam sido ameaçados de extermínio. O perverso Hamã influenciara o rei Assuero com as suas promessas. "Por meio deste meu plano, poderei colocar uma boa soma de dinheiro no tesouro real e então livraremos a terra desse povo que não se curva e não rende adoração ao rei." Embora fosse um incentivo ao orgulho do rei, o plano continha todos os traços da pior espécie de holocausto. "Os judeus desaparecerão da nossa terra. Ficaremos livres desse povo".

No caso de estar imaginando qual o impacto que ele teve sobre a comunidade, volte à última frase do capítulo 3: "a cidade de Susã estava perplexa".

Enquanto Hamã e Assuero bebiam no palácio, o público em geral se sentia perplexo e confuso, especialmente os judeus, de um modo bem parecido com os do gueto em Varsóvia e outros cenários europeus de horror em fins da década

da de 30 e início de 40. “O que está acontecendo?” “Por que as autoridades ordenaram isto?” “Até que ponto as coisas vão chegar?”

Quanto terror essa situação criou em seus corações, quanto medo em suas mentes! “Como podemos continuar?” “Como lutaremos contra isto?” A lei dos medos e persas era assim. Ao ser proclamado um edito naquela época, não havia apelação. Ninguém tinha poder para mudar o plano de Hamã; certamente nenhum judeu. O desamparo se transformou em desesperança.

Todavia, em meio a isso tudo, Deus não estava adormecido. Em seu plano soberano, ele determinou que uma pessoa mudaria a situação. Novamente, um indivíduo se colocaria sua cabeça a prêmio. Nesta ocasião, o nome dele era Ester.

Siga a história enquanto examinamos primeiro a reação do povo, enlutado e choroso.

A INTERVENÇÃO ESSENCIAL DA RAINHA ESTER

Quando soube Mordecai tudo quanto se havia passado, rasgou as suas vestes e se cobriu de pano de saco, e de cinza, e, saindo pela cidade, clamou com grande e amargo clamor.

Ester 4.1

Sempre que passava por uma séria dificuldade, tinha uma doença grave, sepultava um membro da família, ou a sua cidade era vítima de um grande desastre, o povo nos dias de Ester usava geralmente roupas soltas, grosseiras, de cor escura, feitas de pêlo de cabra, que cobriam as pessoas como um pano de saco. Além disso, pegavam as cinzas que sobravam do fogo e atiravam por sobre a cabeça e o corpo, parecendo então pálidas e sujas. Outras vezes, elas até sentavam sobre um monte de cinzas já frias, como uma expressão vívida do seu sofrimento.

Os homens demonstram sua tristeza e luto de diferentes maneiras. Na cultura ocidental, nossa expressão de tristeza é em geral reprimida. Quando o presidente John Kennedy foi assassinado, sua jovem viúva usou um véu escuro como manifestação de luto, escondendo por trás dele as suas lágrimas. Em nossa cultura, as pessoas geralmente soluçam baixinho, ou abraçam compassivas os enlutados.

No oriente, entretanto, a tristeza é sempre manifestada visível e audivelmente. Todos tivemos ocasião de assistir cenas de grandes multidões transportando um caixão, enquanto gritam e clamam. Eles gritam versos da sua palavra sagrada e se agarram ao caixão. *Se lamentam e pranteiam!*

É justamente isso que Mordecai faz aqui. Sua tristeza não conhece limites. Em pano de saco e cinzas ele vai tropeçando na direção da porta do palácio.

E chegou até à porta do rei, porque ninguém vestido de pano de saco podia entrar pelas portas do rei.

Ester 4.2

Mordecai sabia que não lhe seria permitido entrar pela porta do rei, aquela em que o soberano se encontrava com seus súditos e fazia julgamentos, conforme o costume oriental. É possível que Mordecai tivesse ido ali para chamar a atenção da rainha, pois é duvidoso que Ester soubesse alguma coisa desse edito. Ela vivia na atmosfera reclusa e superprotegida do harém, distante das preocupações das pessoas comuns.

Mas Susã, a capital, não era o único lugar onde tais demonstrações de luto estavam tendo lugar.

Em todas as províncias aonde chegava a palavra do rei e a sua lei, havia entre os judeus grande luto, com jejum e choro, e lamentação; e muitos se deitavam em pano de saco e em cinza.

Ester 4.3

É uma cena de tristeza geral e luto ruidoso.

Você já notou como o sofrimento une as pessoas? Já observou como elas reagem aos desastres? Mencionei antes o julgamento de Timothy McVeigh. O que não mencionei foi a reação esmagadora do povo norte-americano. Não só os de Oklahoma City, mas pessoas de todo o país se reuniram depois daquela horrenda explosão. Todas as formas de simpatia e compaixão se manifestaram, tanto da parte dos que trabalharam sem descanso no resgate dos corpos, como dos que ofereceram toda espécie de auxílios tangíveis.

Vimos esse mesmo tipo de coisa depois de vários desastres aéreos. Ninguém foi “forçado” a responder; esses indivíduos surgiram voluntariamente, atraídos como por um imã para ministrar aos necessitados. O mesmo ocorreu na terrível seca que assolou o sertão nordestino brasileiro em 1998.

O sofrimento nos empurra para fora de casa. Ele nos coloca em contato com nossos vizinhos. Meu irmão, Orville, depois de sofrer grandes perdas quando o furacão Andrew varreu o sul da Flórida, declarou: “Ele derrubou todas as nossas cercas e finalmente acabamos conhecendo todos os nossos vizinhos!”

As dificuldades nos forçam a dar-nos as mãos e a nos unir mais fortemente. O sofrimento *jamais* destruiu uma nação! As dificuldades *não* dividem as famílias. A riqueza faz isso! Mas não o sofrimento. Não as dificuldades. Eles empurram todos para o mesmo nível, com o mesmo alvo: *Sobreviver*.

Não ficamos então surpresos ao ver esses judeus chorando, se lamentando e jejuando juntos.

Então vieram as servas de Ester, e os eunucos, e fizeram-na saber, com o que a rainha muito se doeu; e mandou roupas para vestir a Mordecai, e tirar-lhe o pano de saco; porém ele não as aceitou.

Ester 4.4

“O que está havendo?” Ester deve ter pensado ao saber da condição de Mordecai. “Por que ele está de luto?” Agora

que fazia parte da casa do rei, impedida de ter contato com os de fora do palácio, Ester não podia falar diretamente com Mordecai. Manda então roupas para substituir o pano de saco, como um meio de confortá-lo do que quer que tenha acontecido. Mordecai recusa, no entanto, as roupas. Ester envia a seguir um dos servos do rei para saber a verdade dos lábios de Mordecai.

Então Ester chamou a Hatá, um dos eunucos do rei, que este lhe dera para a servir, e lhe ordenou que fosse a Mordecai para saber que era aquilo e o seu motivo. Saiu, pois Hatá à praça da cidade para encontrar-se com Mordecai à porta do rei. Mordecai lhe fez saber tudo quanto lhe tinha sucedido; como também a quantia certa da prata que Hamã prometera pagar aos tesouros do rei pelo aniquilamento dos judeus. Também lhe deu o traslado do decreto escrito que se publicara em Susã para os destruir, para que o mostrasse a Ester e a fizesse saber, a fim de que fosse ter com o rei e lhe pedisse misericórdia e na sua presença lhe suplicasse pelo povo dela.

Ester 4.5-8

Mordecai não só informa Ester, por meio do seu servo, de tudo o que aconteceu, inclusive os detalhes sobre a quantia exata de dinheiro oferecida, como também envia evidência oficial—uma cópia do texto do decreto. “A sua rainha leu isto?”, pergunta ele. “Este documento foi assinado com o sinete do rei”. Ele não perdeu o controle das suas emoções, não exagerou. Teve cuidado com a informação comunicada.

Por que falo a respeito disto? Porque vivemos num mundo de “ouvir dizer”, em que poucas pessoas transmitem informação exata e confiável. Você faz isso? Tem cuidado com o que diz? Procura obter os fatos? Oferece provas de que a informação que está transmitindo é exata?

Embora haja ocasiões em que é apropriado remeter informação necessária e grave para as fontes certas, estou des-

coabrindo cada vez mais uma crescente preocupação com os boatos e a calúnia. Meias-verdades e insinuações são um prato cheio para os boateiros pouco confiáveis. Não há como medir o número de pessoas prejudicadas pelos boatos, exageros e rumores. É possível que você também já tenha sofrido isso.

Este tipo de informação falsa aconteceu comigo diversas vezes. Lembro-me de ter recebido uma carta registrada de um homem, na qual dizia: “Conte-me sobre a ocasião em que quase cometeu suicídio. Ouvi na semana passada que, ao falar com _____ (ele citou o grupo), você mencionou que quase se matara”. A verdade é que eu jamais pensei em suicidar-me. Lembro-me de ter falado ao grupo que ele mencionou e, em minha palestra, aludi a algumas das tensões e dificuldades do ministério. É óbvio que alguém na audiência leu a sua própria interpretação exagerada em meus comentários.

É assim que começam os boatos. A história era falsa e poderia ter causado problemas. Graças a Deus, ele me escreveu pessoalmente para obter os detalhes corretos. Nem todos fazem isso!

Na faculdade Northwest, a cada dois ou três anos, ressurge um boato de que estou divorciado. Tenho então de enviar-lhes regularmente notícias de que permaneço como sempre fui: “marido de uma só mulher”! Esta é a mesma mulher que se dispôs a permanecer comigo há 42 anos. *Isso é que me surpreende!*

Tenha cuidado com o que você diz. Tenha cuidado com a maneira como diz. Tenha o cuidado de enviar a mensagem certa, para a pessoa certa e pelo motivo certo.

Mordecai faz todas essas coisas. Ele tem uma informação, da qual a rainha deve tomar conhecimento. Sabe também que deixou as coisas bem claras para Ester. Ele pediu que ela “fosse falar com o rei e implorasse o seu favor, suplicando pelo seu povo”. Ele também sabia que se ela agisse desse modo a “cortina” poderia cerrar-se sobre ela. Até o momen-

to, ninguém no palácio tem conhecimento de que Ester é judia. Se ela acreditasse na informação e tomasse providências, como Mordecai pediu, estaria arriscando tudo e, portanto, não é hora para boatos. É hora de “exatidão no relatório”! James Hastings capta o drama do momento:

Mordecai refletiu sobre esta amarga necessidade. Fixou-se nela até que seus olhos viraram fonte de lágrimas. Estudou a situação até que o ferro penetrou sua alma. A seguir fez o seu apelo à Rainha Ester para que se levantasse como a salvadora do seu povo.³⁰

Tenho a certeza de que ao ver o mensageiro de Ester à sua frente, Mordecai teve pensamentos deste tipo: *Este é o momento. Esta é a minha única oportunidade. Preciso enviar uma mensagem a Ester. Está na hora de ela expor-se ao perigo.*

Tornou, pois, Hatá e fez saber a Ester as palavras de Mordecai. Então respondeu Ester a Hatá, e mandou-lhe dizer a Mordecai: Todos os servos do rei e o povo das províncias do rei sabem que para qualquer homem ou mulher que, sem ser chamado, entrar no pátio interior para avistar-se com o rei, não há senão uma sentença, a de morte, salvo se o rei estender para ele o cetro de ouro, para que viva; e eu nestes trinta dias não fui chamada para entrar ao rei. Fizeram saber a Mordecai as palavras de Ester.

Ester 4.9-12

Antes que você franza a testa e cultive pensamentos de justiça própria, pensando que nunca responderia desse modo, lembre-se de que está cercado de amigos num ambiente seguro e nada ameaçador, onde não há soldados armados do lado de fora e um protocolo real a obedecer. Além disso, é bem possível que também não viva sob uma nuvem escura por causa da sua raça e que não haja em seu país um rei

sentado num trono decidindo sobre quem viverá ou morrerá. É fácil ser valente quando estamos protegidos e seguros, quando não corremos qualquer risco.

Caso Ester obedecesse a Mordecai, ela estaria arriscando tudo, inclusive a sua vida. Embora o rei fosse seu marido, ela não podia entrar em sua sala e contar-lhe tudo que pesava em sua mente. As coisas não funcionavam assim na Pérsia da antigüidade. O rei tinha de chamá-la. E, na ocasião, não a chamara durante um mês. Se fosse vê-lo sem que mandasse buscá-la, o monarca poderia condená-la à morte. Além de tudo isso, ela era judia. Quem sabe qual seria a reação daquele soberano gentio ao descobrir isso?

O dilema era enorme. Mordecai, porém, conhecia Ester. Ele a criara e educara. Sabia até que ponto podia pressioná-la. Acima de tudo, conhecia o caráter dela. Sabia de que material era feita.

Encorajar o cultivo do caráter é o que os pais sábios fazem, estimulando, levando os filhos à maturidade. Como pai, há ocasiões em sua vida — pequenas vinhetas, pequenas janelas de tempo — onde você pode entrar e ajudar seus filhos a compreenderem o valor da coragem. À medida que eles crescem e essa proximidade se transforma em uma relação mais distante, você deve exortá-los a permanecerem firmes no que crêem, mesmo que isso signifique solidão — e depois confiar neles para que façam isso sem que haja necessidade da sua presença..

Mordecai se encontra num desses momentos. Quando Hatá vai procurá-lo, levando a resposta de Ester, Mordecai aperta a faixa ao redor do seu pano de saco e diz palavras duras. Ele apela ao caráter dela. Aprecio muito este momento na vida de Ester! Sorrio deliciado quando imagino o ardor de Mordecai ao pronunciar essas frases eloqüentes — três sentenças significativas que, se postas em prática, mudariam a história dos judeus.

Então lhes disse Mordecai que respondessem a Ester: Não imagines que, por estares na casa do rei, só tu escaparás entre todos os judeus. Porque, se de todo te calares agora, de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para tal conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?

Ester 4.13-14

Isto entrou na história como um daqueles discursos que representam um “ponto decisivo”. Mordecai está dizendo: “Em primeiro lugar, se você não fizer nada, não pense que escapará à morte. Por ser judia, morrerá como o resto de nós. Em segundo, mesmo que morramos, Deus não está limitado a você e a mim, nem permitirá que o seu povo pereça. Ele levantará alguém para salvar nossa nação. Em terceiro, como seria esplêndido se o Senhor escolhesse soberanamente usar *você*. Será esta a explicação de ter sido escolhida como rainha, minha querida Ester — para uma ocasião como esta — para este justo momento?” Isto é motivação intrínseca na sua melhor forma.

Winston Churchill era um mestre em pronunciar comentários revigorantes desse tipo. Na Câmara dos Comuns, num discurso ao seu país sitiado, a 18 de junho de 1940, ele declarou:

Vamos preparar-nos para cumprir nossos deveres e portar-nos de forma tal que, se o império britânico e a nação durarem mil anos, os homens continuarão dizendo: “Esta foi a sua hora mais esplendorosa”.

Menos de quatro meses depois, talvez na hora mais negra da guerra para a Grã-Bretanha, ele disse: “A morte e o sofrimento serão os companheiros de nossa jornada, as dificuldades as nossas vestes, a constância o nosso valor e nosso único escudo. Devemos ficar *unidos*, devemos ser *corajosos*, devemos ser *inflexíveis*”.

Não hesite em ficar sozinho! Lute até o fim! Nas palavras de Patrick Henry: “Dêem-me a liberdade ou a morte”. Nas de Nathan Hale: “Só lamento ter uma única vida para dar pelo meu país”. É o patriotismo batendo continência.

Este foi o tipo de mensagem que Mordecai enviou a Ester: “Esta é a sua hora. Tome posição. Fale! Morra! Mas, o que quer que faça, não fique calada”. Ester mostra as suas verdadeiras cores e elas são brilhantes e ousadas. Suas palavras revelam enorme fé e coragem.

Vai, ajunta a todos os judeus que se acharem em Susã, e jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias, nem de noite nem de dia; eu e as minhas servas também jejuaremos. Depois irei ter com o rei, ainda que é contra a lei; se perecer, pereci.

Ester 4.16

Que resposta esplêndida! Ester não é mesmo uma grande mulher? Ela teve apenas alguns momentos para refletir no que Mordecai lhe dissera, uma breve fração de tempo para pesar o seu conselho. Era tudo de que precisava. Está determinada a mudar a situação, sem se importar com as consequências pessoais: “Se perecer, pereci. Se um guarda enterrar uma espada em meu corpo, morro fazendo o que é certo”.

Ela passou do medo à entrega e à fé, da hesitação à confiança e determinação, da preocupação com a sua própria segurança ao interesse pela sobrevivência de seu povo. Havia chegado a sua hora da decisão, e não teve de esperar.

Está lembrado de quando o jovem Davi pediu ao pai para deixar as ovelhas e levar comida e suprimentos para os irmãos que lutavam contra os filisteus no vale de Elá? Ao chegar ali, encontrou o gigante Golias andando pelo campo de batalha, provocando e blasfemando contra o Deus de Israel.

Quando Davi soube o que estava acontecendo, ele declarou: “Vamos resolver essa situação”. Eliabe, seu irmão mais velho, riu com sarcasmo, dizendo: “Oh, você quer ser então o

grande herói, não é? E o que vão fazer aquelas lanudinhas enquanto permanece aqui conosco no campo de batalha?" Lembra-se da resposta do jovem Davi? "Porventura não há razão para isso?" (1 Sm 17.29, ARC). Logo depois ele prepara a sua funda e abate Golias com uma pedra lisa.

"É claro que há uma razão!" conclui Davi, se não em palavras pelo menos por suas ações. "O que vocês estão fazendo em suas tendas com os joelhos tremendo? Há um gigante lá fora que odeia a causa do Deus vivo! O que fazem aqui parados? Nosso Deus lutará por mim. E se perecer, pereci".

Ester compreendeu a mesma coisa. Ela compreendeu que havia um inimigo lá fora, não só do seu povo, mas, mais importante que tudo, do Deus vivo. No momento em que tomou consciência disso, o luxo do palácio tornou-se desconfortável.

Eugene Peterson, em seu excelente livro *Five Smooth Stones for Pastoral Work* (Quatro Pedras Lisas para o Ministério Pastoral), afirma:

Onde quer que haja um povo de Deus, há inimigos de Deus.

...a compreensão de que existe, de fato, um *inimigo*, força uma reavaliação de prioridades... No momento em que Hamã surgiu, Ester começou a transformar-se de rainha da beleza em santa judia, de um símbolo sexual mentalmente vazio em intercessora fervorosa, da vida indolente do harém para a aventura altamente arriscada de falar e identificar-se com o povo de Deus.³¹

"Chega de vida fácil", disse Ester. "Está na hora de expor o meu nome. Sou judia e pertenço ao Deus vivo... Estou pronta para defender sozinha o meu povo. E se perecer, pereci."

Se Ester tivesse vivido mais tarde, nos dias de Isaac Watts, ela poderia ter *parafraseado* o seu hino:

Sou um soldado da cruz.

Sou seguidor do Cordeiro.

*Não temerei pertencer à sua causa
Nem me envergonharei de pronunciar o seu nome.*

*Há inimigos a combater,
E vou enfrentar a maré,
Este mundo vil não é amigo da graça,
Para ajudar-me a chegar a Deus!¹³²*

O ENVOLVIMENTO PESSOAL DE CADA INDIVÍDUO — INCLUSIVE VOCÊ

Em nosso mundo excessivamente povoado é fácil subestimar a importância do indivíduo. É fácil subestimar o seu valor: seu voto, suas convicções, sua determinação em dizer: "Sou contra isso".

Eu só tinha nove anos quando meu pai atravessou uma fila de grevistas. Isso aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial, quando nosso país necessitava desesperadamente dos esforços de cada operário. Apesar disso, o sindicato de ferroviários teve a audácia de entrar em greve. O patriotismo de meu pai e seu amor pela família foram, porém, maiores do que a sua lealdade ao sindicato, e ele se dispôs a ser chamado de "fura-greve" (e uma porção de outras obscenidades insultuosas) por causa das suas convicções.

Lembro-me de meu pai ter entrado em casa com o seu Ford 41 no final do dia, com o vidro da frente e outras janelas quebradas, enquanto ovos esmagados escorriam pelas laterais do carro. Isto deixou uma forte impressão em minha cabeça de nove anos e na de minha irmã e irmão de onze e doze anos, respectivamente.

Aprendemos que algumas coisas são importantes o suficiente para tomarmos uma posição individual, mesmo quando os amigos não compreendem ou os colegas de trabalho não concordam.

O que importa se me envolver ou não? Importa muito — importa para o seu caráter! É verdade que Deus tem outros

meios de cumprir os seus objetivos. Ele pode usar outras pessoas. Deus não se sente frustrado, nem ficará limitado, se você e eu nos mostrarmos indiferentes. Mas, quando isso acontece, somos nós que perdemos. Quando somos chamados para "um determinado fim", será trágico se, nessa hora, não nos apresentarmos para tomar posição.

Não haverá um grito celestial, empurrando você a tomar uma atitude. Nem um raio irá despertá-lo do seu sono. As coisas não são assim; portanto, não fique sentado aguardando passivamente. Numerosas necessidades e problemas nos cercam e nos chamam à ação.

Embora não possamos atender a todos, a solução não está em não responder a *qualquer* deles! Quero então perguntar-lhe: O que você está fazendo para tomar uma posição, para lutar sozinho, para responder ao chamado de Deus nesta hora? Permita que lhe explique algumas questões e necessidades que valem a pena considerar.

Você está envolvido em ajudar famílias problemáticas? E os sem-teto e famintos? Ou os viciados em drogas e/ou álcool? O que faz a favor dos órfãos e viúvas? Em "tal conjuntura", contra o que você luta e o que defende? Tomou uma atitude quanto à pornografia? Apóia qualquer ponto da causa do movimento pró-vida contra o aborto? Qual a sua posição quanto à apatia masculina diante do extremismo do movimento feminista? E o horror do abuso sexual que vem aumentando cada vez mais em nossa sociedade? Ou o preconceito contra outras raças ou nacionalidades? E os deficientes? Esta é uma hora de necessidade. Você está participando, está pronto para ser sal e luz, em tal conjuntura? Não existe uma causa, uma razão?

O que você faz para combater o crime em sua comunidade, o espancamento de mulheres ou os maus tratos aos filhos? Você talvez responda: "Olhe, não acredito em marchas. Não acredito em bloquear a entrada de uma clínica de aborto". Tudo bem. Respeito as suas convicções; mas, o que vai fazer em lugar disso? Abriu sua casa para uma mãe solteira?

Não estou forçando você, estou apenas insistindo: *Faça algo! Participe!* Nas reuniões de Pais e Mestres, levante-se e diga: “Voto *contra* isso! Sou a favor disto e contra aquilo”. Se perecer, pereceu (mas, duvido seriamente que venha a ser martirizado). E se for? Ótimo: “Ausente do corpo, em casa com o Senhor”. Pelo menos terá morrido por uma causa digna!

Dois princípios essenciais emergem desta passagem. Embora sejam fáceis de ler, não são fáceis de aplicar — mas, lance-lhe este desafio!

Primeiro: *Só nos dispomos a arriscar quando acreditamos que uma pessoa pode fazer diferença.*

Você se lembra da quarta estrofe do hino “Deus de Graça e de Glória?”

Coloca nossos pés em lugares exaltados,
Cinge nossas vidas para que elas possam usar
A armadura de todas as graças cristãs
Na luta para libertar os homens.

Concede-nos sabedoria,
Concede-nos coragem.
Para não desapontarmos nem ao homem nem a ti,
Para não desapontarmos nem ao homem nem a ti.³³

Quero esclarecer melhor as coisas. Deixe de ser tão cauteloso, sempre protegendo as suas costas. Deixe de preocupar-se com o que os outros vão dizer. Você não tem de prestar contas a ninguém e, sim, a Deus. É ele quem vai ajudar, quem lhe dará sabedoria e coragem. Você pode ser apenas um, mas é um. Portanto, arrisque!

Segundo: *Só quando abandonamos o porto seguro da teoria e entramos no mundo da realidade é que mudamos realmente uma situação.*

Durante os anos 70, Cíntia e eu recebemos pela primeira vez em nossa casa uma mãe solteira. Já tínhamos quatro filhos (um deles ainda usava fraldas). Nossa casa era pequena,

portanto, por que procurar mais problemas? O desejo de privacidade e uma agenda superocupada poderiam ter-nos facilmente mantido longe do mundo real, e ninguém teria criticado. Eu era, afinal de contas, um pastor com um rebanho crescente que tinha também as suas próprias necessidades. Decidimos, porém, que precisávamos fazer uma diferença e fizemos. Mais tarde, repetimos isso várias vezes.

Quando chega a hora de votar, votamos! Não ficamos pensando apenas em como seria agradável votar. Não dizemos a outros como eles deveriam votar. *Nós votamos!* Votamos de acordo com a nossa consciência. Enfrentamos as dificuldades. Homens e mulheres morreram para que tivéssemos esse privilégio. Quando surge um problema e votamos contra ele, declaramos com o nosso voto: “Eu me oponho a isso”.

Você é um cidadão que usa as suas faculdades mentais, um indivíduo que conhece Cristo—*faça então algo a respeito!* Diga alguma coisa! É a ação que nos liga à realidade. É ela que nos tira do porto seguro da teoria. Não é apenas o pensamento, mas o ato! Certo homem escreveu:

Concede-nos a vontade de moldar aquilo que sentimos,
Concede-nos a força para trabalhar como sabemos,
Concede-nos o propósito, forte como o aço, de lançar o golpe.

Conhecimento não pedimos – conhecimento tu nos emprestaste;
Mas, Senhor, a vontade – esta a nossa precisão amarga,
Concede-nos para conceber, acima da intenção profunda,
O ato, o ato.³⁴

Nós, evangélicos, somos grandes em teoria evangélica, grandes em teoria teológica, grandes em teoria moral. As nossas teorias, porém, não nos recompensam. É o ato! O ato! Somos recompensados ao agir.

Uma única pessoa faz diferença? Deixe-me perguntar, Cristo fez? Deus amou tanto o mundo que *ele fez algo*, não convocou um comitê. Não teorizou em como seria o máxi-

mo se alguém viesse socorrer-nos. Não ficou apenas sofrendo com a nossa inconstância e torcendo as mãos de tristeza. Ele fez alguma coisa! E, por sua vez, Deus Filho disse a Deus Pai: "Eu irei". Ele *fez algo* a respeito. Essa a razão de podermos ser salvos. Não cremos numa teoria, cremos na pessoa de Cristo, que morreu e ressuscitou para que pudéssemos viver e fazer diferença.

A pergunta não é, simplesmente, o que você pensa de Cristo? E, sim, o que você *fez* com relação ao que pensa? A questão não é tanto, como você se sente sobre a mensagem do Evangelho, mas, sim, o que você fez com relação ao Evangelho?

Que modelo é Ester! Uma mulher cuja coragem assemelha-se às suas convicções. Mas, isso foi então; e isto é agora. Seus problemas estavam ligados aos judeus na Pérsia antiga. Os nossos são muitos, ligados ao fim do século XX e à iminência do XXI. A necessidade, no entanto, é a mesma—pessoas como você e eu que estejam dispostas e prontas para pensar, dizer e fazer o que é certo, haja o que houver.

Você está pronto?

Deus da graça e Deus da glória,
Derrama teu poder sobre o teu povo;
Coroa a história da tua antiga igreja,
Permita que ela gloriosamente desabroche.

Coloca nossos pés em lugares exaltados,
Cinge nossas vidas para que possam usar
A armadura de todas as graças cristãs
Na luta para libertar os homens.

Concede-nos sabedoria,
Concede-nos coragem,
Para não decepcionarmos nem o homem nem a ti,
Para não decepcionarmos nem o homem nem a ti.³⁵

CAPÍTULO SEIS

A hora esplendorosa de Ester

Quando se trata de tocar o coração, poucas coisas fazem isso tão bem quanto uma canção ou uma história. Todos conhecemos ocasiões em que a música certa, combinada com a letra certa, nos levaram, ou a alguém conhecido, de volta a Deus. Algumas vezes foi uma música ensinada por nossa mãe, ou um hino comovente que aprendemos há anos na igreja. A nostalgia tem mais efeito quando age como um ímã, atraindo o nosso coração e reconduzindo-o ao Senhor.

Uma história fará o mesmo, amaciando o solo de nossas almas. Quando temos os personagens certos atuando numa trama em que a aventura se associa com a surpresa e algum humor, juntamente com um propósito e um senso de moral, algo nessa história nos induz ao estado de espírito correto.

Ester é uma narrativa desse tipo. Ela contém aventura e suspense mesclados com suficiente coragem e esperança, além de um toque de humor e certamente uma pitada de surpresa.

Que grande filme ou peça teatral poderia ser extraído de *Ester*. Dá até para ouvir as palavras de Mordecai, repletas de

emoção, quando diz: “Porque, se de todo te calares agora, de outra parte se levantará para os judeus socorro e livramento, mas tu e a casa de teu pai perecereis; e quem sabe se para tal conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?” (4.14).

A própria Ester responde, então, com incrível coragem: “Vai, ajunta a todos os judeus que se acharem em Susã, e jejuai por mim, e não comais nem bebais por três dias, nem de noite nem de dia; eu e as minhas servas também jejuaremos. Depois irei ter com o rei, ainda que é contra a lei; se perecer, pereci” (v.16).

Posso ouvir os aplausos ao descer da cortina sobre este ato, com este eloqüente discurso que prepara a nossa atriz principal para tomar o seu lugar na história.

Isso me faz lembrar de algo dito por C.S. Lewis sobre a importância de ser fiel a uma causa maior do que nós. Ele comparou essa qualidade ao peito de um indivíduo. “O que precisamos é de pessoas com *peito!*” O termo adequado neste caso seria “coragem”. Precisamos de pessoas corajosas que digam: “Minha convicção é esta e se tiver de morrer por ela, então morro”.

As palavras imortais de Rudyard Kipling, em seu poema *Se**, também me ocorrem.

Se és capaz de manter a tua calma quando
 Todo o mundo em redor já a perdeu e te culpa,
 De crer em ti quando estão todos duvidando,
 E para esses, no entanto, achar uma desculpa;
 Se és capaz de esperar sem te desesperares,
 Ou, enganado, não mentir ao mentiroso,
 Ou, sendo odiado, sempre ao ódio te esquivares,
 E não parecer bom demais, nem pretencioso;

Se és capaz de pensar – sem que a isso só te atires;
 De sonhar – sem fazer dos sonhos teus senhores;

* Tradução de Guilherme de Almeida.

Se, encontrando a Desgraça e o Triunfo, conseguires
 Tratar da mesma forma a esses dois impostores;
 Se és capaz de sofrer a dor de ver mudadas
 Em armadilhas as verdades que disseste
 E as coisas, por que deste a vida, estraçalhadas,
 E refazê-las com o bem pouco que te reste;

Se és capaz de arriscar numa única parada
 Tudo quanto ganhaste, em toda a tua vida,
 E perder e, ao perder sem nunca dizer nada,
 Resignado, tornar ao ponto de partida;
 De forçar coração, nervos, músculos, tudo,
 A dar seja o que for, que neles ainda existe,
 E a persistir assim quando exaustos, contudo
 Resta a vontade em ti, que ainda ordena: *Persiste!*

Se és capaz de, entre a plebe, não te corromperes;
 E, entre reis, não perderes a naturalidade,
 E de amigos, quer bons, quer maus, te defenderes,
 Se a todos podes ser de alguma utilidade;
 E se és capaz de dar, segundo por segundo,
 Ao minuto fatal, todo valor e brilho;
 Tua é a Terra com tudo o que existe no mundo,
 E – o que ainda é muito mais – és um Homem, meu filho!³⁶

Essas linhas estão gravadas em meu coração. Tome a sua decisão e fique firme, mesmo que tenha de enfrentar o problema sozinho, proclama Kipling. Seja corajoso, não importa o preço.

Um amigo de longa data me contou orgulhoso que seu neto de 12 anos deixou seu emprego de entregador de jornal. Ao tomar essa decisão, o garoto escreveu a seguinte carta:

Sou entregador deste jornal. Como consta da 14ª Seção do Contrato de Entrega de Jornais pelos Jovens, estou dando à agência

do jornal um mínimo de 30 dias de aviso prévio para a minha demissão. Por favor, notem que o prazo começa a vigorar a partir da terça-feira, dia...

Estou saindo como uma forma de protesto contra a série publicada em princípios de junho, intitulada *Os Gays na América*, e pela maneira muito pouco profissional e preconceituosa com que assuntos delicados como "Liberação Gay" e "Aborto" foram abordados.

Não poderia em sã consciência cumprir todos os termos do meu contrato, de acordo com o parágrafo três, e entregar um jornal que contraria os meus princípios.³⁷

Você teria escrito uma carta como essa? Se oporia sozinho a uma empresa inteira que *aprova* o que você desaprova? Teria a coragem de fazer o que esse entregador de jornais de 12 anos fez?

Recordo-me de outra pessoa que tomou uma posição. Seu nome era Martinho Lutero e a data, 18 de abril de 1521, na Dieta de Worms, onde ele disse: "Esta é a minha posição. Não tenho outra. Que Deus me ajude. Amém".

Os prelados da igreja romana o desprezaram pela sua firme determinação e espírito independente. Eles o teriam matado se pudessem, mas tiveram de contentar-se em excomungá-lo. Não obstante, ali estava ele. Com a ajuda de Deus, Lutero levantou uma tocha que acendeu a chama da Reforma Protestante. Você teria feito isso? Teria esse tipo de coragem?

Quando Madre Teresa, a compassiva freira de Calcutá, falou diante de uma audiência na sofisticada cidade de Washington, D.C., tratou de um assunto que muito a preocupava: a questão do aborto. Mesmo tendo o nosso presidente pró-aborto sentado ao seu lado, ela anunciou corajosamente: "Enviem-me os seus bebês!"

Que admirável coragem! Você teria a ousadia de dizer isso? Admiramos Ester pela mesma razão. Ela não só disse

que faria algo, como fez o que disse, sem saber se viveria para assistir outro raiar do sol.

UM INTERLÚDIO SILENCIOSO E ELOQUENTE

Entre os capítulos 4 e 5 deste Livro de Ester, não encontro nada além de espaço em branco em minha Bíblia, como estou certo que aconteceu na sua. É um intervalo no tempo. Um período de suspense em que não sabemos o que está acontecendo. Nada é registrado para nós.

Deixamos Ester no momento em que ela enviou a Mordecai a mensagem de que entraria na presença do rei sem ser convidada, o que talvez significasse a sua morte instantânea. A seguir há uma grande pausa e a história continua no momento em que, três dias depois, Ester está se preparando para entrar na presença do rei, sem saber o destino que a espera. Ela transgrediu literalmente a lei da terra ao interromper o rei sem uma ordem dele.

Este espaço representa um interlúdio silencioso mas eloquente, durante o qual Ester se apóia na fonte da sua força. Como é fácil para nós esquecer essa fonte! Como é fácil crer que ela nasceu com uma consciência como a de Madre Teresa e a coragem de uma Joana D'Arc. Todavia, assim como ninguém nasce preconceituoso, ninguém nasce corajoso.

Permita-me uma pausa neste ponto para fazer duas perguntas muito pessoais. Você ensina seus filhos a defenderem as suas convicções? Está ensinando seus netos a serem pessoas de caráter, haja o que houver? Esse é o meio de aprenderem isso. Vou fazer uma pergunta ainda mais séria. Você está formando neles o verdadeiro caráter? Isto faz com que a mensagem fique gravada de modo profundo em suas mentes.

Veja bem, Ester não veio a este mundo com uma consciência sensível e um coração valente. Ela aprendeu isso com seu primo Mordecai, que se tornou seu mentor e pai adotivo. Ele sabia até que ponto podia desafiá-la. E ela aceitou o desafio, dizendo: "Farei exatamente o que me ensinou a fazer".

Lembre-se, porém, das outras palavras dela: “Reúna todos os judeus de Susã e peça que jejuem por três dias. Minhas servas e eu faremos o mesmo. Depois disso, me apresentarei ao rei”.

Isto implica que durante o período de jejum, ela estaria também aguardando no Senhor, em oração. É isso que significa o jejum. Os judeus não deixavam de comer para perder peso; eles jejuavam por razões espirituais. Quando uma questão deste porte os preocupava, não era tempo de diversão e de festa. Para preencher o tempo que gastariam normalmente preparando e consumindo alimentos, eles se entregavam a períodos prolongados de oração fervorosa e jejum silencioso.

Ester pediu então que Mordecai reunisse todos os judeus que pudesse encontrar nas ruas de Susã e fizesse com que eles jejuassem e orassem a seu favor. Era como se dissesse: “Orem por mim. Jejuem por mim. Minhas servas e eu faremos o mesmo e veremos o que Deus fará”. Em outras palavras, ela decidiu esperar no Senhor e permitir que ele guiasse seus pensamentos e a ajudasse a formular o que tinha de dizer ao rei.

Embora haja um espaço em branco entre esses dois capítulos, não pense que Deus estava indiferente, ocupado com outras coisas. Lembre-se: ele pode ser invisível, mas está trabalhando. Esta é a beleza da sua invisibilidade. Ele pode estar se movendo em mil lugares ao mesmo tempo, operando em circunstâncias fora do nosso controle. Enquanto esperamos, Deus não trabalha apenas em nossos corações, mas igualmente nos de outros, renovando as forças a todo momento. Você está lembrado das palavras de Isaías a respeito da espera?

Mas os que esperam no Senhor renovam as suas forças, sobem com asas como águias, correm e não se cansam, caminham e não se fatigam.

Apesar de a pena do profeta ter colocado essas palavras na página sagrada há séculos, esse versículo da Escritura é tão aplicável e relevante hoje quanto o jornal que você leu esta manhã—e muito mais confiável.

Aprendemos neste verso que quatro coisas acontecem quando esperamos:

Primeiro, *ganhamos novas forças*. É possível que nos sintamos fracos e até intimidados quando nos voltamos para o Senhor. Enquanto esperamos, porém, nossa fraqueza é surpreendentemente substituída pela sua força.

Segundo, *obtemos uma perspectiva melhor*. O versículo diz que subimos “com asas como águias”. As águias enxergam o peixe num lago a quilômetros de distância num dia claro. Ao voarmos como águias, enquanto aguardamos, conseguimos obter uma perspectiva daquilo com que temos de lidar.

Terceiro, *acumulamos novas energias*. “Correm e não se cansam.” Ao nos depararmos com aquilo que tememos, nossas forças já terão sido renovadas, dispondo de nossas energias.

Quarto, *aprofundamos nossa determinação de perseverar*. Iremos “caminhar sem nos fatigar”. O Senhor sussurra para nós a sua segurança. Ele introduz aço em nossos ossos, por assim dizer. Começamos a nos sentir cada vez mais invencíveis.

Ganharemos novas forças, melhor perspectiva, acumularemos novas energias, firmaremos a nossa decisão de perseverar. Tudo isso acontece quando aguardamos.

Ao mesmo tempo, durante esse período de espera, nada está acontecendo — pelo menos nada visível. Nesse momento, você poderia facilmente dizer a si mesmo: *Estou esperando à toa. Nada vai mudar*. O adversário quer que você pense exatamente isto: “Esperar é perda de tempo”.

Não acredite! Quando a mensagem do inimigo passar pela sua mente, você deve rejeitá-la. Leia este outro trecho em Isaías, pouco depois do versículo da “águia”.

Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou o teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel.

Porque eu, o Senhor teu Deus, te tomo pela tua mão direita, e te digo: Não temas, que eu te ajudo.

Isaías 41.10,13

Foram pensamentos como estes que fortaleceram Ester enquanto ela esperou, orou e jejuou durante três dias.

Mordecai, como solicitado por Ester, fez o mesmo. Os papéis agora se haviam invertido. Não era ele que comandava, mas ela. Ou, melhor ainda, o Senhor tomou a direção. A partir do momento em que o Senhor dominou o seu coração, ela não mais sentiu medo do que estava à sua frente. Na vida de Ester, esse foi um parêntese silencioso, mas repleto de poder.

Sua vida pode ter também um desses “espaços em branco”. Talvez esteja na hora de você orar, jejuar e pedir a alguns amigos íntimos que o acompanhem no jejum e oração. É possível que tenha chegado o momento de dizer: “Não vou precipitar-me nesta situação sem precedentes. Não conheço o caminho. Não consigo encontrar a estrada, então vou aguardar. Enquanto isso, entregarei tudo a Deus. Vou ficar atento. Vou observar a direção do Senhor e ficar sensível a ela”. Isto me faz lembrar das palavras do salmista:

Sendo assim, todo homem piedoso te fará súplicas em tempo de poder encontrar-te. Com efeito, quando transbordarem muitas águas, não o atingirão. Tu és o meu esconderijo; tu me preservas da tribulação e me cercas de alegres cantos de livramento.

Salmos 32.6-7

E Deus responde:

Instruir-te-ei e te ensinarei o caminho que deves seguir; e, sob as minhas vistas, te darei conselho.

Salmos 32.8

Deus nos aconselha com o olhar. O olho não faz ruído quando se move. São necessários olhos sensíveis para observar o movimento do olho de Deus — as instruções de Deus. Tudo que ele pode fazer é guiá-lo para outra direção. Mas, muitas vezes, isso é tudo de que você necessita. Enquanto aguarda, você escuta. Estuda cuidadosamente uma passagem favorita da sua Palavra. Fica atento à sua presença e direção. Estou sugerindo que foi exatamente isso que aconteceu no interlúdio entre esses dois capítulos da vida de Ester.

Enquanto se prepara para a sua hora mais esplendorosa, ela deve aguardar, pensar, orar, ficar em silêncio e ouvir em sua alma.

· UM PLANO CALMO, SÁBIO E CONFIANTE

Em virtude deste interlúdio com Deus, Ester tem condições de aproximar-se do momento da verdade — entrar na presença do rei — com calma, sabedoria e confiança.

Ao terceiro dia Ester se aprontou com seus trajes reais e se pôs no pátio interior da casa do rei, defronte da residência do rei; o rei estava assentado no seu trono real fronteiro à porta da residência. Quando o rei viu a rainha Ester parada no pátio, alcançou ela favor perante ele; estendeu o rei para Ester o cetro de ouro que tinha na mão; Ester se chegou e tocou a ponta do cetro.

Ester 5.1-2

Gostaria que você escrevesse em sua Bíblia, na margem ao lado desse versículo, um verso de Provérbios que mencionei num capítulo anterior.

Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina”

Provérbios 21.1

Rei nenhum jamais intimidou a Deus, por maior que fosse o seu tesouro, mais extenso o seu reino, ou mais poderosos os

seus exércitos. Deus pode lidar com qualquer um. *Qualquer um!* Ele pode lidar com seu marido, com sua esposa, seus filhos. Pode lidar com o seu pastor, com a pessoa que o faz sofrer, com seu ex-cônjuge, essa pessoa que lhe fez todas essas promessas e quebrou a maioria delas. Ele pode até lidar com seu inimigo, com a situação mais aterradora, porque, na mão do Senhor, qualquer coração é como água.

Ester caminha com essa confiança. Olhe para ela. Ela não se encolhe ou se acovarda; mas, *fica de pé*. “Ester ficou parada diante do trono do rei. Este viu a rainha Ester de pé à sua frente.” Ela não treme. Embora esteja fazendo o que nunca se viu antes, mantém-se de pé, confiante no Senhor.

Quando o rei a viu ali no pátio, ela obteve favor aos seus olhos e ele estendeu o cetro de ouro em sua direção. Lembre-se de que, sem esse gesto do rei, ela morreria. Agora cheia de confiança, ela toca a ponta do cetro, formando um elo entre ela e o rei.

Então lhe disse o rei: Que é o que tens, rainha Ester, ou qual é a tua petição? Até metade do reino se te dará.

Ester 5.3

Gosto dessa parte. Ester não sabe o que esperar e o rei diz simplesmente: “O que há com você? O que a perturba?” De fato ele continua, dizendo: “O que posso fazer por você? Diga. Não há limites, o que quiser é seu”.

Chegou o momento de acusar Hamã—mas ela não faz isso. Não naquela hora. Esta é uma mulher sábia que conhece o valor da oportunidade. Ester não tem pressa, nem deseja vingança. Sabe por quê? Por ter *esperado* no Senhor.

Precipitamo-nos quando não esperamos no Senhor. Agimos impensadamente. Falamos demais, dizendo coisas de que nos arrependemos mais tarde. Mas, quando esperamos o suficiente no Senhor, ele toma pleno controle do nosso espírito. Em tais momentos somos como uma luva, e a sua mão nos

leva para onde quer que lhe agrade. Por conhecer pessoalmente essa experiência, posso testemunhar que nada se compara a ela. É maravilhosa!

Veja a resposta de Ester. Quanta beleza ela contém!

Respondeu Ester: Se bem te parecer, venha o rei e Hamã hoje ao banquete que eu preparei ao rei.

Ester 5.4

Não parece incrível? Enquanto jejuava, ela também preparou um banquete. Isso representa enorme controle. Se você já fez regime, sabe do que estou falando!

Deus operou durante a espera, enchendo seus pensamentos com um plano. *Dê um banquete. Convide Hamã. E você deve dizer isto...*

Quando você espera no Senhor, não precisa ficar num canto pensando com seus botões, ou andar em círculos cantando confuso o hino "A Doce Hora da Oração". Não precisa isolar-se e dedilhar uma guitarra. Não precisa usar um manto e morar numa choupana no Tibete, durante o inverno.

Algumas vezes, é claro que terá necessidade de sentar-se em silêncio, a sós com o Senhor para um período tranqüilo. A solidude e o silêncio são maravilhosos para nutrir nossas almas. Mas, no geral, você continua com seus afazeres, com suas atividades regulares. Apenas se concentra mais no Senhor em meio a eles. Mantém-se preocupado com Deus. Reflete sobre suas idéias. Recorda palavras memorizadas do seu Livro. Alimenta a sua alma com o maná do céu.

Note o que Ester *não* fez. Não acusou Hamã. Não se precipitou, contando imediatamente ao rei o que a preocupava. Não provocou as suas emoções ou tentou manipulá-lo explodindo em lágrimas. Disse apenas calmamente, sem agitação ou soluços: "Preparei um banquete e gostaria que você e Hamã compartilhassem dele".

“Boa idéia”, respondeu o rei, “aprecio banquetes” (ela sabia disso).

Então disse o rei: Fazei apressar a Hamã, para que atendamos ao que Ester deseja. Vindo, pois, o rei e Hamã ao banquete que Ester havia preparado...

Ester 5.5

O rei pode governar o reino da Pérsia e Hamã pode assinar decretos com o sinete oficial do monarca, mas é o Senhor quem controla toda a situação. No centro do seu plano divino, Ester se torna invencível.

Ela pode ter ficado ali sentada, pensando: *Como Deus é grandioso. Eu poderia ter perdido a cabeça. Em vez disso, eis-me aqui neste banquete que preparei. O plano está funcionando lindamente. Que surpresa!*

Deus nos surpreende sempre. Um espírito sensível é necessário, porém, para enxergar as surpresas, para ser sacudido por elas.

Muitos cristãos se deixam envolver pelo abatimento. Alguns podem acompanhar todos os hinos cristãos, recitar todos os versículos bíblicos corretamente, e citar este ou aquele pregador e professor, mas a sua vida cristã interior está desgastada. Você se encontra nessa condição? Quando isso acontece, a pessoa se torna endurecida e insensível, levando uma vida monótona e medíocre. Como isso é trágico! O andar de fé está destinado a ser um andar empreendedor, cheio de surpresas periódicas e deliciosas.

Alguns cristãos se tornam como as pessoas que cumprimentavam uma autoridade política num baile de gala. Todas diziam a mesma coisa, sorriam mostrando o mesmo sorriso cansado, repetindo os cumprimentos certos e decorados, conversando com a boca e não com a mente ou o coração.

Cansado de apertar mãos, sorrir e responder com as costumbres trivialidades usadas em tais ocasiões, essa autoridade

fez algo absolutamente espantoso. Convencido de que ninguém estava prestando atenção, ele começou a cumprimentar o restante dos convidados dizendo com um sorriso: “Assassinei minha avó esta manhã”. Todos sorriram vagamente em resposta e disseram coisas como: “Maravilhoso!” “Que bom!” “Continue o bom trabalho!” Um diplomata, porém, estava ouvindo. Ele inclinou-se e sussurrou na orelha do político: “Tenho a certeza de que ela merecia!”³⁸

A conversa cristã vazia me faz subir pelas paredes quando se mostra cheia de clichês e banalidades. Seu estômago não fica embrulhado com esse tipo de conversa? Especialmente quando percebe que também está participando! Quanto mais isso acontece conosco, tanto mais a *verdadeira* vida cristã perde o seu entusiasmo.

No caso de Ester, o seu andar com Deus era uma aventura exultante. Ela entrou na presença do rei porque confiava em Deus. Ester planejou um banquete porque sabia que Deus faria o inesperado. Você continua aberto para o inesperado? Está realmente esperando no Senhor para que ele faça a vontade dele?

Vamos supor que você seja solteiro e que deseja sinceramente casar-se. Você está esperando no Senhor para fazer... o quê? Encontrar um cônjuge para você? Está, porém, preparado para que ele lhe diga: “Surpresa! Você vai encontrar a felicidade ficando solteiro pelo resto da vida?”

Você pode ser casado e estar enfrentando graves problemas com o seu cônjuge. Então, você espera no Senhor para que cuide dele. Enquanto espera, no entanto, o Senhor diz: “Surpresa! Temos de lidar com você. Você é uma parte muito maior do problema do que o seu cônjuge”.

Você talvez tenha um filho rebelde. Está pronto para ouvir: “Surpresa! Você tem parte da culpa pela rebeldia de seu filho?”

Ou, finalmente, você pode sentir que a sua vida está bem encaminhada. Feliz no emprego e até certo ponto seguro sob a ótica financeira. Mas, em breve, Deus pode estar dizendo a você: “Surpresa! Vou tirá-lo desse emprego e deste lugar”.

Está disposto a mudar sua vida para que Deus cumpra a sua vontade?

Quem poderia ter adivinhado o plano de Deus para Ester? Todavia, ali estava ela, banqueteadando-se com o rei e Hamã. Em tempo, ela ainda não contou ao rei o que a perturba, mas o soberano certamente sabe que há algo errado. A rainha jamais arriscaria entrar na sua presença, a não ser que tivesse uma excelente razão. No decorrer da festa, ele toca outra vez no assunto.

Disse o rei a Ester, no banquete do vinho: Qual é a tua petição: E se te dará. Que desejas? Cumprir-se-á, ainda que seja metade do reino. Então respondeu Ester, e disse: Minha petição e desejo é: Se achei favor perante o rei, e se bem parecer ao rei conceder-me a petição, e cumprir o meu desejo, venha o rei com Hamã ao banquete que lhes hei de preparar amanhã, e então farei segundo o rei me concede.

Ester 5.6-8

Ester poderia ter feito naquele mesmo dia tudo o que planejava fazer no seguinte, mas está confiando no tempo de Deus neste caso. Ela replicou: "Tenho algo a dizer-lhe, mas quero esperar até amanhã". Por alguma razão, como sabermos em seguida, o tempo de Deus requer mais um dia.

UMA RESPOSTA ORGULHOSA E SINISTRA

Enquanto isso, Hamã, o homem que você gosta de odiar, está caminhando nas nuvens.

Então saiu Hamã, naquele dia, alegre e de bom ânimo; quando viu, porém, Mordecai à porta do rei, e que não se levantara nem se movera diante dele, então se encheu de furor contra Mordecai. Hamã, porém, se conteve, e foi para casa; e mandou vir os seus amigos, e a Zeres, sua mulher.

Ester 5.9-10

Ele saiu do palácio pensando: *Puxa! Como é boa a minha situação! Acabei de jantar com o rei e a rainha. Quanta honra. Minha estrela está em ascendência. O céu é o limite.* Aquela era uma excelente oportunidade para citar nomes. Imagine Hamã no escritório no dia seguinte, dizendo: “Estive com o rei e a rainha a noite passada. Um banquete só para nós três. Fui o único convidado. Como já era de se esperar, recebi um convite pessoal da rainha”.

Ele sai então do palácio, explodindo de orgulho e vaidade, e encontra Mordecai—aquele judeu que *não quer respeitá-lo*.

Tenho um sentimento especial por Mordecai. Ele está sempre no lugar exato onde deve estar para cumprir a sua parte no plano de Deus. Lembre-se: da última vez que o vimos ele não podia entrar pela porta do rei por estar vestido de pano de saco e cinzas. Mas, ei-lo agora aqui, à porta do rei. É evidente que trocou de roupa. Ele sente que Deus está operando. Sabe que algo grande deve ocorrer.

Apesar do cargo oficial e do poder de Hamã e não obstante o fato do seu decreto perverso, Mordecai continua a não temer esse homem. Ele sabe que o seu Deus é maior do que Hamã. Portanto, quando este deixa o palácio, Mordecai não parece absolutamente impressionado.

Hamã fica novamente furioso. Mas, desta vez, morde a língua e vai para casa. Mordecai receberá o que merece. Por enquanto, Hamã quer gozar da sua glória. Ele manda chamar a mulher e os amigos.

Contou-lhes Hamã a glória das suas riquezas e a multidão de seus filhos, e tudo em que o rei o tinha engrandecido, e como o tinha exaltado sobre os príncipes e servos do rei.

Ester 5.11

Um fanfarrão típico. Só fala de si mesmo. Já pensou ver-se obrigado a ouvir esse falastrão? É claro que ninguém quer ofendê-lo por ser o homem que usa o sinete real. Mas, todos os

presentes devem ter revirado os olhos e pensado: *Quando será que poderemos ir embora?*

Hamã fala de seus méritos e depois começa a se gabar do número de seus filhos. (Um Targum judeu diz: “Hamã tinha 208 filhos, além dos dez legítimos”. Essa é outra história e não precisamos nos demorar nela.) A seguir, ele menciona cada vez em que foi promovido e exaltado. Arrogância *ad infinitum*, presunção *ad nauseam*.

Ponto interessante este. Com toda a glória, riqueza e poder que possuía, Hamã deveria estar satisfeito. Mas, as pessoas assim nunca se contentam. O que ele reclama agora é do fato de Mordecai, um homem—um judeu(!)—não respeitá-lo. Um indivíduo como ele quer que *todos* se curvem à sua frente e, se isso não acontecer, um incidente como esse se torna sua única preocupação e enfoque.

Disse mais Hamã: A própria rainha Ester a ninguém fez vir com o rei ao banquete que tinha preparado, senão a mim; e também para amanhã estou convidado por ela juntamente com o rei. Porém tudo isto não me satisfaz, enquanto vir o judeu Mordecai assentado à porta do rei.

Ester 5.12-13

Sua mulher o interrompe a essa altura e diz: “Por que você não toma uma atitude em relação a isso? Estou cansada de ouvi-lo reclamar desse homem”.

Então lhe disse Zeres, sua mulher, e todos os seus amigos: Faça-se uma força de cinqüenta côvados de altura, e pela manhã diga ao rei que nela enforquem a Mordecai; então entra alegre com o rei ao banquete. A sugestão foi bem aceita por Hamã, que mandou levantar a força.

Ester 5.14

Hamã aprova a idéia e manda levantar uma força de cinqüenta côvados de altura. Cerca de 22m. Uma reação exage-

rada, não é mesmo? Não se trata de uma força conforme a nossa noção tradicional, calcada em algum filme de Hollywood. A palavra original aqui significa “árvore” ou, literalmente, “poste” ou “estaca”. Lembre-se de que na Pérsia eles não enforcavam as pessoas com uma corda, mas as empalavam. Uma estaca era enfiada no corpo e este pendurado num poste (neste caso de uma altura de sete andares e meio).

Os romanos ficaram conhecendo a crucificação por intermédio dos fenícios, que a haviam aprendido antes com os persas. É por isso que dizem que Jesus foi pendurado numa árvore ou poste. Cabe aos romanos a invenção da prática de cravar pregos nas mãos. Mas, os persas simplesmente empalavam o corpo numa estaca. Era uma morte medonha, humilhante e impiedosa.

O ódio de Hamã agora o consumia, a ponto de apenas a morte dolorosa do inimigo satisfazê-lo. Ele foi dormir naquela noite, ouvindo os ruídos e as marteladas da equipe de construção enquanto trabalhavam madrugada a dentro, levantando a estaca em que seu inimigo seria pendurado.

CONSELHOS DIRETOS E OPORTUNOS

Estamos em meio a uma conspiração cheia de suspense, a qual leva a uma surpreendente mudança nos acontecimentos que vamos considerar neste capítulo. Este é um bom momento para fazer uma pausa e refletir sobre como essas coisas de que tratamos têm ligação com a nossa vida hoje.

Quanto mais refletimos sobre o assunto, tanto mais se destacam quatro princípios para lidar com as situações difíceis.

Primeiro: *Ao preparar-se para um evento sem precedentes, aguarde no Senhor antes de participar dele.* A obra que o Senhor faz nesse período de espera é pelo menos tão importante quanto aquilo que estamos aguardando. Ele trabalha nossa paciência, nossas circunstâncias e as outras pessoas. Se mergulharmos de cabeça, se nos precipitarmos, estragamos os melhores arranjos e planos de Deus.

Se estiver à beira de uma decisão importante, aguarde. De fato, descobri que quanto mais difícil a decisão, mais longa é a espera. Não se apresse. Especialmente se não tiver havido precedentes. Se tiver de abrir um novo caminho, se estiver palmilhando uma estrada pela qual nunca andou antes, e não houver mapa, é melhor esperar. Melhor aguardar no Senhor. Por quanto tempo? Não tenho idéia. Podem ser três dias, três semanas ou três meses. Para falar francamente, já esperei muito mais do que isso. Acrescento ainda que durante esse período de espera, você não deve tentar agir por conta própria. Resista à sua tendência de “resolver as coisas”.

Segundo: *Ao lidar com alguém imprevisível, conte com o Senhor para abrir portas e corações.* Permita que eu personalize o provérbio: Quando o seu caminho agrada ao Senhor. Ele reconcilia até os inimigos com você (Pv 16.7).

Coisas extraordinárias acontecem com a nossa coragem enquanto esperamos. Em vez de nosso medo aumentar, ele diminui. Em vez de perder o ânimo, nos sentimos confiantes. O Senhor ganha maior importância aos nossos olhos. Sua presença sobrepuja as circunstâncias ameaçadoras, intimidantes, que de outra forma nos imobilizariam ou paralisariam os nossos pensamentos.

Terceiro: *Quando estiver envolvido numa situação desagradável, confie no Senhor para perseverar na paciência.* Pense na paciência que Ester deve ter tido para não falar com o rei sobre Hamã, quando ela o tinha na palma das mãos. Hamã, o homem que odiava tanto o seu povo, que seu desejo era extirpá-lo da face da terra. Pense na paciência que teve para esperar a hora oportuna.

Nas situações desagradáveis, a oportunidade é tão importante quanto a ação, e algumas vezes ainda mais importante. Controle o seu ritmo. Tenha paciência. Espere até as coisas se tornarem suportáveis e passíveis de solução.

Quarto: *Quando tiver de enfrentar um inimigo sem princípios, peça ao Senhor coragem invencível.* Creio que foi isso que acon-

teceu com Ester no primeiro banquete. Ela sentiu invencibilidade e coragem crescentes, mesmo na presença de seu mortal inimigo, enquanto aguardava a oportunidade do Senhor. Peça para que lhe conceda esse tipo de destemor invencível. Ele atenderá o seu pedido e lhe dará a coragem necessária para manter-se firme.

Eu disse antes que nada toca tanto o coração como uma música ou uma história. A pessoa a quem cantamos mais canções do que qualquer outra é Jesus Cristo. Há mais músicas compostas sobre a pessoa de Cristo do que a de qualquer outro ser humano que já viveu. Por quê? Porque a sua história não se compara com a de ninguém.

Você sabia que Jesus foi colocado numa estaca, que o penduraram ali para morrer? Sabia que mais pessoas o odiaram do que o amaram? Que mais pessoas aplaudiram do que choraram? Que quando ele morreu mais gente se alegrou do que suspirou de tristeza? Jesus morreu desprezado e odiado pelos homens e mulheres. Por que então cantamos para ele? Porque como nenhum outro indivíduo que morreu, ele se levantou da sepultura. Está vivo hoje e faz cantar o *nosso* coração.

Você sabe por que ele morreu? Não foi porque algum Hamã o odiava e decidiu colocá-lo numa estaca. Ele morreu porque você e eu somos pecadores. A única maneira de satisfazer a exigência de um Deus santo ao tratar com a humanidade era pagar o preço pelo pecado. Isso exigiu o preço do sangue imaculado do Cordeiro de Deus, Jesus!

Uma oração talvez seja a melhor maneira de terminar um capítulo tão cheio de emoção, tão pessoalmente relevante. Como chegamos praticamente à metade do livro, é uma boa oportunidade para fazermos uma pausa diante de Deus:

Pai, nós te agradecemos por dar a alguns de nós coragem para continuar aguardando e também a determinação de ficarmos firmes, embora às vezes sozinhos, mesmo que isso signifique

suportar perdas pessoais e incompreensão pública. Obrigada pelas modernas Ester, assim como pelas mulheres e homens que se levantaram para responder ao teu chamado. São modelos para nós de vida cristã autêntica.

Pai, oro por quem quer que, como Hamã, culpou outros pela sua infelicidade e merece a força sobre a qual ele queria colocar o seu Mordecai. Ajuda-nos a não culpar, a não ser impacientes, a deixar de lado a arrogância. Faze com que fiquemos face a face com as reivindicações de Jesus e que reconheçamos o seu direito de governar as nossas vidas.

Pelo que sei, Senhor, alguns que estão lendo as minhas palavras hoje se encontram em situações difíceis. Talvez haja um Hamã que os faça sofrer — ou uma situação ameaçadora que os preocupa e angustia. Assim como honraste a Ester por aguardar e depois agir com sabedoria e calma confiança, encoraja-nos a esperar em ti para resolver os problemas — para tomar o controle — para nos dar esperança além do caos em que existimos.

Ester experimentou sua hora mais esplendorosa quando tudo parecia completamente escuro. Se fizeste isso por ela, não é então fora de propósito que possas fazê-lo por nós, hoje. É isto que oro a favor de outros. Entra em nosso mundo. Muda os corações que não podemos mover. Substitui nossa fraqueza pela tua força. Dá-nos uma confiança calma e silenciosa de que todas as coisas estão em tuas mãos e, portanto, sob controle.

Ajuda-nos a aguardar pacientemente pela tua obra.

No nome amado de Cristo. Amém

CAPÍTULO SETE

O que vai sempre volta

As coisas dificilmente são aquilo que parecem. Os pais de filhos pequenos podem confirmar isto. Quando a criança fica muito quieta e você pensa que tudo está em ordem, é então que deve preocupar-se. É bem provável que, ao ler isto, não haja um pai que já não tenha feito uma pequena investigação nesses momentos tranqüilos e encontrou o filhinho de dois anos envolvido até a cintura em camadas de papel higiênico. Ou, em nosso caso, mergulhado em talco até o tornozelo, com todas as gavetas do arquivo abertas e as pastas esparramadas pelo chão, sendo cuidadosamente encharcadas de talco!

Um de nossos amigos contou que certa vez ele e a mulher estavam numa grande loja de departamentos com a filha pequena e esta se afastou repentinamente deles. Ao perceberem a ausência da criança, os dois começaram uma busca frenética. Por sorte, a menina não se distanciara muito e estava sentada de costas para eles. Os pais aproximaram-se dela apressadamente e ficaram tão aliviados ao encontrá-la, que

decidiram não assustar a garotinha, agarrando-a em seus braços. Em vez disso, os dois se inclinaram para olhar seu doce rostinho e, quando iam levantá-la, viram que ela estivera mastigando o tempo todo uma ponta velha de charuto que apanhara do chão.

As coisas dificilmente são o que parecem.

Há um segundo axioma ligado a isto: Quando as coisas dão errado, pode parecer que não poderiam piorar, mas em geral pioram. No momento em que você pensa que elas já chegaram ao máximo, ficam ainda piores.

Isto aconteceu realmente para um pobre homem chamado Johnson. Durante toda sua vida adulta, ele tomara decisões erradas. Cada escolha que fazia era errada. Se apostava num cavalo, este sempre perdia. Se escolhia um elevador em vez do outro, o seu acabava encrencando. Se escolhia uma fila no banco, ela era sempre a mais lenta. Se marcava um dia para um piquenique, fatalmente chovia.

Certo dia esse sujeito teve de viajar cerca de 1.600km, a toda pressa. A única maneira de chegar era de avião. A idéia assustou-o. Mas, para sua alegria descobriu que só uma linha aérea servia aquela cidade específica, então suspirou aliviado. Não tinha de escolher. Imagine, no entanto, o seu horror quando, após 30 minutos de vôo, olhou pela janela e viu um motor pegando fogo. Por ser católico, escolheu seu santo favorito, São Francisco, e disse: "Nunca fiz uma escolha certa em minha vida. Desta vez não fui eu que escolhi. Este era o único avião que eu podia tomar e ele agora vai cair. Por que estou sendo castigado?"

Nesse mesmo momento, uma grande mão saiu das nuvens, entrou no avião e o removeu, mantendo-o cerca de duas milhas acima da terra enquanto o avião se espatifava lá embaixo. Uma grande voz falou: "Meu filho, posso salvá-lo, se realmente me chamou!" O homem gritou: "Sim, eu chamei sinceramente o senhor, São Francisco". "Ah," disse a voz, "São Francisco Xavier ou São Francisco de Assis?"

Mas, chega de brincadeiras! Vou contar uma história verdadeira que ouvi sobre dois advogados da região de San Francisco. Seus escritórios ficavam em andares altos e eles estavam trabalhando quando houve um terremoto de 7.1 graus na escala Richter. O mundo lá fora escureceu e reinou o caos. Os dois, cheios de gratidão por estarem ilesos, desceram até o andar térreo e saíram do prédio. Mas, não conseguiram chegar até os seus carros. O trânsito ficara congestionado. Depois de horas de espera conseguiram finalmente entrar em um ônibus não muito cheio — e, a caminho de casa, no ônibus, exaustos, os dois foram assaltados!

QUATRO PRINCÍPIOS PARA A VIDA

Isso nunca falha, não é? As coisas não são o que parecem. Quando você pensa que não podem ficar piores, elas pioram. Isto certamente se aplica a Mordecai, num ponto-chave da história de Ester. Neste exato ponto é que descobri pelo menos quatro princípios importantes, aplicáveis não só naquela época, mas durante toda nossa vida.

Primeiro: Quando tudo parece perdido, não está. Mordecai poderia ter-se desesperado diante da situação na Pérsia. O rei era um gentio. Ele não tinha qualquer interesse pelos judeus. Além disso, seu confidente mais chegado era Hamã, que odiava abertamente os judeus. Anti-semita até o último fio de cabelo, ele os desprezava. Até aquele momento o plano para eliminá-los estava funcionando. Ester residia no palácio, mas quando o rei soubesse que era judia, a vida dela talvez terminasse num instante.

Quando parece que as coisas não podem piorar, elas pioram. Naquele momento, algo ainda pior esperava nos bastidores, embora Mordecai não soubesse. Hamã estava construindo uma força, planejando matar Mordecai no dia seguinte.

Mordecai, no entanto, não ficou parado, cheio de autopiedade, pensando: *Pobre de mim. Como minha vida é infeliz.*

Em vez disso, ele se acha confiante no seu Deus. Quando tudo parece perdido, não está.

Segundo: *Quando ninguém parece notar, eles notam.* Você lembra da decisão corajosa de Mordecai feita anteriormente, quando ouviu falar de uma conspiração entre dois dos guardas do palácio, que planejavam matar o rei? Quando Mordecai soube da conspiração, ele contou a Ester, sua filha adotiva. Por ser a rainha, ela passou a informação ao rei. O rei acreditou em Ester, e Bigtã e Teres foram mortos antes de ter oportunidade de eliminá-lo.

Ester contara ao rei quem dera a informação; todavia, ninguém recompensou Mordecai pelo seu ato de coragem. Parecia que ninguém tinha notado ou lembrado. Mordecai continuou então com sua vida obscura, sem recompensa ou apreciação.— até esta noite crucial. Observe com cuidado.

Naquela noite o rei não pôde dormir; então mandou trazer o livro dos feitos memoráveis, e nele se leu diante do rei. Achou-se escrito que Mordecai é quem havia denunciado a Bitã e a Teres, os dois eunucos do rei, guardas da porta, que tinham procurado matar o rei Assuero.

Ester 6.1-2

O rei, sofrendo de insônia, ouve a leitura das crônicas, para registro da história da Pérsia, provavelmente esperando que isso o ajudasse a adormecer. Enquanto escuta, porém, ouve a recapitulação do incidente em que a sua vida foi ameaçada e o homem chamado Mordecai denunciara a conspiração. “Pare!”, diz ele ao leitor. “Espere!”

Então disse o rei: Que honras e distinções se deram a Mordecai por isso? Nada lhe foi conferido, responderam os servos do rei que o serviam.

Ester 6.3

Os eventos mais importantes dependem, muitas vezes, das maiores trivialidades. Você já descobriu isso? Este é um excelente exemplo. Enquanto toda Susã dormia, o rei se sentia inquieto. Quero dizer, de todas as noites para sofrer insônia, aquela era justamente a noite! O rei desconhecia o plano para matar Mordecai. Hamã arquitetara os detalhes, os quais revelaria ao rei na manhã seguinte, para obter a sua aprovação. Enquanto Hamã, Mordecai e toda Susã dormiam, de fato, enquanto toda a Pérsia dormia, o rei não consegue conciliar o sono.

Aprecio especialmente as duas primeiras palavras de 6.1, “Naquela noite”. É assim que Deus age. No último momento, Ele entra e faz o inesperado. Quando ninguém parece notar nem se importar, ele nota e se importa “naquela noite”. Neste momento, ele move o coração do rei, que repentinamente compreende que deve sua vida e seu trono a esse judeu obscuro chamado Mordecai. Um homem que, até esse instante, nada significava para ele, passa, de repente, a ser a principal prioridade do rei.

Será que falo hoje a algum Mordecai dos tempos modernos? Uma decisão ou descoberta sua levou alguém a ser promovido a um cargo importante e agora essa pessoa recebe toda glória, status, salário e celebridade, enquanto você nunca foi reconhecido, recompensado ou sequer lhe mostraram gratidão? Você tomou a atitude difícil, agiu com coragem e viu outro receber o crédito? Outra pessoa apossou-se ou recebeu a glória que devia ser sua por direito?

Aprenda uma lição com Mordecai hoje. Em meio a tudo que lhe aconteceu, Mordecai nunca procurou vingar-se. Nunca tentou prejudicar Hamã, mesmo quando teve oportunidade, mesmo quando Hamã se encontrava vulnerável. Não lhe deu um bofetão apesar de a ocasião ser oportuna. Ele nem sequer falou contra o homem.

Quero recomendar-lhe que guarde o seu coração como fez Mordecai. Permita também que o encoraje com um verso escrito por um outro santo de Deus:

Porque Deus não é injusto para ficar esquecido do vosso trabalho e do amor que evidenciastes para com o seu nome, pois servistes e ainda servis aos santos.

Hebreus 6.10

“Deus não é injusto para ficar esquecido”, quanta sabedoria há nessas palavras. Quando ninguém mais nota, fique certo, Deus nota. Quando ninguém mais lembra, Deus registra. O salmista nos diz que o Senhor até guarda nossas lágrimas num frasco (Sl 56.8). Ele nos recompensará por atos realizados em seu nome. Tenha então ânimo. Chegará o dia em que recompensas lhe serão dadas como devem, talvez não nesta terra como acontece com Mordecai, mas algum dia: “Ao anoitecer pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã” (Sl 30.5). Deus não é injusto a ponto de esquecer o seu trabalho, seus esforços, suas contribuições feitas nos bastidores.

Terceiro: *Quando tudo parece ótimo, não é.* Isto soa como uma das Leis de Murphy! Sempre que as coisas aparentam estar maravilhosas, é melhor que você espie para ver o que está vindo ao seu encontro, lá na esquina. Que pena que Hamã não conhecia esse princípio! É possível que tivesse conhecido, mas a sua presunção ofuscou sua memória.

No momento em que o rei ouviu que Mordecai não recebera qualquer recompensa, as rodas da corte começaram a girar. Ele se pôs a imaginar o que poderia ser feito para agradecer a grande coragem desse homem. A seguir, teve de resolver quem iria ajudá-lo nesse agradecimento. Fez então a pergunta lógica.

Perguntou o rei: Quem está no pátio? Ora, Hamã tinha entrado no pátio exterior da casa do rei, para dizer ao rei que se enforcasse a Mordecai na forca que ele, Hamã, lhe tinha preparado.

Os servos do rei lhe disseram: Hamã está no pátio. Disse o rei que entrasse.

Ester 6.4-5

Este é ou não um grande momento? O sol mal surgiu no horizonte e eis ali Hamã, precipitando-se para o palácio o mais cedo possível para ser o primeiro a ter uma audiência com o rei e acabar com o inimigo odiado.

De repente, do pátio interno, vem a voz do rei: "Chamem-no. Digam a Hamã para entrar". O rei o chama. A coisa vai ser ainda mais fácil do que esperava.

Esta é a minha oportunidade, pensa ele e olha pela janela com um gesto sinistro. Só mais um pouco, força, e alguém vai estar pendurado em você. Com toda a arrogância de um pávao, Hamã entra no pátio do rei.

Antes, porém, de ele abrir a boca para falar, o rei pronuncia palavras inesperadas:

Entrou Hamã. O rei lhe disse: Que se fará ao homem a quem o rei deseja honrar? Então Hamã disse consigo mesmo: De quem se agradaria o rei mais do que a mim para honrá-lo?

Ester 6.6

Quando o rei faz a pergunta, em quem Hamã pensa imediatamente? É claro que em si mesmo. Quem mais? Este é o homem que carrega consigo quatro pacotes de *slides* sobre a sua promoção e os mostra sempre que tem uma oportunidade. É ele que fala sobre quanto dinheiro ganha, quantos filhos tem, quão necessário é ao rei e como é importante. Quem mais o rei desejaria honrar senão a ele? *Este é o meu momento*, exulta. *Vamos ver então o que poderia ser feito para mim?* E começa rapidamente a listar cada glória que pode imaginar para si mesmo.

E respondeu ao rei: Quanto ao homem a quem agrada ao rei honrá-lo, tragam-se as vestes reais de que o rei costuma usar, e o cavalo em que o rei costuma andar montado, e tenha na cabeça a coroa real; entreguem-se as vestes e o cavalo às mãos dos mais nobres príncipes do rei, e vistam delas aquele a quem o rei

deseja honrar; levem-no a cavalo pela praça da cidade, e diante dele apregoem: Assim se faz ao homem a quem o rei deseja honrar.

Ester 6.7-9

“Excelente idéia”, disse o rei. “Eu não poderia ter pensado em algo tão criativo. Isso é fantástico, Hamã.”

Vem agora o versículo de que mais gosto:

Então disse o rei a Hamã: Apressa-te, toma as vestes e o cavalo, como disseste, e faz assim para com o judeu Mordecai, que está assentado à porta do rei; e não omitas cousa nenhuma de tudo quanto disseste.

Ester 6.10

Nossa! Isto deve ser engano!, pensou Hamã. *O rei não pode ter pronunciado esse nome odioso, não é? O que será que está acontecendo?*

“Quero que o príncipe mais importante do reino faça o anúncio. Portanto, Hamã, quero que você leve o cavalo pela cidade e apregoe a grandiosidade do homem montado nele.”

Que ordem difícil de obedecer! Quanta humilhação! Não posso sequer pensar em uma ordem mais amarga de ser seguida do que esta. De fato, só podemos imaginar a atitude sombria, de lábios apertados, de Hamã enquanto obedecia aos desejos do rei. Tente não sorrir enquanto imagina a cena seguinte.

Hamã tomou as vestes e o cavalo, vestiu a Mordecai, e o levou a cavalo pela praça da cidade, e apregouo diante dele: Assim se faz ao homem a quem o rei deseja honrar.

Ester 6.11

Um sábio comentarista declarou: “As palavras que Hamã teve de proclamar devem ter parecido areia em sua boca”.³⁹

Tudo o que vai acaba voltando. Esse ditado popular nunca foi mais verdadeiro do que é aqui. As coisas se inverteram para Hamã — todavia, melhoraram para Mordecai. Sentado no cavalo, com as vestes reais, ele era o homem mais surpreso do reino. Essa a beleza da história. Mordecai não era orgulhoso, nem vingativo. Não ficou sussurrando: “Fale um pouco mais alto. Sofra, Hamã!” Segundo o que está escrito neste versículo, Mordecai não abriu a boca.

Penso que é isso que mais aprecio em todo este episódio: O silêncio de Mordecai. Como são raras as pessoas que podem ser promovidas a uma posição de importância sem se autopromover, ou ansiar pela luz dos holofotes, ou exigir o centro do palco. As celebridades que falam baixinho, genuinamente humildes, são extremamente raras. Você não está convencido? Observe os atletas populares de hoje. Como é refrescante (e incomum) encontrar um Mordecai em nossos dias!

De fato, lemos em seguida que “Mordecai voltou para a porta do rei”. Uma frase curta, fácil de esquecer. Mas, não é magnífica? “Mordecai voltou para a porta do rei”, diz ela, em vez de: “Mordecai achou que estava na hora de receber uma boa promoção”. Sabe por que é significativa? Porque ele ficou ali o tempo todo. Seu papel não lhe subiu à cabeça.

Num velho livro, publicado em 1880, descobri este comentário perspicaz de um homem chamado Alexander Raleigh:

Um homem cheio de orgulho e ambição teria dito para si mesmo: “Nada mais de sentar-me à porta do rei! Vou dirigir-me agora ao palácio do rei e preparar-me para ser honrado..., o que certamente deve acontecer em breve”. Mordecai parece ter dito a si mesmo: “Se, na providência de Deus, essas coisas forem destinadas a mim, elas saberão achar-me. Mas devem procurar-me, porque não farei isso. Os que as conferem conhecem o meu endereço: ‘Mordecai, na porta do rei’, e me encontrarão. Que a multidão fique admirada e se disperse. Já me incensaram o su-

ficiente. Que Hamã faça como quiser, ele está nas mãos do Senhor. Que os meus amigos em casa aguardem; vão ouvir tudo na hora oportuna... Posso esperar melhor no meu antigo lugar e da maneira usual — NA PORTA DO REI”.⁴⁰

Este é um ponto ideal para fazer uma pausa e conferir. Você foi promovido recentemente? A providência divina sorriu para você, de modo que o seu nome é agora honrado em círculos onde era antes desconhecido? Chegou a uma posição de popularidade e prosperidade? Você é agora estimado aos olhos de outros?

Se sua resposta for “sim”, a verdadeira pergunta é: Você continua confortável na porta do palácio, ou sente que agora deve viver dentro dele? Acha que precisa ser tratado com cuidados especiais e luvas de pelica, sem que o perturbem com os problemas de cada dia? Mordecai no entanto encolheu os ombros: “Apenas me levem onde tudo isto começou—à porta do rei”.

Não importa o que lhe aconteça, lembre-se “do abismo de que foi resgatado”. Vai descobrir que o melhor lugar nesta terra continua sendo aquele que fica perto das suas raízes. A canção sertaneja nos faz recordar: “Olhe como tive de ir para longe, a fim de voltar de onde comecei...”

Quarto: *Quando nada parece justo, é porque é justo*. Se você for como eu, está quase sempre esperando que o outro pé de sapato caia. Neste caso, estamos esperando — e desejando — que Hamã receba o que merece. Tudo em nosso íntimo clama por justiça, especialmente com um perdedor como Hamã, que já se pavoneou demais.

Depois disto Mordecai voltou para a porta do rei; porém Hamã se retirou correndo para casa, angustiado e de cabeça coberta. Contou Hamã a Zeres, sua mulher, e a todos os seus amigos, o que lhe tinha sucedido...

Da última vez que Hamã foi para casa, ele estava se gabando da sua importância. Agora entra furtivamente pela porta, resmungando e choramingando com o que lhe acontecera.

As pessoas do tipo de Hamã sempre culpam outros pelo seu infortúnio. Já notou isso? Elas nunca dizem: “Deus me deu uma lição”, ou “Fui humilhado com isto”, ou “Ganhei mediante esta perda”, ou “Deus esmagou o meu espírito, mas agradeço por ter aprendido a confiar nele”. Em vez disso, elas invariavelmente afirmam: “Se não fosse por causa desse indivíduo...”, “Se ela não tivesse dito...”, “Se aquela pessoa não tivesse feito isso...”, “Se a firma não fizesse....” e assim por diante. Hamã age desse jeito. Ele lembra de tudo que lhe aconteceu e não diz palavra sobre as suas ações para merecer tal castigo.

...Então os seus sábios, e Zeres, sua mulher, lhe disseram: Se Mordecai, perante o qual já começaste a cair, é da descendência dos judeus, não prevalecerás contra ele, antes certamente cairás diante dele.

Ester 6.13

É preciso admitir a verdade da teologia deles. Acertaram no alvo. Parece uma declaração extraída diretamente de Gênesis.

De ti farei uma grande nação (dos judeus), e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção: abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem...

Gênesis 12:2-3

A referência à margem desses versos diz: “Obrigarei sob maldição”. Em termos atuais, esta aliança abramica promete: “Protegerei o meu povo. Se você amaldiçoá-lo, o preço a pagar será terrível”.

Durante toda a exibição arrogante de Hamã e seus planos perversos, Deus nem sequer uma vez tinha ignorado a ele ou ao seu projeto de matar Mordecai e os judeus. Deus ouvira as suas declarações, o orgulho do seu coração, os motivos violentos e preconceituosos por trás das suas decisões. Deus estava invisível, mas não se encontrava fora de contato ou passivo. Ele não se esquecera do seu povo ou das promessas que fizera a ele—e aos seus inimigos.

Falavam estes ainda com ele quando chegaram os eunucos do rei, e apressadamente levaram a Hamã ao banquete que Ester preparara.

Ester 6.14

Ouviu-se uma batida na porta e antes que pudesse recompor-se, Hamã foi levado às pressas da casa e escoltado até o palácio, para o banquete que iria condená-lo. Não posso deixar de pensar se, a caminho do palácio, Hamã não olhou novamente a força que construía para Mordecai, balançou a cabeça e lamentou o que fizera.

Este foi o pensamento tardio de Judas, como refletido num antigo versinho inglês:

Como antigamente

Os homens ainda põem preço em si mesmos —

Por trinta peças, Judas vendeu

A si próprio, não a Cristo.⁴¹

O PRINCÍPIO MAIS IMPORTANTE DE TODOS

O que vai sempre volta. Esse ditado me faz lembrar de um magnífico princípio teológico sublinhado várias vezes na Escritura: Quando Deus parece ausente, ele está presente. Mesmo quando você pensa que perdeu tudo, Deus usa isso como uma oportunidade para despertá-lo para a compreensão de que ele ainda se encontra no controle, assim como para fazê-lo ajoelhar-se.

Tudo isto me lembra da história de um homem que naufragou numa ilha desabitada. Ele construiu laboriosamente uma pequena cabana para proteger-se do mau tempo e guardar os poucos objetos que salvara do naufrágio. Durante semanas, o homem viveu ali sozinho, tendo apenas como companhia o sol quente, as noites frias e as tempestades tropicais. Em oração, ficava olhando atentamente o horizonte para ver se divisava algum navio; mas, nada.

Certa noite, quando voltava de buscar alimento, ficou aterrorizado ao encontrar a pequena cabana em chamas. Ficou ali em pé, incapaz de apagar o fogo, sentindo-se esmagado pelo desastre. Seus poucos pertences tinham virado fumaça. Dormiu naquela noite perto das cinzas, ouvindo as ondas bater na areia e o desespero apertando o seu coração.

Na manhã seguinte, bem cedo, ele acordou e viu um navio ancorado junto à ilha — o primeiro que avistara durante todas aquelas semanas em que sondara o horizonte na esperança de ser resgatado. Ainda sem acreditar em seus olhos, ele ouviu passos e depois a voz do capitão: “Vimos o seu sinal de fumaça e viemos buscá-lo”.⁴²

Tudo que o homem possuía teve de ser destruído antes que pudesse ser descoberto — e salvo. Deus pareceu distante por tanto tempo, mas ele estava trabalhando nas duas extremidades — a fim de levar o navio para perto da ilha na hora certa e reduzir o naufrago a nada, fazendo-o ajoelhar-se.

Qual o seu papel nessa história? Você vem construindo o seu reino e acumulando sua fortuna, estabelecendo o seu nome, tornando-o proeminente, para que outros lhe dêem atenção? Você pisou outras pessoas para chegar lá?

Você sente que Deus tem estado ausente ou passivo em sua vida, distante de alguma forma? Quero terminar este capítulo lembrando-lhe isto: Deus pode ter parecido ausente, mas esteve presente o tempo todo. Além disso, ele conhece o seu coração. Sabe a verdadeira condição da sua alma. Conhece as impurezas ocultas dos seus motivos. Conhece a pro-

funda depravação do seu pecado. Mas, ele ouviu o seu sinal e não irá rejeitá-lo.

Em última análise, o Senhor fará a vontade dele. Deus não se impressiona com reinos terrenos, nem riquezas pessoais, com orgulho e prestígio, riqueza e fama. Ele se impressiona com o coração humilde que se aproxima dele nos seus termos.

Mordecai e Ester sabiam disto. Hamã nunca aprendeu. Minha preocupação hoje não é com eles, é com você. Ainda, não há nada que eu possa escrever que o obrigue a ficar de joelhos. Essa é uma obra de Deus e ele é muito bom nisso! E jamais deu as costas a quem quer que se converta realmente a ele pelo caminho da cruz.

Você já fez isso? Se ainda não, gostaria de fazer? O Senhor estará disponível quando você estiver pronto. Mas, não demore. Você pode pavonear-se como Hamã só até um certo ponto. Não deixe que o prazo se alongue demais! Lembre-se: o que vai sempre volta.

CAPÍTULO OITO

A magnífica soberania de Deus

Nunca encontrei alguém que não tivesse pena de Jó. Homem piedoso e justo de coração, que viu o mundo desabar sobre a sua cabeça, sem qualquer razão aparente além do que alguns considerariam uma espécie de "piada cósmica": crueldade satânica e a estranha permissão de Deus para que ela acontecesse. Até conseguimos aceitar a primeira parte, mas a segunda nos derruba. Deus não estava ausente, mas se manteve silencioso, pelo menos em relação a Jó. É o sentido misterioso do silêncio de Deus, considerado na vida de Jó como ausência, que nos faz sacudir a cabeça, imaginando a razão.

A experiência deve ter sido comparável a nadar num enorme lago e depois de estar um tanto distante da beirada ver-se envolvido por uma densa neblina. Você fica preso nesse pequeno círculo de luz difusa, mas não pode ver além do comprimento do seu braço. Começa então a nadar de volta para a praia, acha que é a praia, mas não tem tanta certeza assim. De repente entra em pânico e, dando uma guinada, se põe a nadar em outra direção.

A essa altura, perdeu totalmente o rumo. Não sabe onde fica a praia. Seu coração acelera e você decide boiar para manter as forças. Finalmente, até a leve claridade se desvanece e você sabe que o sol está se pondo. Vai escurecendo. Você fica à escuta com cada célula do seu ser. Se apenas pudesse ouvir uma voz da praia, ainda que abafada e fraca, isso pelo menos lhe daria um senso de direção — algo por onde começar.

Essa sensação de estar perdido deve ter sido a de Jó, sentado nas ruínas do que fora antes uma linda e próspera paisagem. Tudo que lhe servia de sustento desaparecera. Estava arruinado. Ele vê as sepulturas recém-cavadas de seus filhos, diante de seus olhos, numa colina desolada, varrida pelos ventos. Perdera tudo, até a sua saúde. Sentou-se sobre as cinzas da sua vida — destroçado, solitário, sem direção. Não ouvia sequer a voz de Deus. Sem saber onde e muito menos o motivo, começou a verbalizar sua angústia, palavras essas facilmente criticadas por aqueles que se acham confortáveis, com saúde e gozando de tranquilidade.

Mais tarde, Jó amaldiçoou o dia do seu nascimento.

Depois disto passou Jó a falar, e amaldiçoou o seu dia natalício. Disse Jó: Pereça o dia em que nasci e a noite que disse: Foi concebido um homem. (...)

Por que não morri eu na madre? Por que não expirei ao sair dela?

Jó 3.1-3, 11

Eu chamaria isso de palavras do lago — palavras em meio à neblina! São as palavras de um homem que não sabe a razão das coisas e se sente completamente abandonado. Essa condição é pior do que a morte, porque ele está bem vivo na sua desgraça.

Porque em vez do meu pão me vêm gemidos, e os meus lamentos se derramam como água; aquilo que temo me sobrevém, e o

que receio me acontece. Não tenho descanso, nem sossego, nem repouso, e já me vem grande perturbação.

Jó 3.24-26

Não critique Jó até que tenha sofrido a mesma coisa. Essa é a pior espécie de existência. Já é suficientemente mau perder tudo e ter o corpo coberto de feridas da cabeça aos pés; mas, não ouvir a voz de Deus...

COMPREENDENDO O TEMPO DE DEUS EM NOSSOS DIAS

Depois desse relato comovente sobre a miséria de um homem, quero levá-lo a uma esfera que não é tão mensurável ou tangível — a esfera do tempo. Nosso tempo versus o tempo de Deus.

Você e eu estamos presos num pequeno espaço no lago enevoado da vida chamado presente. Em vista de toda a nossa perspectiva ser baseada neste momento no qual nos encontramos, falamos de presente, passado e futuro. Se quisermos saber a hora, o minuto, ou o segundo, simplesmente olhamos no relógio. Se queremos saber o dia ou o mês, o ano ou o século, olhamos o calendário. Tempo. Facilmente marcado, cuidadosamente medido. Tudo é muito objetivo: mensurável, compreensível e consciente.

Deus não é nada disso. De fato, ele vive e se move fora da esfera do tempo terreno — além do tique-taque dos nossos relógios — além da página virada do nosso calendário.

Deus não tem noite. Deus não tem dia. Deus não tem mês. Deus não tem ano. Deus não tem passado, presente ou futuro. Os teólogos chamam isso de transcendência de Deus. Ele transcende tudo.

Vemos nossa vida numa seqüência de telas, movendo-se de uma para outra, quase como num filme. Mas, não Deus. Ele vê todo o filme da nossa vida de uma vez, num lampejo, juntamen-

te com milhões e bilhões de outros que passam simultaneamente — passado, presente e futuro. Isso faz o nosso exíguo espaço no lago assemelhar-se a uma gaiola chamada tempo.

Cantamos com tanta facilidade...

No teu tempo, no teu tempo;

Fazes tudo tão belo no teu tempo.

Senhor, peço que me mostres a cada dia,

Enquanto me ensinas teu caminho,

Que fazes o que dizes no teu tempo.⁴³

Mas surge imediatamente um problema. Para Deus não há “dia” e ele não está preso ao nosso “tempo”. Nosso problema é que estamos olhando para a vida pelo lado errado do telescópio. Somos criaturas finitas, portanto, quando o tema é a mente divina onisciente e a sua perspectiva transcendente, o nevoeiro nos cobre.

Philip Yancey, em um de seus melhores livros, *Decepcionado com Deus*, escreve:

Por mais que racionalizemos, Deus irá parecer algumas vezes injusto sob a perspectiva do indivíduo preso no tempo. Só no fim dos tempos, depois de termos atingido o nível divino de visão, depois de todo mal ter sido castigado ou perdoado, cada doença curada e todo o universo restaurado — só então a justiça reinará. Iremos enfim compreender qual o papel desempenhado pelo mal, pela Queda e pela lei natural, num evento “injusto” como a morte de uma criança. Até então não saberemos, e só podemos confiar num Deus que sabe.

Permanecemos ignorantes de muitos detalhes, não porque Deus gosta de manter-nos no escuro, mas porque não temos as faculdades necessárias para absorver tanta luz.

Mediante um único olhar, Deus sabe o que vai acontecer no mundo e como a história terminará. Mas as criaturas pre-

sas ao tempo só podem compreender da maneira mais primitiva: deixando o tempo correr. Só depois de a história ter seguido o seu curso, iremos entender como “todas as coisas colaboram para o bem”. Fé significa crer antecipadamente no que só fará sentido em retrospecto.⁴⁴

Isso é difícil. Tão difícil quanto cantar no domingo o corinho: “No teu tempo, no teu tempo, fazes tudo tão belo no teu tempo”, e entrar no mundo enevoado, mas muito real, do sofrimento e da perda, dos tremores de terra súbitos, das enchentes inesperadas e das mortes prematuras na manhã de terça-feira, na noite de quarta ou na meia-noite de sexta-feira.

O que fazer então? Como viver em meio ao nevoeiro sem entrar em pânico? Como habitar neste pequeno espaço, não sabendo onde fica a praia — especialmente nos períodos em que não ouvimos a sua voz que nos dá segurança? Em termos simples e diretos, fazemos isso descobrindo como Deus opera, tendo confiança nele.

DESCOBRINDO AS OBRAS DE DEUS NOS DIAS DE ESTER

Na Bíblia, Ester é o livro que antecede o de Jó. Como estamos descobrindo, Ester é um grande livro e é o único em que o nome de Deus não é citado. Nem a oração propriamente dita. Além disso, nada do livro de Ester é mencionado no Novo Testamento. Estranho. Somos tentados a pensar que Deus está mesmo ausente, mas isso é muito pouco provável. Suas marcas estão por toda parte nessa belíssima história.

Podemos ver a mão de Deus movendo-se na vida de Ester e de Mordecai. Podemos ver seu movimento no coração do rei Assuero. Vemos como o Senhor opera a sua vontade até por intermédio dos planos perversos de Hamã. Como? Por quê? Porque o livro é escrito da perspectiva da presença transcendente de Deus.

Portanto, quando chegamos ao capítulo 3 e passamos pelo período de silêncio em que o rei promove Hamã, você e eu nos sentimos inclinados a avisar: “Não! Não faça isso. Você vai se arrepender! Esse Hamã é um homem perverso. Odeia os judeus. Fez planos para cometer um assassinato. Não o promova”. Assuero, porém, dá mais poder a Hamã. Um jogo maldoso é então arquitetado. Queremos que Deus o detenha, mas não ouvimos a sua voz.

A neblina se adensa enquanto observamos Hamã colocar o alicerce para o extermínio de todos os judeus no reino da Pérsia. Vemos o selo oficial do rei sendo calcado no barro macio, e o decreto da morte sendo enviado por toda a terra e todas as províncias. Pensamos: Agora, Deus! Detenha essa injustiça! Mas Deus não interfere.

O mesmo deve ter acontecido com os judeus que viviam na Europa quando os nazistas surgiram. Os assassinos de Hitler invadiram—brutalizaram, zombaram, mataram—e não se ouviu a voz de Deus.

Se vivêssemos nesse lago silencioso, teríamos indagado: *Onde está Deus?* Naturalmente, haveria muitas perguntas.

Elie Wiesel, o premiado escritor de *Holocausto*, conta, em seu livro *Night*, (Noite), como ele, quando criança, ouviu os sons medonhos da morte, viu cenas terríveis de pessoas sendo mortas, sentiu o cheiro de carne queimada vindo do forno. Chocado com tudo aquilo, ele ouviu um homem atrás dele gemer: “Onde está Deus? Onde ele está?”⁴⁵

Todavia, mesmo nesses períodos de silêncio, Deus está operando. Se você não sabe disso, se não crê nisso, se não se lembra disso quando ele fica em silêncio, irá entrar em pânico, irá duvidar, se tornará cínico, ressentido e transbordando de amargura.

Pense no assunto desta forma: Ouvei grandes sermões sobre José e também sobre Moisés. Mas nunca ouvi um sermão sobre os 400 anos intermediários — aqueles “anos silencio-

“sos” — que separaram José de Moisés. Movemo-nos ao longo da história e encontramos Ana. Gostamos dela, dessa mulher de Deus que orou para conceber um filho. E o menino-prodígio, Samuel, nasceu. Ouvimos grandes mensagens sobre Ana, grandes mensagens sobre Samuel. Mas, penso que nunca ouvi uma mensagem sobre 1 Samuel 3.1: “Naqueles dias a palavra do Senhor era mui rara; as visões não eram freqüentes”.

Pensamos que os profetas eram os que ouviam regularmente a voz de Deus. Nem sempre. Considere o profeta Habacuque, que observou eventos injustos acontecerem um após outro, sem parar. Finalmente, ele não suportou mais o silêncio de Deus e disse: “*Até quando, Senhor, clamarei eu, e tu não me escutarás?*” (Hb 1.2).

Qual era o problema? Habacuque se achava no lago e o nevoeiro descera sobre ele! “Outros podem cantar: ‘Em teu tempo, em teu tempo’ quanto quiserem, mas neste momento *eu estou me afogando*”.

Entre Malaquias e o nascimento do Senhor Jesus, temos outro período de 400 anos, sobre o qual você não ouviu provavelmente nenhum sermão. Nem eu. Silêncio absoluto, completo. Nem mesmo um verso da Escritura foi escrito — durante quatro séculos. É difícil aceitar isso.

Se quiser descobrir como Deus opera, não só nos dias de Ester, mas também em nossos dias, guarde em mente estas duas coisas.

Primeiro: *A vida está cheia de períodos confirmados de silêncio. Muitos.* Mas esses períodos de silêncio de Deus são tão significativos como aqueles em que ele fala. Embora bem mais dolorosos, são também significativos. Durante esses intervalos de tempo, no lago coberto de neblina, você precisa do ouvido da fé para ouvir a voz de Deus.

Lembro-me de um ex-membro de minha igreja, um médico, dizendo-me certa manhã de domingo: “Estamos esperando agora para saber se Deus quer que minha família e eu va-

mos para um determinado campo missionário". Pelo tom da sua voz, percebi que o médico desejava ir. Mas era um período de silêncio e ele não sabia exatamente quando, ou mesmo se no final viajaria. A única opção era esperar. E não foi fácil.

Lembre-se, porém, de que Deus não repete a história. Ele está sempre escrevendo um novo registro, mesmo nos tempos de silêncio. Sua magnificente soberania é muitas vezes lenta em desenrolar-se.

Segundo: *Os pontos críticos da vida, os eventos importantes, são em geral sutis.* É necessário um coração sensível para detectar essas mudanças.

Por exemplo, em Ester, capítulo 6, lemos que o rei não conseguia dormir. Quando foi a última vez que isso se tornou manchete? Acho que nunca li esta linha em qualquer jornal: "O presidente não conciliou o sono a noite passada!" É sutil até no registro bíblico; mas, como resultado, o nome de Mordecai sai da obscuridade, o que nos leva às peças essenciais que faltam no quebra-cabeças do plano de Deus.

No misterioso tempo de Deus, ocorrem coisas sutis que só o coração sensível apreende. Esse é o papel que a sabedoria desempenha na vida. A maturidade cristã consiste em perceber as sutilezas da vida e, em vez de ficar agitados e pensar: Não vou vencer este desafio, jamais ouvirei a voz de Deus, devemos decidir, com sabedoria, aguardar pela mais leve modificação dos acontecimentos.

Logo depois da noite insone, quem está no pátio do rei? Justamente *Hamã!* Hamã, que tem ainda farpas nas mãos por ter construído a forca para pendurar Mordecai. Ele apareceu cedo, pensando: "O queridinho do rei" vai conseguir o que quer. Errado! O rei o chama para entrar e diz: "Como devemos honrar alguém?" Hamã pensa: *Quem melhor do que eu para ser honrado?* Errado novamente! Esse não é o plano de Deus. Ele vai honrar *Mordecai*. Hamã acaba ficando com uma enorme parcela de humilhação, pois teve de levar Mordecai

pelas ruas de Susã, proclamando a grandeza dele. Eu consideraria isso uma mudança importante no cenário.

É fácil viver como um simplório. Muitos fazem isso. É fácil prever que este ano será muito parecido com o anterior e com o que veio antes dele; quando, na verdade, as chances são de que será completamente diferente. Mesmo quando os acontecimentos começam a mudar, compreenda que nada é simples coincidência. Lembre-se disso. Tire a palavra “coincidência” do seu vocabulário, junto com a palavra “sorte”. Deixe-as de lado. Você não precisa mais delas. Nada é coincidência! “Sorte” não tem lugar no vocabulário cristão.

No seu tempo e apenas no seu tempo, Deus começa a mover-se de maneira sutil até que, de repente, à medida que a sua magnífica soberania se revela, uma mudança ocorre. Não resista. Essa é a maneira de Deus dissipar o nevoeiro, o que sempre acontece quando é do seu agrado!

Veja, por exemplo, este momento que marcou época na vida de Ester:

Veio, pois, o rei com Hamã, para beber com a rainha Ester. No segundo dia, durante o banquete do vinho, disse o rei a Ester: Qual é a tua petição, rainha Ester? E se te dará. Que desejas? Cumprir-se-á, ainda que seja metade do reino.

Ester 7.1-2

Este segundo banquete é o evento — o momento — que rompe o silêncio. Mais uma vez, os três estão sozinhos: o rei, a rainha, e o primeiro ministro.

“Qual é a tua petição?” pergunta o rei a Ester. “Qual o seu pedido?”

Ele já perguntara isso duas vezes antes: quando ela se apresentara no pátio e ele apontou-lhe o cetro; e depois, no primeiro banquete; mas Ester não lhe respondeu porque não estava na hora. Ela não prosseguiu no assunto. Sabia quando agir e quando esperar.

Você tem essa mesma sensibilidade? Sabe quando deve escutar? Sabe quando falar e quando calar-se? Sabe quanto e quando deve dizer algo? Tem a sabedoria de calar-se até o momento certo? Essas coisas mudam as situações, você sabe. A pergunta, no entanto, é esta: Você está em harmonia com Deus o suficiente para ler os seus sinais sutis? É fácil precipitar-se ao ver a neblina começando a dissipar-se.

Ester, embora presa naquele silêncio enevoado, naquele pequeno espaço de visão limitada, não dissera tudo que guardava no coração. A hora não era certa. Ela sentira isso. Até aquele instante não contara ao rei que era judia. Mas chegara agora o momento apropriado de quebrar o silêncio.

Salomão escreveu certa vez: "...há tempo para todo propósito debaixo do céu... tempo de estar calado, e tempo de falar" (Ec 3.1,7). O silêncio já fora adequado, mas agora não era mais. Ficamos imaginando se o coração de Ester pulsava fortemente, ao pensar que o futuro da nação dependia das palavras que pronunciaria e da resposta de seu marido, o rei. Quando o rei Assuero abriu a porta pela terceira vez: "Ester tomou coragem para fazer a sua petição".⁴⁶

Então respondeu a rainha Ester, e disse: Se perante ti, ó rei, achei favor, e se bem parecer ao rei, dê-se-me por minha petição a minha vida, pelo meu desejo, o meu povo. Porque fomos vendidos, eu e o meu povo, para nos destruírem, matarem, e aniquilarem de vez; se ainda como servos e como servas nos tivessem vendido, calar-me-ia, porque o inimigo não merece que eu moleste o rei.

Ester 7.3-4

Quanto poder tem a mulher! É possível ver a diplomacia de Ester e a sua sensibilidade, mesmo ao suplicar pela sua vida e a de seu povo! "Se estivéssemos sendo apenas vendidos como escravos, eu não iria aborrecê-lo com tais assuntos. O rei já tem muitas coisas em que pensar e eu não gostaria de

perturbá-lo. Mas ele quer aniquilar-nos!” Neste momento Ester demonstra grandeza de caráter. Seu marido a ouve atentamente!

Então falou o rei Assuero, e disse à rainha Ester: Quem é esse e onde está, esse, cujo coração o instigou a fazer assim?

Ester 7.5

Confesso que neste ponto minha resposta teria sido mais ou menos esta: “O que você quer dizer com essa pergunta: ‘Quem é esse?’ Você estava presente quando Hamã propôs esse crime hediondo. Você lhe deu o anel para selar o decreto. Como é que diz agora: ‘Quem é esse?’ Abra os olhos!” Agradeço por não ter estado lá e estragado tudo.

Vivemos num mundo de pessoas preocupadas. Elas também vivem em meio ao nevoeiro. Quem sabe quantos decretos Assuero assinou naquele dia? Quem sabe quantos assuntos importantes do governo estavam em sua mente? O rei tinha várias decisões a tomar. A maneira como Hamã, um ministro de confiança, propusera a questão dava a idéia de que ele estava resolvendo um problema que afetava o bem-estar do reino. O rei provavelmente assinou o documento sem prestar muita atenção, acreditando que Hamã, colaborador fiel, sabia o que estava fazendo.

De repente, porém, as coisas mudaram. Não tente me convencer de que uma determinada situação nesta vida é absolutamente permanente. Deus pode mover o coração de um rei e de toda uma nação. Tem poder para derrubar a antes impenetrável Cortina de Ferro. Ele pode fazer com que seu obstinado cônjuge mude de idéia. Ele pode atuar nos assuntos da sua comunidade, para alterar decisões de presidentes e primeiros-ministros, de reis da atualidade e ditadores nacionais.

Nenhuma barreira é alta demais, nenhum abismo largo demais para Deus, porque ele não está limitado pelo espaço ou pelo tempo, pelo visível ou invisível. Lembre-se: ele vive

numa esfera que transcende tudo isso. É Todo-poderoso. Quando Deus decide mover-se, ele se move. E quando faz isso, segure-se bem! Você está prestes a fazer o maior passeio da sua vida.

Ao compreender que o seu momento chegara, Ester nem titubeou nem hesitou.

Respondeu Ester: O adversário e inimigo é este mau Hamã. Então Hamã se perturbou perante o rei e a rainha.

Ester 7.6

Ester, tomada de força e dignidade, responde com a mesma espécie de coragem que demonstrara desde a sua decisão de arriscar tudo: “Quem é o responsável? Esse homem. Nosso inimigo, esse Hamã perverso!”

Nas palavras de Ester, Hamã é tanto um traidor do rei como um inimigo dos judeus. Enquanto aponta para o perverso Hamã, ela sente o seu triunfo e nota o terror nos olhos dele. Um terror bem apropriado. As palavras de Ester ao rei serviram também para abrir os olhos de Hamã, porque ele ainda não tinha conhecimento da nacionalidade dela. A compreensão de que ameaçara inadvertidamente a vida da rainha foi um golpe mortal acrescentado à sua humilhação anterior.⁴⁷

O velho Hamã não tivera um de seus melhores dias. As últimas 24 a 36 horas nada lhe acrescentaram além de tristeza. Em primeiro lugar tivera de trombetear louvores a Mordecai por toda a cidade de Susã e, agora, a própria rainha o acusa diante do rei. Ele está completamente *apavorado*, e com razão.

Nós, da nossa parte, aplaudimos. Porque queremos justiça! Queremos ver o bem recompensado e o mal castigado. Hamã não deveria andar à solta, dando ordens. Era preciso aniquilá-lo. E é exatamente isso que o rei faz.

Então disse Harbona, um dos eunucos que serviam o rei: Eis que existe junto à casa de Hamã a forca de cinqüenta côvados de altura que ele preparou para Mordecai, que falara em defesa do rei. Então disse o rei: Enforcai-o nela.

Enforcaram, pois, a Hamã na forca que ele tinha preparado para Mordecai. Então o furor do rei se aplacou.

Ester 7.9-10

Enquanto a forca era construída, Hamã quase podia ver Mordecai empalado nela. Esperava isso com verdadeiro entusiasmo. Cabe-lhe agora morrer nessa mesma forca. Chamamos isso de ironia. Os teólogos dão-lhe o nome de soberania e eu de magnífica soberania!

Posso lembrar-me de uma época, no começo de meu treinamento ministerial, em que a soberania de Deus me amedrontava. Por não compreender tão bem as suas implicações como faço hoje, cerca de 35 anos mais tarde. Eu achava que ela me tornaria passivo e virtualmente irresponsável. Além do mais, temia que pudesse afetar a minha teologia de evangelismo.

Se eu realmente tivesse adotado essa doutrina, Deus talvez poderia ter-se tornado uma divindade distante, uma espécie de monstro celestial, abrindo e manipulando seu caminho em meio à humanidade anônima, pois impunha a sua vontade para obter o que desejava. Podia ver o meu zelo minguando e minha sede de almas à beira da indiferença.

Mediante uma série de acontecimentos muito numerosos e complicados para descrever, percebi que em vez de me apavorar com a soberania de Deus, sentia-me confortado por ela. Desde que só ele é Deus e que, por ser Deus, "faz tudo bem" e ao agir só tem o "bem" como alvo, como eu poderia fazer outra coisa senão aceitar sua soberania?

Isso quer dizer que posso explicar a soberania divina? Não, apenas raramente, quando a visão em retrospecto permite discernimento. Quer dizer que eu sempre a prevejo?

Não. Assim como você, eu ocasionalmente me apresso a fazer julgamentos ou a reagir em pânico, imaginando porque ele está tão silencioso, permitindo que a injustiça siga o seu curso por tanto tempo.

Olhando para trás, porém, em momentos mais racionais, com as emoções melhor controladas (sob o controle de Deus!), posso ver seu objetivo. Posso ver até a causa da sua demora, ou a razão de ter agido quando agiu. Admito, com franqueza, que geralmente o considero bastante demorado (não posso contar o número de vezes em que supliquei: “Ó, Deus, *se apresse!*”) e fico quase sempre surpreso, embora não devesse ficar, ao ver como as coisas se resolvem de modo tão maravilhoso.

A boa notícia é que compreendi tudo completamente. Sinto grande consolo em saber que, em última análise, Deus é Deus e que fará a sua vontade quando lhe agradar e para a sua glória. O que poderia ser melhor do que isso? Em todo o mistério de seu silêncio e ação, e em todo erro oriundo de nossas ações, podemos continuar pondo a nossa confiança em Deus.

O ponto positivo é que você e eu permanecemos sensíveis a esses momentos em que ele quebra o silêncio (que tentamos chamar de ausência) e intervém repentinamente a nosso favor. Além disso, me preocupo cada vez mais com os perdidos! Mas, em última instância, a salvação deles depende do Senhor, e não de mim.

A habilidade de Ester em colaborar naqueles momentos tão importantes a coloca muito acima de seus contemporâneos.

SENSIBILIDADE ÀS INTERVENÇÕES DE DEUS A CADA DIA

Desde que estamos fechados nesta gaiola terrena – este pequeno espaço em que a luz é muitas vezes difusa e onde Deus fica às vezes silencioso –, como podemos ser sensíveis às suas intervenções? O que fazer quando nós, como Jó, lutamos no

nevoeiro com o silêncio de Deus, convencidos de que o seu silêncio significa ausência?

Por favor, esteja certo de que ele não está ausente. É possível que se mantenha silencioso, mas não ausente. Permita que encerre este capítulo com três “salva-vidas” que me ajudaram a manter-me boiando durante minhas experiências arriscadas no lago, quando a neblina parecia estranhamente espessa.

Primeiro: *A neblina no seu lago não é acidental nem fatal*. Enquanto estiver nadando, procure ouvir cuidadosa e pacientemente a voz de Deus. Em certos dias você será vítima do pânico e irá remar como um louco. Vai tentar várias modalidades: nado de peito, borboleta, nado de costas. Mas, todo tempo, desejará ficar à escuta, esperando ouvir a voz do Senhor. Insisto para que ouça com grande sensibilidade, porque a mensagem dele virá de várias formas.

Fico nervoso perto de algumas pessoas quanto ao modo como falam sobre ouvir a Deus ou vê-lo trabalhando. Admito francamente que tenho vontade de recomendar-lhes um bom terapeuta, em especial quando ouço pessoas dizerem coisas deste tipo: “O Senhor falou comigo na cozinha às 2h15 da madrugada”, ou “Deus encontrou um lugar no estacionamento para mim, hoje”.

Pessoalmente, esses indivíduos não passam de cristãos que usam “adesivo no pára-choque”. Trata-se de pessoas estranhas, quase arrepiantes. Milagres são ocorrências comuns para elas. Vêm coisas escritas nas nuvens e ouvem vozes à noite. Ouça bem, esse não é o tipo de “voz” do qual estou falando.

Deus deu a você um cérebro. Deu-lhe raciocínio. Concedeu-lhe uma sensibilidade única; ela está embutida em seu sistema espiritual, e o sistema de cada pessoa é sintonizado de maneira diferente. Deus quer revelar-lhe a sua vontade e ensiná-lo enquanto espera. Portanto, não comece a procurar coisas esquisitas enquanto aguarda. Andamos pela fé e não pelo que vemos (2 Co 5.7).

Pegue a Bíblia: a Palavra de Deus. Fique de joelhos. Aceite conselhos dos fiéis amadurecidos e equilibrados, com uma teologia e vida solidamente bíblicas. Depois espere. Não tente ler as estrelas, e fique longe dos que lhe dizem que têm esse dom. As respostas não estão na palma da mão nem em alguma coluna de astrologia ou no brilho de um cristal. Todavia, há coisas tangíveis com as quais se comunicar. Passagens das Escrituras que podem trazer consolo e discernimento. Mensagens que iluminam e reavivam. Certas pessoas a quem respeita.

Tire proveito dessas coisas, espere e mantenha o ouvido atento. Faça como Ester, não se precipite em tomar grandes decisões. Posso ser também muito franco? Não fale demais! Os crentes que estão amadurecendo não só respeitam o silêncio de Deus, como também permanecem em silêncio.

Segundo: *As obras de Deus não estão ligadas aos nossos relógios; elas têm a ver com as nossas crises.* É por isso que Deus não se importa se este é o último dia em que você pode comprar aquele carro na liquidação. Deus não se incomoda que este seja o primeiro dia do verão, ou meio-dia, ou sete e quinze, ou se estão faltando dez minutos para a uma da madrugada. O tempo de Deus não está ligado ao relógio do Planeta Terra. Enquanto você estiver esperando, procure olhar para além do presente.

A melhor maneira de fazer isso é orando. Faça da sua uma vida de oração. Conte a Deus, angustiado se necessário, o horror da espera. Expresse o seu pânico. Diga-lhe que está preso numa armadilha. (Peça a ele que se apresse, se isso ajudar. Ele tem condições para tanto!) Você não sabe como conseguirá manter-se à superfície muito mais tempo. Nesses momentos, peça-lhe que o ajude a ver além do sofrimento do presente.

A oração me sustenta quando não consigo entender o sentido de algo com o qual estou lutando, e quando tenho de tomar decisões importantes ou trabalhar com pessoas difíceis. A oração me dá uma perspectiva serena.

Terceiro: *As surpresas reservadas não são apenas ironias ou coincidências, elas são soberanamente determinadas.* Enquanto fica na expectativa, confie na justiça de Deus. Você talvez não viva para ver essa justiça, mas ela virá. Ele é um Deus justo, e você sabe disso. Confie então no Senhor.

Descobri que enquanto me acho no nevoeiro, minha grande tentação é duvidar ou negar — essas palavras talvez sejam sinônimas — duvidar ou negar que ele esteja operando. Mas, com grande frequência, quando algo parece ser o fim absoluto, é na verdade o começo. Posso ver isto mais tarde, quando faço um retrospecto.

Pense na cruz. Os oficiais romanos aplaudiram. As autoridades judias se regozijaram. “Finalmente nos livramos desse desordeiro! Que bom que já acabou.” Todavia, três dias depois ele estava novamente vivo. O que parecia o fim não passou do começo.

Ester, a nossa heroína, é um belíssimo modelo a ser seguido e a sua história merece realmente ser lembrada. Qual será, porém, o melhor foco? O próprio Deus. Como ele opera com perfeição, com quanta soberania controla e quão notavelmente muda a aparência das coisas, no momento em que intervém! Uma rainha, antes passiva, toma a iniciativa. Um rei antes enganado recebe agora informações. Um inimigo prestes a exterminar uma nação torna-se objeto de escárnio. E até aquela força sinistra, construída para um judeu chamado Mordecai, irá em breve penetrar o corpo de um gentio chamado Hamã.

Quando aprenderemos? No momento exato em que causará o maior impacto, Deus interrompe o seu silêncio e se movimenta soberanamente. E, quando o faz, quantas surpresas!

CAPÍTULO NOVE

E os muros ruíram

E stamos examinando a vida de uma mulher chamada Ester. Ela viveu há muitos séculos, cercada por pessoas que nunca conhecemos, numa cultura que nunca vimos; todavia, muitas das suas experiências são tão relevantes e reais como os acontecimentos de ontem ou o noticiário desta manhã. Em minha opinião esta é uma das razões mais interessantes para estudar a Bíblia.

Nomes e lugares, culturas e métodos continuam a mudar, mas os princípios subjacentes que operavam no passado permanecem verdadeiros hoje. Os materiais de construção que formam os fundamentos da vida são igualmente eternos. O pecado universal, que se faz presente de maneira poderosa na forma de tramas enganosas e atos traiçoeiros, não diferem hoje daqueles que Hamã planejou para destruir os judeus na Pérsia antiga.

Devemos ser gratos porque existe uma força ainda mais poderosa que se opõe a tamanha perversidade—a justiça divina, que contraria, restringe e impede os planos malignos preparados por indivíduos perversos.

Neste nosso estudo, os atos de justiça são executados por pessoas como Mordecai e Ester. No decorrer do tempo esses nomes mudam e seus atos heróicos diferem, mas o efeito permanece o mesmo: O certo prevalece finalmente sobre o errado. Isso ocorreu nos dias de Ester e ocorrerá em nossos dias.

Há, porém, com freqüência, longos períodos de tempo em que a luz da esperança diminui tanto que somos tentados a duvidar desse fato. Os muros da injustiça podem ser levantados tão alto que nos perguntamos se irão permanecer para sempre. Neste ponto, no entanto, é que a história se mostra útil. Ao fazermos um retrospecto, redescobrimos a esperança por encontrarmos evidências concretas de que nenhum muro, por mais imponente que tenha parecido ser em sua época, continua de pé.

TODOS OS MUROS FINALMENTE CAEM

Todos os muros caem... finalmente. Não importa quão bem construídos sejam, ou qual a sua idade, o muro irá cair. Ele pode ser tão aterrador quanto um gigante irado, tão silencioso e invisível quanto o ar; pode ser como a vontade obstinada de alguém ou o espírito amargo de um indivíduo. Mas todos os muros finalmente cairão.

Quem conhecer pelo menos um pouco da história sabe que isso é verdade. Até hoje, as pás dos arqueólogos continuam a desenterrar os muros caídos dos grandes impérios mundiais. Muros do Egito, da Grécia, de Roma; muros franceses, alemães e russos.

Examino as Escrituras e encontro situações similares. Pergunto-me então: *Por que temos muros, afinal?* Aprecio muito as palavras comoventes do poeta Robert Frost: "Antes de construir um muro, eu sempre queria saber o que estava cercando ou deixando de cercar". E nós também devemos fazer isso.

Os egípcios deveriam ter perguntando o que estavam cercando e o que deixaram de cercar. Mas não o fizeram; portanto, durante 430 anos os hebreus viveram em vil escravidão

até que Deus enviou Moisés a Faraó. Então, pelo poder do Deus vivo, aquele muro antigo, aparentemente impenetrável, desmoronou.

Alguns anos mais tarde, Josué e os hebreus invadiram a Terra Prometida, perto da cidade murada de Jericó. À primeira vista, aquela era uma majestosa estrutura de pedra. Mas não significava nada diante do Deus vivo. As palavras dizem tudo: "Ruíram as muralhas" (Js 6.20).

Os muros de Jerusalém pareciam tão formidáveis, tão fortes. A cidade tivera a sua própria bandeira sob vários reis. Nabucodonosor, porém, derrubou esses muros.

Mais tarde, os muros do reino da Babilônia foram conquistados, durante o reinado de Belsazar. O grande império medo-persa surgiu e parecia invencível até que Alexandre, o Grande, entrou em cena. O mundo deve ter pensado que os gregos ficariam para sempre no poder—mas depois vieram os romanos com os seus césaes.

Os romanos acreditavam que seus muros ficariam de pé para sempre. Eram fortes, não há dúvida quanto a isso, mas acabaram caindo diante da invasão das hordas de bárbaros, mais cruéis e poderosos do que eles!

Todos os muros acabam caindo. Mesmo os muros construídos contra nós. Em última análise: Cristo vence! Nas palavras de Paulo: "Porque ele (Cristo) é a nossa paz...tendo derrubado a parede da separação que estava no meio, a inimizade." (Ef 2.14). De acordo com Betsie ten Boom: "...não existe abismo tão profundo que seja ainda mais profundo que Deus".⁴⁸ Permita que eu sugira uma paráfrase, que corresponde ao meu ponto de vista aqui: "Não existe muro tão grande que supere a grandeza de Deus".

OS MUROS QUE CAÍRAM NOS DIAS DE ESTER

Tudo isto nos leva à pequena porção de história encontrada no capítulo oito do Livro de Ester. A esta altura, você provavelmente está se perguntando o que tudo isto tem a ver com

Ester. Na verdade tem tudo. Este é um capítulo em que um coração se mostrava tão endurecido que parecia que nunca iria mudar... mas mudou. O muro de um coração humano obstinado desmorona. Antes deste capítulo, a cena estava escura, mas aqui Deus a enche de luz.

Tomando novamente de empréstimo as palavras de Betsie, não há coração tão endurecido que Deus não possa transformar. Não há escrito tão permanente que ele não possa apagar. Não há cena tão sombria que ele não possa iluminar.

Um coração imutável

Naquele mesmo dia deu o rei Assuero à rainha Ester a casa de Hamã, inimigo dos judeus; e Mordecai veio perante o rei, porque Ester lhe fez saber que era seu parente.

Ester 8.1

Isto pode ser realmente verdade? Lembra-se do poderoso rei Assuero? A história começa com ele. Quando a cortina subiu pela primeira vez, ele era o personagem principal. Vou fazer uma recapitulação.

Nos dias de Assuero, o Assuero que reinou desde a Índia até à Etiópia, sobre cento e vinte e sete províncias, naqueles dias, assentando-se o rei Assuero no trono do seu reino, que está na cidadela de Susã...

Ester 1.1-2

Este homem é poderoso. Com um gesto de mão, ele pode fazer com que as pessoas vivam ou morram. Este é o homem que se livrou da esposa, a rainha Vasti, simplesmente porque ela o desagradou. Foi ele quem decidiu promover Hamã, que odiava os judeus, à posição de primeiro ministro. Este o indivíduo que disse a Hamã: "Toma o meu anel". Outra maneira de dizer: "Pegue o meu cartão de crédito.

Assine por mim. Você faz os decretos". E esses decretos eram permanentes!

Este é o homem que aceitou de bom grado o plano de Hamã para livrar o reino da Pérsia de todo um povo. Quando o polegar do rei apontava para cima, as pessoas viviam. Quando abaixava, elas passavam a ser história.

O mais surpreendente é que este é o homem que muda de opinião. Ele apontara o cetro de ouro para Ester e dissera: "Por que você está perturbada? O que posso fazer por você? Daria metade do meu reino se isso ajudasse". Ele ouviu a súplica de Ester e, como resultado, ordenou que Hamã, seu primeiro-ministro recém-nomeado, fosse empalado na forca na qual Hamã esperava pendurar Mordecai. A seguir, o rei deu a Ester todas as propriedades de Hamã.

Há evidências na literatura extrabíblica, e estou pensando especialmente no historiador grego Heródoto, de que os bens dos criminosos condenados revertiam à coroa. Neste caso, portanto, as propriedades de Hamã, um criminoso condenado, passariam a pertencer normalmente ao rei. Mas este não as retém. Em vez disso, ele as entrega a Ester, que, por sua vez, as dá a Mordecai, pois a essa altura já contara ao rei o seu parentesco com ele.

Tirou o rei o seu anel, que tinha tomado a Hamã, e o deu a Mordecai. E Ester pôs a Mordecai por superintendente da casa de Hamã. Falou mais Ester perante o rei, e se lhe lançou aos pés; e com lágrimas lhe implorou que revogasse a maldade de Hamã, o agagita, e o seu trama que havia empreendido contra os judeus.

Ester 8.2-3

Coração nenhum é tão obstinado que Deus não possa penetrá-lo. Nenhuma vontade é tão determinada que ele não possa quebrá-la, sempre que o desejar. Ninguém—não importa quem seja, ou quão grande é o seu poder—pode resistir ao Deus vivo. É oportuno repetir aqui o conselho de Salomão:

Como ribeiros de águas, assim é o coração do rei na mão do Senhor; este, segundo o seu querer, o inclina.

Todo caminho do homem é reto aos seus próprios olhos, mas o Senhor sonda os corações.

Provérbios 21.1-2

O coração do rei é como mingau, como barro mole, poderíamos dizer como massinha de brincar, nas mãos do Senhor.

Imagine por um momento outro nome nesse provérbio em vez de "do rei". Alguém que talvez o esteja fazendo sofrer. Pode ser até um de seus filhos crescidos, genioso. Ou, quem sabe, alguém que represente uma pressão intensa. Alguém que o persiga e talvez queira derrubá-lo. Uma pessoa obstinada, certo? Um indivíduo de coração duro, correto? Imagine esse coração de pedra transformando-se em barro macio nas mãos do Senhor. Será possível? Não existe coração tão obstinado que não possa tornar-se frágil nas mãos do Senhor.

Há muitos anos, em outro lugar e outra época em minha vida, passei por uma experiência desagradável com uma pessoa que decidiu fazer de mim um inimigo. Ainda não sei o motivo. Permanece um mistério. Não obstante, é verdade. Este indivíduo decidiu tornar minha vida impossível. Ele observava cada movimento meu. Questionava minhas decisões. Lançou dúvidas sobre o meu ministério.

Essa pessoa aplicou tal pressão que algumas vezes eu sentia vontade de gritar. Não cheguei a saber o que ele disse a outros. Nunca perguntei. Mas disse-me o suficiente, e suas provocações e intimidações me deixaram amedrontado, especialmente quando percebi que usava um revólver. E certa ocasião, chegou a ameaçar-me com a arma.

Num domingo muito frio, depois do culto, fui para casa e deitei-me na cama, sem sequer tirar o capote. Clamei ao Senhor, chorei audivelmente até que não me restaram lágrimas. Chegara ao fim das minhas forças. Sentia-me esgotado, tentara tudo que me ocorrera para conseguir uma mudança na

situação. *Nada* mudou! Este homem tinha um coração como o do rei Assuero.

Vou contar-lhe mais adiante neste capítulo como as coisas se modificaram. Mas, o ponto que estou querendo salientar aqui é que pode haver também um indivíduo em sua vida cujo alvo principal seja causar-lhe aborrecimentos. Você talvez trabalhe junto com ele, ou vá para a escola em sua companhia, ou até durma no mesmo quarto que ele. Quem sabe ele é seu cônjuge ou você já esteve casado com essa pessoa.

O essencial é que em meio a tudo isto, você lembre que não há muro mais forte do que o Deus Todo-Poderoso. Não há vontade tão obstinada que ele não possa abrandar. Se Deus pode mudar o coração de um Assuero, ele pode mudar qualquer coração — *qualquer um!* Leia isso novamente. Você que vive com medo e ameaçado, ansioso quanto ao que virá em seguida, ouça este conselho! Deus é capaz de tomar o coração de qualquer um e mudá-lo, como fez com o coração deste rei. É verdade, *qualquer um.*

Um edito irrevogável

Falou mais Ester perante o rei, e se lhe lançou aos pés; e com lágrimas lhe implorou que revogasse a maldade de Hamã, o agagita, e o seu trama que havia empreendido contra os judeus.

Ester 8.3

Hamã desapareceu, mas o decreto continua vigorando. Esse era o problema com os decretos medo-persas. Uma vez publicados, não podiam ser revogados. Veja Daniel 6, em que lemos por três vezes palavras similares:

Agora, pois, ó rei, sanciona o interdito, e assina a escritura, para que não seja mudada, segundo a lei dos medos e dos persas, que se não pode revogar.

...Esta palavra é certa, segundo a lei dos medos e dos persas, que se não pode revogar.

Então aqueles homens foram juntos ao rei, e lhe disseram: Sabe, ó rei, que é lei dos medos e dos persas que nenhum interdito ou decreto, que o rei sancione, se pode mudar.

Daniel 6.8,12,15

Hamã pode estar morto, mas o decreto ainda continua bem vivo. Foi escrito, *será feito!* É irrevogável. Os judeus morrerão em dezembro. Sabendo disto, Ester chora. Permitam-me dizer que há ocasiões em que as lágrimas sinceras, compassivas de uma mulher são irresistíveis. Raro é o homem que pode vê-las sem comover-se. As lágrimas femininas podem derreter o mais empedernido coração!

Veja agora Assuero, o poderoso rei! Neste ponto, ele estende o cetro à rainha, que é a sua maneira de dizer: "Fale. Estou ouvindo".

E (Ester) lhe disse: Se bem parecer ao rei, se eu achei favor perante ele, se esta cousa é reta diante do rei e se nisto lhe agrado, escreva-se que se revoguem os decretos concebidos por Hamã, filho de Hamedata, o agagita, os quais ele escreveu para aniquilar os judeus que há em todas as províncias do rei.

Ester 8:5

Escreva-se! Mas, já está escrito. Ela está pedindo que o rei revogue o que foi registrado. Nós, que vivemos numa cultura em que tais coisas ocorrem com certa freqüência, dificilmente nos surpreendemos quando alguma autoridade muda de opinião. Mas, naquela época, nunca se ouvira falar de coisa como essa no reino persa.

Pois como poderei ver o mal que sobrevirá ao meu povo? E como poderei ver a destruição da minha parentela?

Ester 8.6

Este é certamente o tipo de situação que faz você se perguntar se existe alguma parede tão grossa que Deus não possa penetrá-la.

Então disse o rei Assuero à rainha Ester e ao judeu Mordecai: Eis que dei a Ester a casa de Hamã, e a ele penduraram-no numa forca, porquanto intentara matar os judeus. Escrevei, pois, aos judeus, como bem vos parecer, em nome do rei, e selai-o com o anel do rei; porque os decretos feitos em nome do rei e que com o seu anel se selam não se podem revogar.

Ester 8.7-8

“Aqui está a caneta”, disse o rei, “Escreva outro decreto— anulando o primeiro.” Não é incrível?

Você acha que não vale a pena insurgir-se contra as leis injustas? Acha que é inútil tomar posição a favor da vida no útero e contra o aborto? Este é um exemplo clássico, mostrando porque devemos opor-nos com firmeza e lutar em prol da verdade, embora pareça que as leis existentes nunca mudam.

Então foram chamados sem detença os secretários do rei, aos vinte e três dias do mês de sivã, que é o terceiro mês. E, segundo tudo quanto ordenou Mordecai, se escreveu um edito para os judeus, para os sátrapas, para os governadores e para os príncipes das províncias que se estendem da Índia à Etiópia, cento e vinte e sete províncias, a cada uma no seu próprio modo de escrever, e a cada povo na sua própria língua; e também aos judeus segundo o seu próprio modo de escrever e a sua própria língua.

Escreveu-se em nome do rei Assuero e se selou com o anel do rei; as cartas foram enviadas por intermédio de correios montados em ginetes criados na coudelaria do rei.

Ester 8.9-10

A mensagem é então enviada, com a autorização do rei e levada por correios montados nos melhores cavalos do reino.

Nelas o rei concedia aos judeus de cada cidade que se reunissem e se dispusessem para defender a sua vida, para destruir,

matar e aniquilar de vez toda e qualquer força armada do povo da província que viesse contra eles, crianças e mulheres, e que se saqueassem os seus bens, num mesmo dia, em todas as províncias do rei Assuero, no dia treze do duodécimo mês, que é o mês de adar.

A carta, que determinava a proclamação do edito em todas as províncias, foi enviada a todos os povos, para que os judeus se preparassem para aquele dia, para se vingarem dos seus inimigos.

Ester 8.11-13

A lei dos medos e persas não podia realmente ser mudada. A lei escrita por Hamã teria de continuar nos registros. Mas, em vista de o coração do rei ter-se abrandado diante das súplicas de Ester, ele tomou uma providência pela qual a lei não mais seria aplicada—ou pelo menos seria neutralizada. Os judeus poderiam proteger-se. De fato, tinham possibilidade de fazer mais ainda. Podiam tirar a vida de quem quer que os atacasse, inclusive mulheres e crianças, e tinham o direito de saquear e tomar posse dos seus bens. Pelo menos havia equilíbrio no jogo. Os judeus tinham agora meios de defesa, estabelecidos pela própria lei persa.

Os correios, montados em ginetes que se usavam no serviço do rei, saíram incontinenti, impelidos pela ordem do rei; e o edito foi publicado na cidadela de Susã.

Ester 8.14

O decreto de Mordecai foi enviado no terceiro mês... *sivã* (junho-julho) do ano 474 a.C. Desde que já haviam passado dois meses do decreto de Hamã (3.12), os judeus tinham cerca de nove meses para preparar-se para o conflito... Como acontecera com o decreto anterior (cf. 3.12), este também foi enviado... usando cavaleiros que o levaram por todo o império, da Índia a Cuxe... tendo sido escrito nas línguas apropriadas de cada província.

O decreto dava aos judeus... o direito de se protegerem e de aniquilarem (cf. 3.13; 7.4) e saquearem qualquer grupo que os atacasse. Os judeus podiam ficar com os bens do inimigo como Mordecai "ficara" com as propriedades de Hamã.⁴⁹

Incrível! Pensar que esses direitos conferidos aos judeus foram outorgados pelo mesmo homem que antes havia praticamente selado a sua condenação.

Talvez não haja simplesmente alguém que o persiga, pode ser, quem sabe, um documento, algo que foi escrito e parece irrevogável — um artigo de revista ou de jornal, uma cópia, um relatório profissional, uma ação judicial, o que quer que seja. Em vista de estar por escrito, parece ameaçador, impossível de apagar, legal. Você lê essas palavras, pensando: *Se você apenas soubesse quem está por trás disso tudo.*

Esse é o meu objetivo aqui. Quem é qualquer pessoa comparada com o Deus vivo? Não me importa quem está por trás desse documento. Servimos a um Deus soberano que não se surpreende com nada que possa encontrar nesta terra. Nada o amedronta. Nada o estressa. O Senhor tem o controle! Habitamos "no esconderijo do Altíssimo". "Descansamos à sombra do Onipotente" (SI 91.1). Nada é difícil demais para ele!

Todos os moradores da terra são por ele reputados em nada; e segundo a sua vontade ele opera com o exército do céu e os moradores da terra; não há quem lhe possa deter a mão, nem lhe dizer: Que fazes?

Daniel 4.35

Ele é o Deus que você e eu servimos. Ele é o Senhor que adoramos, meu amigo. Ele é o seu refúgio e fortaleza.

Quando Deus intervém para reescrever a história, os resultados são surpreendentes. Não só todo joelho se dobrará diante dele no final, como também toda mentira será exposta, toda falsidade, para sempre aniquilada. Não tema o que os

seus inimigos possam escrever a seu respeito ou contra você. Isso não vai durar para sempre. Algum dia os últimos livros serão abertos e lido o único e verdadeiro registro.

Uma tristeza impenetrável

A tristeza se instalara na cidade de Susã e nas outras províncias do reino. A cena provavelmente se assemelhava à atmosfera em Auschwitz, Dachau ou Birkenau. Ninguém ria. Cada dia tornava a condenação mais próxima 24 horas. Mas, olhe... observe bem:

Então Mordecai saiu da presença do rei com veste real azul-celeste e branco, como também com grande coroa de ouro e manto de linho fino e púrpura; e a cidade de Susã exultou e se alegrou. Para os judeus houve felicidade, alegria, regozijo e honra. Também em toda província, e em toda cidade, aonde chegava a palavra do rei e a sua ordem, havia entre os judeus alegria e regozijo, banquetes e festas; e muitos, dos povos da terra, se fizeram judeus, porque o temor dos judeus tinha caído sobre eles.

Ester 8.15-17

Era como se o Natal e o Ano Novo se combinassem num só. Era como Berlim no dia nove de novembro de 1989! Era como nada que tivessem visto antes. Eles cantaram a noite inteira e todo o dia seguinte, porque a tristeza desaparecera! A escuridão não era impenetrável, afinal de contas. Só parecia ser.

Você vive num lugar triste e escuro, onde o riso não se faz ouvir para além das paredes? A sua vida se tornou sombria ou até trágica? Enquanto outros vão para suas casas, gozar o amor e o calor da família, você volta sozinho para casa, para a lembrança penosa de relacionamentos rompidos, remorso e culpa? Quem sabe os últimos sons do dia para você são o ba-

ter da porta de uma cela e um guarda berrando: "Apaguem as luzes!" Você observa com o coração pesado uma cena como esta no livro de Ester?

Como escrevi no início deste capítulo, a história de Ester não é um trecho irrelevante da história, escondido nas dobras de um documento antigo. Esses princípios continuam vigorando hoje. Eles contêm vida e são tão importantes hoje como na época em que foram primeiramente registrados.

Isto foi escrito para pessoas que enfrentam oponentes ameaçadores, obstinados. Talvez até vivam com eles, estejam casados com eles, ou tenham filhos crescidos desse tipo.

Esses princípios foram escritos para pessoas cujas vidas conservam as cicatrizes causadas por documentos ou ações judiciais, relatórios negativos, ou boatos. Para aqueles cujas vidas estejam presas nos muros de pedra da depressão e da condenação.

Este capítulo, porém, anuncia em grandes letras: *Há esperança!*

MUROS QUE CAEM EM QUALQUER DIA

Os muros podem ruir em qualquer dia. Mas não podemos prever quando os seus serão derrubados.

Em um colégio cristão, havia uma árvore muito grande e linda, que constituía parte importante da paisagem. Os alunos costumavam encontrar-se e conversar debaixo dela. Durante décadas esse carvalho gigante emprestou beleza ao campus e sombra aos milhares de estudantes. Certo dia, entretanto, um ruído alto ecoou pelo campus quando esse monumento frondoso, parte de tantas lembranças, caiu pesadamente ao solo.

Ao examiná-lo, os peritos concluíram que o mal vinha crescendo no interior da enorme árvore, chegando ao ponto em que tudo o que restava era o tronco externo; por dentro, ela se achava completamente vazia. Quando o vento forte soprou naquele dia, a árvore, oca, caiu. O mesmo ocorre com as nossas vidas.

Lembra-se daquele homem que mencionei antes, que me perturbou tanto há alguns anos? Este homem passou por uma mudança. Ele transferiu-se para uma cidade muito menor. Ele e a família queriam encontrar uma igreja; na verdade, ele queria *fundar* uma igreja. Havia, porém, um problema: o homem não conseguiu ninguém para pregar e tomou a decisão de começar usando algumas fitas. Adivinhe quais as fitas que ele decidiu usar? *As minhas!* Nem que vivesse mil anos, eu nunca imaginaria que isso pudesse acontecer. Mas a mão poderosa de Deus o transformou.

Segundo me contaram, o Senhor abrandou por meio de vários golpes penosos aquele indivíduo que fora tão duro e obstinado. Finalmente, levado a uma condição de necessidade e dependência, ele se voltou exatamente para aquilo que antes rejeitara.

Deus está no negócio de derrubar muros. O muro pode ser *a sua vontade obstinada*. Você pode ser um daqueles indivíduos que decidiu: “É assim que vou agir e chegarei aonde quero, não importa como. Ninguém pode barrar meu caminho”.

Quando eu estudava no seminário, no outono de 1959, ouvi um orador concluir a sua mensagem com uma declaração que nunca mais esqueci. Ele disse: “Quando Deus quer realizar uma tarefa impossível, escolhe uma pessoa impossível e a quebranta”.

A.W. Tozer diz quase a mesma coisa em uma de suas obras: “É duvidoso que Deus possa abençoar muito um homem antes de tê-lo ferido profundamente”.⁵⁰ Citei isso e recebi cartas de pessoas que disseram: “Você faz Deus parecer terrivelmente cruel”. Não se trata de crueldade, mas de soberania. A sua vontade obstinada não o intimida. Por mais penoso que seja para você, ele o fará dobrar os joelhos.

Alguns de vocês são filhos de Deus. Mas, pela maneira como vivem, poucos percebem isso, por serem tão rebeldes! Vocês *não* cedem! Eu lhes digo, porém, vocês não são páreo para Deus. Ele vai quebrantá-los. Vai dobrá-los. Pode até ter de esmagá-los, porque ele quer o seu coração.

O muro pode ser *um documento comprometedor*. Tais muros caem todos os dias. É surpreendente como a verdade surge. O que parecia tão permanente não resiste à luz da verdade. O problema é que a pessoa que fica na expectativa sofre demais enquanto espera.

Tenha esperança. Anime-se. Isso vai passar. A verdade aflorará.

Todos os dias, os muros da *depressão e da tristeza* são penetrados pela presença magnífica do Deus vivo.

Ao anoitecer pode vir o choro, mas a alegria vem pela manhã.

Salmos 30.5

Os que sofrem ganham uma perspectiva que falta aos que ainda não foram feridos. Volto muitas vezes às palavras de Davi:

Antes de ser afligido andava errado, mas agora guardo a tua palavra.

Foi-me bom ter eu passado pela aflição, para que aprendesse os teus decretos.

Bem sei, ó Senhor, que os teus juízos são justos, e que com fidelidade me afligiste.

Salmos 119.67,71,75

“Como consigo que isto funcione?”, você pergunta. “Como posso fazer isto acontecer? Eu quero isto.”

Vou responder especificamente. O que você precisa é tanto a presença do Salvador como a perspectiva da cruz viva e atuante em sua vida. A cruz lança a sua sombra sobre a vida inteira e a torna suportável. Você precisa do Senhor Deus vivendo em seu coração, controlando soberanamente. Precisa dele para dar-lhe perspectiva e perseverança, caso contrário

irá ficar ansioso, e o seu inimigo terá vencido. Uma vontade rebelde perturbará a sua paz. Um documento comprometedor irá destruí-lo. A sombra que surge irá deprimi-lo.

Se você for como muitos, procurará alívio na bebida ou em alguma droga para sobreviver. Irá optar por encher o vazão da solidão com um estilo de vida que mais tarde lamentará. Como é melhor entregar tudo a ele, que tem o poder de que você precisa, e confiar nele para mudar uma vontade à qual você não pode fugir — inclusive a sua!

A história de Ester pode ser antiga, mas continua viva. Como o Senhor entra em cena belissimamente e endireita as coisas, no exato momento em que era mais necessário. Ele nunca se atrasa, mas às vezes parece demorar mais do que gostaríamos.

Você pode imaginar o alívio de Ester, depois do novo decreto do marido? Enquanto reflete sobre isso, você tem uma noção da alegria e do júbilo que tomou toda a cidade de Susã? De fato, “em toda província, e em toda cidade” — uma vez que as notícias começaram a se espalhar?

Estamos falando de uma festa enorme, uma celebração nas ruas para todos os judeus: cantos e música, danças e risos, e alegria de muro a muro! (É o tipo de lugar de que eu gosto!) Quando aqueles velhos muros de rebeldia, medo e tristeza são derrubados, o que há de melhor para fazer do que celebrar? Eles “põem tudo para fora”, é o que diríamos.

Isso pode ser contagioso! O último verso deste capítulo conclui com uma declaração curiosa: “e muitos, dos povos da terra, se fizeram judeus...” A alegria dos seus corações, seus rostos radiosos, o prazer em suas danças, a diversão geral, irrestrita entre eles atraiu outros para o seu Senhor. Isso sempre acontecerá. As pessoas não podem resistir à alegria audaciosa do povo de Deus!

Meu mentor e mais tarde meu colega no ministério durante tantos anos, o falecido Ray Stedman, expressa isto muito melhor do que eu:

Quando, por causa da sua fé, a sua vida muda perceptivelmente; quando as suas reações são bastante opostas ao que a situação parece exigir e as suas atividades não podem mais ser explicadas em termos da sua personalidade; será então que os vizinhos vão ficar alertas e notar. Aos olhos do mundo, não é a nossa relação com Jesus que conta; é a nossa semelhança com ele! Em meio a circunstâncias que indicam derrota certa, não há testemunho mais poderoso do que a alegria produzida pela fé.⁵¹

A cena então havia mudado em todos os seus aspectos quando Ester voltou ao quarto do palácio naquela noite. Ela fizera o que tinha de ser feito. Ignorara o protocolo e interrompera o rei. Esperara até a hora oportuna para falar. Enfrentara corajosamente a perversidade e expusera o plano cruel de Hamã. Depois suplicou pelo seu povo, a quem Deus preservou mediante o novo decreto do rei.

Ester fez o que era reto e ao deitar-se exausta, naquela noite, podia ouvir a música e o riso dos judeus nas ruas de Susã. Agradeceu ao seu Deus por ter feito ruir todos aqueles muros que ninguém senão ele poderia ter derrubado, por abrir portas que ninguém senão ele poderia ter aberto, por preservar vidas que ninguém senão Ele poderia ter preservado. Como a alegria daqueles judeus demonstrava segurança!

A noite se encherá de música,
E os cuidados que perturbaram o dia,
Irão desarmar suas tendas como os árabes,
E furtivamente como eles desaparecerão.

Henry Wadsworth Longfellow

Ester ouviu a celebração do povo com o coração agradecido e alegre em seu íntimo; deixando finalmente para trás todos os cuidados do dia, ela sorriu na escuridão e adormeceu.

CAPÍTULO DEZ

As limitações da vingança

Vamos iniciar este capítulo com várias perguntas:

- Você já perdeu a paciência?
- Já esteve tão ocupado que as suas orações ficaram espremidas entre as suas prioridades?
- Já se preocupou tanto a ponto de sentir-se doente?
- Já comeu em excesso, chegando a engordar?
- Pensamentos de inveja, ira, concupiscência, materialismo e cobiça já povoaram a sua mente, embora tenha dito ao Senhor: "Esta é a última vez que virei à sua presença com este problema"?
- Houve ocasiões em que falou demais e teve de voltar e endireitar as coisas, pedindo até desculpas, só para repetir a mesma atitude logo em seguida?
- Já ultrapassou o limite de velocidade?

A TENTAÇÃO DE IR LONGE DEMAIS

Todas essas coisas pertencem à categoria de ceder à tentação de ir longe demais. Todas essas perguntas só podem ser

respondidas afirmativamente. SIM! Todos nós já ficamos zangados e perdemos a cabeça, só para arrepende-nos mais tarde. Cada um de nós permitiu que seus compromissos diários crescessem tanto que, fazendo um retrospecto da semana, devemos admitir para nós mesmos, se formos honestos, que não paramos para orar uma vez sequer.

Cada um de nós já comeu em excesso, mesmo depois de ter jurado que não faria isso. (Se bebêssemos como comemos, todos seríamos alcoólatras.) Quem já não lutou vez após vez a velha batalha contra a concupiscência, a ganância, o materialismo, a ira, ou a inveja? Todos já falamos mais do que devíamos, e o fizemos com bastante freqüência. Embora nos desculpemos, tornamos a fazê-lo.

Eu poderia continuar por muito tempo nessa linha. Alguns vão longe demais em sua ânsia de ter boa aparência — muito longe mesmo, muito freqüentemente, chegando até a extremos. Outros vão longe demais nos gastos — não se controlam, fazem dívidas. Outros ainda vão longe demais no perfeccionismo, longe demais no trabalho — chegamos até a cunhar a expressão *workaholic** por causa disso. A lista de pecados conhecidos é virtualmente infindável.

Esta síndrome é descrita com perfeição num versículo das Escrituras, Romanos 7.19.

Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço.

A Bíblia Viva tem a seguinte leitura:

Quando quero fazer o bem, não faço; e quando procuro não errar, mesmo assim eu erro.

* Jogo de palavras que significa "viciado em trabalho". (N. do E.)

Phillips apresenta a paráfrase:

Não pratico o bem que me propus, e o mal que na verdade não quero fazer, estou sempre a praticá-lo.

Cada um de nós deveria responder a Paulo: “Amém, esse sou eu. Esse é o meu lugar. Vivo nele”. Somos pessoas descontroladas, vivendo numa sociedade descontrolada.

Lembro-me de ter lido o livro *The Hundred Yard Lie* (A Mentira de Cem Jardas), que conta a história da corrupção dos times de futebol e o que podemos fazer para detê-la, escrito por Rick Telander. Rick jogava futebol na Northwestern University, conseguiu destaque em sua carreira e foi mais tarde articulista de esportes para a revista *Sports' Illustrated*. Antes de ter lido um pouco mais de dezessete páginas do livro encontrei este comentário franco:

Eu tinha material espalhado em todo o meu escritório de Chicago, pilhas de informação, livros, recortes, citações, rabiscos, anotações, estatísticas, brochuras, estudos, tabelas, cartas e notas que vinha colecionando há anos, poemas, fotos, provérbios, manchetes e até meu capacete da faculdade com seus protetores de couro para o rosto, assim como duas bolas de futebol, que às vezes apenas apertava nas mãos, para saber como me sentia. O futebol universitário de primeira linha está fora do controle, podre desde a base.⁵²

Até mesmo um jogo, um esporte, destinado a causar alegria, entusiasmo e competição saudável numa universidade está fora de controle, corrompido, podre, na opinião desse homem.

É como se o nosso corpo não cooperasse com o nosso cérebro. Nossa mente faz grandes promessas que o corpo não pode cumprir, como na história do pianista que gritou para o solista: “Estou tocando nas teclas brancas e nas pretas, por

que você tem de cantar nos intervalos?” Minha mente diz: “Toco nas teclas brancas e nas pretas”. Meu corpo responde: “Toco nos intervalos; é ali que vivo”. O problema, claro e simples, é a perda do controle.

A CHAVE PARA CONTROLAR-SE

Há uma resposta para este dilema diário, uma solução fácil de identificar. Há um segredo para controlar-se. Ele é também encontrado nas Escrituras, numa maravilhosa lista em Gálatas 5. Trata-se de um projeto de vida incluído em duas únicas palavras no final da lista do fruto do Espírito.

Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio. Contra estas cousas não há lei.

Gálatas 5.22-23

“Domínio próprio”... essa é a chave... essa é a resposta. Richard Walters descreveu o autocontrole assim:

Manter o autocontrole é administrar nossas atitudes, sentimentos e ações, de modo a servirem durante longo termo aos nossos melhores interesses e aos de outros. As pessoas que aprendem disciplina e traquejo social possuem autocontrole. O domínio próprio é maior naqueles que aceitam a graça de Deus em suas vidas e buscam conhecer e aplicar a verdade divina de maneira disciplinada.⁵³

O melhor sinônimo para o autocontrole é “disciplina”. Que palavra interessante: autocontrole. Nós a usamos com frequência, mas raramente a analisamos, mesmo ao encontrá-la na Bíblia. Autocontrole significa “força interior”.

Esta palavra (autocontrole) é composta por... dois termos gregos que significam literalmente força ou força e poder interio-

res. Ela se refere a alguém que possui poder e domínio sobre os seus desejos, especialmente sobre os apetites sensuais.⁵⁴

O fruto do Espírito é domínio próprio. Ele nos livra da escravidão, impede os maus hábitos, nos reprime e detém. Quando se trata de retaliação, o autocontrole nos restringe. Sem ele ficamos prontos para dar o troco.

A história de Ester é apropriada para uma discussão sobre a vingança. O dicionário define retaliação como "represália, vingança, desforra". Ou, como é comum ouvir, "ficar quites, dar o troco a alguém".

Eu só tinha onze anos quando a Segunda Guerra Mundial findou; mas, lembro-me de ter aprendido uma lição de vida sobre o caráter com um de meus heróis, o General Douglas MacArthur. No final da guerra, depois de assinada a rendição, ele pediu que o presidente Truman lhe permitisse ficar no Japão, para ajudar a devolver a dignidade ao povo japonês enquanto o auxiliava a colocar seu país novamente de pé depois das nossas bombas atômicas terem destruído as cidades de Hiroshima e Nagasaki.

Algo no coração de Douglas MacArthur o levou a voltar àquele lugar devastado e ajudar os que tinham sido nossos inimigos. Embora muitos (a maioria?) nos Estados Unidos alimentassem pensamentos de vingança, MacArthur teve outra atitude. "Eles precisam de um governo que funcione", sugeriu ele. "Precisam de dignidade, de esperança, de novas forças para continuar e reconstruir".

Isso é o oposto de retaliação. Quem não tivesse esse espírito diria: "Afunde a cabeça deles no barro! Impeça que voltem a ser uma nação para sempre. Precisam pagar caro pelo que nos fizeram em Pearl Harbor. Deixe que sofram... eles merecem!"

Este mesmo espírito foi também ilustrado na vida de Corrie ten Boom, que perdeu sua amada irmã Betsie num campo de concentração nazista. Ela jamais poderia esquecer o rosto

daquele guarda brutal que tornou insuportável a vida dela e de sua família.

Anos mais tarde, ao levantar-se para falar do amor e da graça de Cristo, Corrie viu aquele rosto na audiência. Ela descreve então a enormidade dos sentimentos que inundaram seu coração e as idéias que lhe passaram pela mente. Enquanto falava, viu-se lutando com a ira! Ao terminar, porém, conseguiu dominar sua tendência humana para desferrar-se e falou ao guarda do perdão e do Senhor Jesus Cristo.

José é outro que modelou o espírito certo no que diz respeito à vingança. Seus irmãos o odiavam e o venderam como escravo. Desgraçaram sua vida. Não se importavam se ele morresse, e esperavam realmente isso. No entanto, ele acabou como primeiro ministro da nação que tinha provisões quando a fome abateu-se sobre toda a terra.

Quando seus irmãos chegaram buscando ajuda e alimento, não reconheceram o primeiro ministro como sendo o seu irmão. E ao terem conhecimento da sua identidade, ficaram certos de que seriam mortos. José, porém, lhes disse: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem, para fazer, como vedes agora, que se conserve muita gente em vida" (Gn 50.20).

José não só lhes deu alimentos, como convidou seu pái, irmãos e respectivas famílias para irem viver na terra do Egito. Permitiu, de fato, que escolhessem a terra de Gósen, que ocuparam por mais de 400 anos. Nada de retaliação neste caso, apenas autocontrole disciplinado.

LIBERTAÇÃO DOS JUDEUS NA PÉRSIA

Levei um pouco mais de tempo montando o cenário para a próxima cena da história de Ester. Quando se trata do assunto represália, a história de Ester surge naturalmente em nossa memória.

Os judeus da Pérsia estavam vivendo sob a espada de Dâmocles há meses. A morte se aproximava a cada pôr-do-

sol. À medida que as semanas e meses se desenrolavam, não há dúvida que eles começaram a perceber os risinhos e a ouvir os comentários sarcásticos, sentindo a crescente discriminação anti-semita originada em Hamã. Aqueles gentios antegozavam o prazer de aniquilar os judeus. Era uma conspiração de extermínio do pior tipo, escrita na lei irrevogável dos medos e persas.

Dia após dia, eles viveram sob essa ameaça, refletindo sobre esse horror! Será que as famílias falavam a respeito? Sobre como iriam enfrentar esse acontecimento e as prováveis maneiras de fugir dele? Como salvar seus filhos? Você sabe que sim, pois não faria o mesmo? Com toda certeza clamaram a Deus para salvá-los. Os mais piedosos pediram que o Senhor estivesse com eles ao encararem destino tão cruel. Nesta conjuntura, como deve estar lembrado, é que Ester interferiu e intercedeu pelo seu povo.

De repente, certo dia, as coisas mudaram. O poder passou para outras mãos. Hamã, o primeiro-ministro anti-semita foi empalado em sua própria força e Mordecai ocupou a sua posição. Um decreto especial foi então preparado, o qual examinamos no capítulo anterior.

...o rei concedia aos judeus de cada cidade que se reunissem e se dispusessem para defender a sua vida, para destruir, matar e aniquilar de vez toda e qualquer força armada do povo da província que viesse contra eles, crianças e mulheres, e que se saqueassem os seus bens.

Ester 8.11

Isso é como dar aos prisioneiros de um campo de concentração os direitos devidos há tempos. É cortar as cercas de arame farpado. É alimentá-los, e não aos guardas. É um decreto ilimitado, sem barreiras.

Toda os povos haviam sido lançados contra eles antes desse decreto; mas agora estão livres para retaliar, “para aniqui-

lar todo o exército de qualquer povo ou província, inclusive crianças e mulheres, e saquear os seus bens". Que oportunidade para vingar-se! Aniquilá-los! Destruí-los!

A carta, que determinava a proclamação do edito em todas as províncias, foi enviada a todos os povos, para que os judeus se preparassem para aquele dia, para se vingarem dos seus inimigos.

Ester 8.13

Não perca a luz verde piscando—eles deviam “preparar-se para se vingar!”

Tivemos permissão para ver o interior das acomodações do rei, onde Ester e o marido, o rei, e Hamã se encontraram. Mas o público em geral não viu nada disso. Tudo o que sabiam era que o coração do rei havia mudado. Perceberam também que o poder no palácio estava em outras mãos. Eles observaram a transformação pessoal. E, em meio a tudo isso, o novo decreto foi expedido.

Este era o seu momento! Alguém disse que o ser humano mais perigoso é um prisioneiro que se apossa de uma arma. “Esta é a minha oportunidade!” Vimos e lemos relatos desse tipo de retaliação e da brutalidade que explode no coração humano quando a sede de vingança passa a controlá-lo.

As palavras “vingar” e “vingança” provêm do latim *vindicare*, que tem a mesma raiz que “vindicar”. Não é curioso? As palavras “vingança”, que significa paixão fora do controle, baseada no ódio, e “vindicar”, que é o que Deus afirma fazer quando defende o seu povo, têm a mesma raiz—*vindicare*. Elas transmitem mensagens opostas. A fim de haver restrição da vingança, deve ser aplicado o autocontrole.

Creio que é exatamente isto que lemos no capítulo nove de Ester. Tenho ouvido ou lido freqüentemente o termo “banho de sangue” aplicado à última parte dessa história. Ele soa como a depravação humana fora de controle, o furor en-

louquecido da vingança. Milhares de pessoas mortas. É quase como se os judeus as atirassem de suas janelas com prazer! Joyce Baldwin oferece uma visão útil neste ponto:

Embora no livro de Ester a mesa tivesse virado contra aqueles que queriam matar os judeus, estes tinham como base toda o condicionamento teológico provido pelas suas escrituras, e seu entendimento da permissão para se vingarem teria sido ajustado de acordo.

Em vez de ter de suportar a matança sem quaisquer possibilidades de autodefesa, a nova legislação permitiu que lutassem durante um dia contra aqueles que os atacassem, matando-os.

O fato de esta mudança surpreendente das circunstâncias ter ocorrido inspirava temor. Ela apontava para uma ordem providencial quanto aos judeus, que não podia ser encarada com leviandade. Era certamente algo maravilhoso e causa de júbilo, mas a arrogância e a presunção foram rejeitadas, juntamente com toda superioridade provocante e auto-afirmativa, que, por sua vez, seria alvo da condenação e castigo de Deus.⁵⁵

Em outras palavras, os judeus tinham permissão para defender-se, reprimir o mal... entretanto, ao agirem desse modo, deviam aplicar o máximo autocontrole.

Embutida no coração daqueles judeus da antigüidade havia uma restrição há muito existente, derivada dos ensinamentos da Torá, das santas Escrituras, que os limitava. Quero mostrar-lhe isso.

No dia treze do duodécimo mês, que é o mês de adar, quando chegou a palavra do rei e a sua ordem para se executar, no dia em que os inimigos dos judeus contavam assenhorear-se deles, sucedeu o contrário, pois os judeus é que se assenhorearam dos que os odiavam.

O escritor se refere duas vezes a “assenhorear-se” um do outro, enfatizando uma mudança de quem mantinha o controle. Para começar, depois do decreto de Hamã, os gentios haviam “se assenhoreado” (dominado) dos judeus e esperavam o dia do ataque! As coisas então mudaram e, com a publicação do edito de Mordecai, os judeus “se assenhorearam” daqueles que queriam destruí-los.

Haveria com toda certeza a tentação de expressar seu “domínio” irrestritamente: “Vamos aproveitar esta oportunidade. Vamos ficar quites. Dar o troco”.

Eles fizeram isso? É certo que se defenderam e, desse modo, infligiram justo castigo. Mas não podemos dizer que estavam fora de controle. Vou mostrar o porquê:

Porque os judeus nas suas cidades, em todas as províncias do rei Assuero, se ajuntaram para dar cabo daqueles que lhes procuravam o mal; e ninguém podia resistir-lhes, porque o terror que inspiravam caiu sobre todos aqueles povos.

Ester 9.2

Lembra-se da Segunda Guerra Mundial e dos campos de morte? Não pense nem por um momento que ao serem cortadas as cercas de arame farpado, quando as tropas aliadas invadiram e os prisioneiros foram libertados, que o terror não caiu sobre os guardas — e com justa razão. A cena encontrada aqui é semelhante.

Todos os príncipes das províncias, e os sátrapas, e os governadores e os oficiais do rei, auxiliavam os judeus, porque tinha caído sobre eles o temor de Mordecai, porque Mordecai era grande na casa do rei, e a sua fama crescia por todas as províncias; pois ele se ia tornando mais e mais poderoso. Feriram, pois, os judeus a todos os seus inimigos, a golpes de espada, com matança e destruição; e fizeram dos seus inimigos o que

bem quiseram. Na cidadela de Susã os judeus mataram e destruíram quinhentos homens...

Ester 9:3-6

A seguir o contexto nomeia vários dos que foram mortos, citando-os especificamente porque eram

os dez filhos de Hamã, filho de Hamedata, o inimigo dos judeus, porém no despojo não tocaram.

Ester 9.10

Leia atentamente a última frase: *“porém no despojo não tocaram”*. Eles tinham autorização para tomar os despojos dos que aniquilassem — aqueles que os teriam aniquilado. Mas não fizeram isso. Eles se defenderam e só. Mais importante, o edito lhes dera permissão para matar mulheres e crianças; eles, entretanto, não chegaram a esse extremo. Pelo menos não há nada registrado para indicar tal coisa.

No mesmo dia foi comunicado ao rei o número dos mortos na cidadela de Susã. Disse o rei à rainha Ester: Na cidadela de Susã mataram e destruíram os judeus quinhentos homens, e os dez filhos de Hamã; nas mais províncias do rei que terão eles feito? Qual é, pois, a tua petição? E se te dará. Ou que é que desejas ainda? E se cumprirá.

Ester 9.11-12

O rei pareceu atônito com a idéia de os judeus terem matado quinhentos homens só em Susã. Se for esse o caso, reflete ele, quantos terão sido mortos em todo o restante das províncias? Nesse ponto, você poderia esperar que o rei dissesse: “Basta! Não toquem em mais ninguém!” Ele, no entanto, confia em Ester.

Penso que vale a pena notar como este homem confia na esposa e respeita o seu conselho. Ele continua sendo o rei, mas é óbvio que as opiniões dela têm muito valor a seus olhos. A

força interior de Ester se revelou maravilhosamente nas horas anteriores—a maneira como lidou com o plano perverso de Hamã, como expressou compaixão pelo seu povo, a sabedoria mostrada em discernir a hora de silenciar e de falar.

Assuero sabia que tinha uma mulher idônea, de caráter reto. Quando isso acontece: “O coração do seu marido confia nela” (Pv 31.11). Ele pergunta então se pode fazer mais alguma coisa para favorecê-la. Que pergunta! Ester revela novamente força em sua resposta. Não pense, nem por um momento, que ela era fraca. Esta mulher tem fibra!

Então disse Ester: Se bem parecer ao rei, conceda-se aos judeus que se acham em Susã que também façam amanhã segundo o edito de hoje, e dependurem em forca os dez filhos de Hamã. Então disse o rei que assim se fizesse; publicou-se o edito em Susã, e dependuraram os dez filhos de Hamã.

Ester 9.13-14

A rainha pediu mais um dia para que os judeus pudessem defender-se. Ela solicitou também que os dez filhos de Hamã, que já morrera, fossem enforcados na mesma forca do pai. Qual a necessidade disto se já estavam mortos? Era um meio de anunciar publicamente: “O que esses homens e seu pai simbolizaram, jamais será permitido novamente!” Há uma mensagem de medo necessária e eloqüentemente comunicada na pena capital.

Reuniram-se os judeus que se achavam em Susã também no dia catorze do mês de adar, e mataram em Susã a trezentos homens; porém no despojo não tocaram.

Ester 9.15

Mais uma vez os judeus se defenderam, mas não o fizeram sem usar de autocontrole. Eles se restringiram deliberadamente do saque dos bens pertencentes aos mortos—outra

confirmação de que não mataram mulheres e crianças, mas, em vez disso, deixaram as propriedades para elas.

Também os demais judeus que se achavam nas províncias do rei se reuniram e se dispuseram para defender a vida, e tiveram sossego dos seus inimigos; e mataram a setenta e cinco mil dos que os odiavam; porém no despojo não tocaram.

Ester 9.16

Os judeus tinham permissão para revidar sem reservas, em retaliação. Fica entretanto claro que aplicaram o auto-controle. Os judeus certamente se defenderam dos inimigos, aqueles que tentaram exterminar a sua raça; mas resistiram à tentação de cometer atos extremos. Eles haviam sido autorizados a tirar proveito material da derrota dos inimigos, negando-se porém a isso. Reflita comigo: Os judeus não só dominaram os inimigos, como também dominaram a si mesmos.

Antes de prosseguir, quero explicar como a síndrome da represália funciona. Faça duas colunas numa folha de papel. Ponha como título da coluna da esquerda "O Ofensor" e, da direita, "O Ofendido". O da esquerda é o iniciador da ofensa e o da direita, o recipiente. Preencha cada coluna como segue.

O OFENSOR	O OFENDIDO
Início da reprovação	Percepção da reprovação
A reprovação se intensifica e se transforma em ódio	Incapacidade de mudar o modo de pensar do indivíduo irado
O ódio começa a transparecer	Início dos maus-tratos
O castigo extremo se torna um estilo de vida	A incapacidade para defender-se leva a um senso de desamparo, as idéias de retaliação se intensificam

E então, certo dia

A SITUAÇÃO SE INVERTE	A SITUAÇÃO SE INVERTE
Medo da vingança do ofendido	Oportunidade fornecida para tirar desforra
Expectativa de vingança	Manifestação de ira incontrolável
Experimentado o pleno impacto dos atos de ódio ou violência total	Represália com vingança

Gaste um tempo para comparar as listas. Note a erosão dos dois lados.

Primeiro: *o ofensor*. O que começa como leve reprovação se transforma em ódio, levando a um estilo de vida que oferece castigo extremo à pessoa que se torna alvo dessa ira e ódio. Esse castigo pode tomar a forma de palavras desagradáveis expressas verbalmente, ou cartas pesadas. Pode também levar à ruína do caráter, tornando-se até ameaçador ou culminando em violência física. Vemos, certamente, suficiente evidência disto em nossa sociedade.

Certo dia, então, talvez por um breve período de tempo, a situação se inverte. A primeira coisa que se manifesta quando isso acontece é o medo da vingança do ofendido. Este sentimento aumenta até chegar a uma expectativa de vingança. Por último, se a síndrome da retaliação seguir o seu curso natural e nada a detiver, o ofensor original é atingido por uma manifestação de atos de ódio ou até violência. A pessoa que foi atacada responde à altura. Ela obtém a sua "vingança", que é outra palavra para "retaliação".

Segundo: *o ofendido*. No início, essa pessoa toma consciência da reprovação. O ofendido não tem possibilidade de mudar a maneira de pensar da pessoa irada e começa a sofrer maus-tratos. Incapaz de defender-se, o ofendido sente-se de-

samparado. Neste ponto, os pensamentos de represália se iniciam e intensificam, sendo esta a reação mais natural a ser esperada. Em vista do ofendido não poder mudar a situação, porque não pode defender-se, ele começa a pensar: *Como posso dar o troco a essa pessoa?*

Certo dia então as coisas se invertem. O gato enorme se transforma em rato. O prisioneiro se apossa da arma. A vítima passa a exercer o controle. Isto fornece oportunidade para ficar quites. E, se nada o impedir, cuidado! O ofendido se vinga com toda a fúria do ofensor.

O aumento da intensidade de ambos os lados foi exatamente o que sucedeu entre o povo da Pérsia e os judeus que ali habitavam. Um lado experimentou a escalada do ódio, e o anti-semitismo ganhou terreno. O outro lado sentiu-se cada vez mais desamparado e indefeso. Certo dia, entretanto, a situação se inverteu. Os freios foram, porém, aplicados antes que o fogo da vingança ficasse fora de controle. A síndrome normal da represália não ocorreu.

Como a síndrome da represália é detida? Estamos de volta ao lugar que começamos no início deste capítulo. Só uma coisa tem poder para tanto: o autocontrole sob o Espírito de Deus. É o mesmo tipo de autocontrole que precisamos para enfrentar a concupiscência e a ira; os vícios e os hábitos, as drogas, o álcool, a gula. Sem autocontrole, cedemos a toda e qualquer tentação e nos excedemos.

A LIBERDADE DO CRISTÃO HOJE

O que precisamos fazer é olhar através das lentes da Escritura para a atitude de Deus quanto à retaliação, como visto em Romanos 12. Em um certo sentido, o cristão pode tornar-se uma criatura perigosa. Se um crente imaturo, um adolescente realmente se apossar da graça de Deus e ela se deteriorar, cuidado! Devemos ter autocontrole ou podemos facilmente levar o corpo de Cristo ao caos. Veja o que Paulo escreveu aos Gálatas:

Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor.

Gálatas 5.13

Assim sendo, os crentes devem lembrar-se de três coisas baseados em Romanos 12:

Primeiro: *Devemos ser diferentes do mundo.*

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis os vossos corpos por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Romanos 12.1-2

Não vos conformeis com o mundo. Não siga as tendências mundanas. Quando se trata de ofensas, por exemplo, o mundo irá desferrar-se. O mundo irá ferir.

Aprendi isso há muitos anos. Na época eu dirigia um Fusquinha. Havia duas crianças pequenas comigo e estava tentando sair do carro num estacionamento lotado. Tinha uma das crianças no colo e tentava tirar a outra do carro quando a minha porta bateu acidentalmente na do veículo ao meu lado. Não estraguei a pintura, mas fiz um "risquinho!" no outro carro. Olhei em volta, pronto a desculpar-me, mas não havia ninguém. Fechei então o carro, peguei meus filhos e fui para a loja de descontos.

Na porta encontrei o dono do veículo, que estava saindo e vira o que acontecera. Pelo seu ataque verbal até parecia que eu destruía o seu automóvel. Tentei proferir um pedido de desculpas, mas ele aparentemente não se achava com disposição para ouvir. Finalmente, depois de esbravejar contra mim, partiu irado na direção do estacionamento.

Fiquei do lado de dentro da loja, observando, certo de que chegara a minha vez. E, não deu outra; quando se aproximou

do carro, ele abriu a porta e, com as duas mãos, bateu com força, deixando três grandes marcas no meu pequeno Volkswagen. Por quê? A resposta não é complicada. Porque o mundo se vinga.

O mundo não perdoa. Ele não diz: "Compreendo. Já fiz isso meia dúzia de vezes. Sei que lamenta o que aconteceu e eu o desculpo. Não faz mal". Em vez disso, o mundo revida na mesma moeda—e preferivelmente em maior medida.

Os cristãos não devem agir assim. Temos ordem de ser diferentes. Não devemos estabelecer nossos padrões segundo o mundo. Não devemos conformar-nos.

Segundo: *Somos membros da mesma família.*

Porque, pela graça que me foi dada, digo a cada um dentre vós que não pense de si mesmo além do que convém, antes, pense com moderação segundo a medida da fé que Deus repartiu a cada um. Porque, assim como num só corpo temos muitos membros, mas nem todos os membros têm a mesma função, assim também nós, conquanto muitos, somos um só corpo em Cristo e membros uns dos outros.

Romanos 12.3-5

Lembre-se: não é você que está no controle. Esta não é uma família como qualquer outra. É a família de Deus... e você é apenas um membro dessa família.

Não tente então controlar todo mundo. Você não pode lidar com esse tipo de autoridade. Vai descontrolar-se. Entregue a Deus suas represálias pessoais, seus sentimentos de retaliação e de vingança. Peça a Ele para capacitá-lo a ter domínio próprio.

Terceiro: *O Senhor é o seu defensor.*

(Leia vagarosamente as palavras que se seguem — de preferência, em voz alta.)

Não torneis a ninguém mal por mal; esforçai-vos por fazer o bem perante todos os homens; se possível, quanto depender de

vós, tende paz com todos os homens; não vos vingueis a vós mesmos, amados, mas dai lugar à ira; porque está escrito: A mim me pertence a vingança: eu retribuirei, diz o Senhor.

Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; porque, fazendo isto, amontoarás brasas vivas sobre a sua cabeça. Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.

Romanos 12:17-21

Quanta ponderação encontramos nesses versículos. Não leve a cabo a sua própria vingança. Deponha as armas. Tire do seu revólver todos os projéteis letais. Coloque sua faca vingadora de volta na bainha. Deixe que Deus seja o seu defensor.

UMA PALAVRA PESSOAL A ALGUMAS DAS MODERNAS ESTER

Sinto-me, de algum modo, levado a escrever estas linhas finais a algumas Ester de hoje. No seu caso, porém, você não teve de seu marido o respeito e a confiança que o dela lhe demonstrou. Você merece isso, mas não recebeu.

Ao escrever um livro sobre um personagem tão impressionante quanto Ester, onde tudo se transforma em rosas para ela, é fácil para um autor como eu enfocar e fixar-se numa história assim. Vamos enfrentar, no entanto, a verdade, a vida de Ester é quase perfeita demais para parecer real. Mas é verídica, e acredito que aconteceu exatamente como descrita nas Escrituras.

Em minha experiência, entretanto, tenho visto muitas mulheres — até aquelas de excelente caráter e que amam a Deus — viverem uma vida longe do ideal e nada invejável.

Se você é uma delas, estas palavras se dirigem exatamente à sua pessoa e eu as escrevo de todo coração.

É claro que não conheço os detalhes do seu passado. O que quer que ele incluía, existem sofrimento e mágoas terríveis. Algumas lembranças que gostaria de apagar. Algumas coisas

ditas feriram você, e coisas que você disse feriram alguém de quem gosta. Por mais que tente, você não consegue fazer com que essas cenas desapareçam—elas são como quadros pendurados na galeria da sua mente; gravadas de modo permanente nas dobras do seu cérebro. Ao revê-las, você suspira... e às vezes chora.

Você é, não obstante, uma Ester. Ama sinceramente o Senhor seu Deus. Crê na sua Palavra, confia no seu Espírito, quer fazer a sua vontade, ora pela sua orientação e se compraz nos seus caminhos. Você não é certamente perfeita, mas os seus motivos são puros e o seu coração receptivo quando se trata de coisas espirituais. Você quer, acima de tudo, honrar o seu Deus e glorificar o seu nome.

Há, porém, ocasiões em que uma ponta de autopiedade toca bem lá no fundo da sua alma e sente que está sendo depreciada e/ou desvalorizada. Você admite que esses pensamentos a decepcionam e ocasionalmente a deprimem. Em capítulos como este, compreende também que existem ainda alguns bolsões de ressentimento; os quais, se não ficar atenta, se inflamam em sua ânsia de retaliar, de pôr em ação a sua ira. Talvez haja até, me aventuro a dizer, sentimentos fortes de amargura.

É neste ponto vulnerável da tentação que o inimigo da sua alma espera nos bastidores, pronto a encorajá-la a prosseguir, a pôr tudo para fora. Ele espera convencê-la com sugestões muito persuasivas, dizendo que você já agüentou o suficiente. Você graciosa e generosamente se conteve e andou a segunda (e a terceira, quarta e quinta...) milha, até que não havia mais como continuar e a sua paciência também acabou. Ele então sussurra: "Por que não revidar?"

Várias opções surgem, graças à criatividade de Lúcifer. Reter o seu amor e afeto. Usar as mesmas armas do adversário para lutar: fogo contra fogo. Escrever uma carta cruel. Ter um "caso". Se não chegar a isso, descer a sua guarda um ou dois pontos em relação à pureza. Pagar o mal com um pouco de mal.

Antes de ceder, querida amiga Ester, páre. Volte às palavras de Romanos 12. Leia-as outra vez. Devagar. Em voz alta. Ao fazer isso, coloque nomes nos lugares em que se encaixem. Personalize a passagem. Torne-a *extremamente* pessoal.

Se me permitir acrescentar mais um pensamento a tudo isto, reflita sobre a passagem com um objetivo em mente. Essa é a única solução que encontrei para a retaliação e a vingança — a única maneira que me fez deixar para trás a culpa e o ressentimento, o único antídoto para os sentimentos secretos e ardentes de raiva por causa do sofrimento do meu passado.

Perdão.

Só depois de ter perdoado completamente meus ofensores, um a um, nome por nome, ofensa por ofensa, foi que “dominei” essas tendências íntimas de revidar ou dar o troco. Estou querendo dizer que você vai descobrir que a mesma coisa se aplica no seu caso.

Pai amado: A tua sabedoria é raramente ouvida em nossa sociedade... e ainda menos obedecida. Tu dizes a verdade e ela corta como faca afiada. Como nesses últimos parágrafos. Ganhaste a atenção desta leitora e não permitirás que ela ignore o que leu. Ajuda-a. Dá-lhe o que é preciso para que não atenda às suas reações insensatas e carnisais. Mostra-lhe como ficarias satisfeito se ela fizesse o que é mais difícil, em vez do que é mais fácil... perdoando em vez de revidar... aproximando-se de Cristo mediante a obediência, em lugar de distanciar-se dele por meio de alguma atitude carnal, descontrolada.

Faze com que ela venha a ser uma moderna Ester, Senhor, para que possa brilhar como uma estrela em meio a esta geração sombria e mal-humorada. Ao agir assim, remove esses quadros da galeria da sua memória, que exaurem a sua energia e roubam a sua paz.

Peço isto em nome daquele que embora insultado, maltratado e sofrendo abusos, recusou-se a retaliar e nos perdoou a todos... Jesus Cristo, nosso Redentor. Amém.

CAPÍTULO ONZE

Depois do sofrimento – comemoração!

Viajamos com Ester através de períodos sombrios e deprimentes. Houve alguns momentos em que esperamos o pior e imaginamos se o decreto do rei para exterminar todos os judeus nas províncias da Pérsia poderia ter sido executado. Que pensamento hediondo! Qual o poder que conseguiria detê-lo?

Quando Hamã fez construir aquela força enorme, na qual planejava pendurar publicamente Mordecai, o primo e pai adotivo de Ester, o futuro parecia completamente negro. Ficamos o tempo todo indagando qual a iniciativa que caberia a Ester. Ela era a rainha, mas rainha alguma (de fato, ninguém!) tinha liberdade para entrar na presença do rei e negociar qualquer decisão que ele tivesse tomado. A conhecida “lei dos medos e persas” não era apenas uma frase proverbial naqueles dias, mas um princípio oficial obedecido à risca em toda a terra.

Tudo parecia perdido... e ninguém sentia isso com mais força que os judeus da Pérsia. Desde que fora marcada uma

data para este holocausto começar, cada raiar do dia só aprofundava a dor em seus corações. Até que...

Ester foi despertada para a ação por Mordecai, seu fiel e piedoso protetor. Ignorando o protocolo estabelecido e recusando sentir-se intimidada pela idéia de ser condenada à morte ao agir assim, ela corajosamente entrou no “salão de guerra” do rei, expressou sua preocupação com o seu povo (e, na mesma ocasião, revelou a ele pela primeira vez que era também judia), expôs a perversidade enganadora do coração de Hamã e, apenas algumas horas depois, suplicou que o decreto fosse alterado de algum modo — ou, pelo menos, houvesse uma possibilidade de defesa contra ele.

Todas essas coisas ocorreram num período relativamente breve de tempo, mas resultaram numa notável mudança, não só na história pitoresca de Ester, como também na história dramática dos judeus.

Os resultados? Tudo se modificou. O rei aceitou as interrupções dela e ouviu compassivamente as suas súplicas. Hamã logo foi pendurado na mesma forca que preparara para Mordecai. E este viu-se promovido à posição deixada por Hamã, primeiro-ministro da Pérsia.

Como estudamos no capítulo anterior, os judeus ficaram livres do temor do extermínio por outro decreto que lhes permitiu defender-se de todos que tentassem fazer-lhes mal. O primeiro verso de Ester 9 diz tudo:

...no dia em que os inimigos dos judeus contavam assenhorear-se deles, sucedeu o contrário, pois os judeus é que se assenhorearam dos que os odiavam.

Maravilhosas notícias! Adeus medo e sofrimento; bem-vindos alívio e prazer! A operação celebração entra em cena.

Se me permitirem dar um salto do passado para o presente, penso ser necessário mencionar algo que notei na família de Deus. A maioria dos cristãos parece lidar melhor com o

sufrimento do que com a alegria. Por alguma estranha razão, parecemos aceitar melhor os dias difíceis do que os fáceis, as coisas tristes do que as alegres. Esperamos o estresse e a ansiedade. A recompensa e o alívio não parecem naturais.

Muitos de nossos críticos nos diriam que é porque passamos grande parte das nossas vidas sob uma culpa auto-imposta. É possível que tenham razão! De alguma forma esperamos ser “castigados” por algo que fizemos de errado ou deixamos de fazer. Choramos com os que choram muito mais facilmente do que nos alegramos com os que se alegram.

Quando tiramos duas semanas de férias, a maioria usa a primeira semana só para ajustar-se, no geral por estarmos tão tensos que não conseguimos relaxar. Leva esse tempo para sentir que nos é permitido descontraír e gozar a recompensa de um ano de trabalho duro e bem feito. É uma pena que a celebração venha tão devagar!

Bem no fundo de nossa mente parece pairar uma mentalidade agourenta. Já notou isso em você mesmo? Se alguém diz: “Quero conversar logo com você sobre uma idéia que tive”, qual a primeira coisa que lhe vem à mente? *Oh, ele quer contar-me algo bom?* De jeito nenhum. Esperamos o pior. É muito mais provável que você se veja dizendo: “Por que não me conta já, assim não preciso mais preocupar-me”. Ou se alguém diz: “Escrevi-lhe uma carta. Vai chegar num dia ou dois”, sua reação imediata é: “Oh, lá vem amolação!” Em vez de uma carta agradável, esperamos confronto e críticas.

Por que somos assim? É como se resistíssemos e fugíssemos do que é positivo, por vivermos num ambiente tão negativo. Quando aprenderemos a operar na esfera da graça? Quando permitiremos a nós mesmos liberdade suficiente para de fato celebrar?

Minha irmã, Luci Swindoll, tem esta opinião a respeito:

O estado mais elevado e desejável da alma é louvar a Deus em celebração pela vida. Sem momentos alegres, nossas vidas se

perdem facilmente no mundo do dinheiro, máquinas, ansiedade ou inércia. Coitadas de nossas almas! Como elas lutam por alimento! Esqueceram-se de celebrar. Esqueceram-se de pedir pequenas doses de ânimo.

Nossas vidas apressadas, estressantes, ocupadas são indiscutivelmente o inimigo mais perigoso da celebração da existência. Devemos aprender de alguma forma a conseguir brechas momentâneas e pedir a Deus maior percepção de que a vida traz felicidade, ela é um festival a ser gozado, em vez de uma rotina a ser suportada. A vida está cheia desses momentos animados, basta que nos exercitemos para percebê-los.⁵⁶

Não acho sinceramente que Deus deseje que nos arrastemos pela vida, percorrendo um longo túnel de tarefas, responsabilidades e prazos a serem cumpridos. Deus nos deu alegria, e não tristeza. Ele mudou nossas lágrimas em sorrisos. Todavia, muitos ainda se acham mais à vontade lamentando e se angustiando do que se alegrando e celebrando.

RECAPITULANDO O PASSADO COM UM SUSPIRO
Qual a razão disso? Sei uma delas. Creio que fazemos isto porque estamos muito mais apegados ao passado do que enfocados no futuro. Por sermos negativos por natureza, por sermos pessoas de más notícias por hábito, tendemos a buscar no passado as coisas que nos fazem suspirar e deixamos que sangrem no presente, a fim de colorir e manchar as nossas emoções, roubando-nos o senso de humor e tornando-nos prematuramente sombrios e grisalhos!

Há vários anos decidi *fazer* algo a respeito e escrevi um livro inteiro sobre isto, dando-lhe o título de *Laugh Again* (Ria Novamente). Que terapia! E que resposta magnífica dos leitores! Meus arquivos incluem uma porção de cartas maravilhosas de pessoas que me agradeceram por lembrá-las que continua sendo certo rir e gozar a vida.

Como foi divertido ler as histórias que escreviam e sorrir durante a leitura! Jamais esquecerei uma delas, contada numa carta escrita por uma mulher que se achava numa perfumaria quando uma senhora chegou apressada e perguntou ansiosa para a vendedora, que já estava atendendo outros dois fregueses: “Você ainda tem o *Grande Amor*, de Elizabeth Taylor?”

Com grande presença de espírito, a vendedora olhou por sobre o ombro e respondeu: “Se tivesse, acha que eu ainda estaria trabalhando aqui?”

Quando olhamos para o passado, a vida deixa de ser divertida. As coisas que nos fazem suspirar são pelo menos quatro: pessoas, eventos, circunstâncias e decisões. Vou comentar rapidamente cada uma delas.

Primeiro: *pessoas do passado*. Estou pensando naquelas a quem prejudicamos de alguma forma e nas que nos prejudicaram. Por causa da tristeza ligada aos relacionamentos errados, infelizes, insatisfatórios, improdutivos, nosso presente fica igualmente prejudicado.

Segundo: *eventos do passado*. Quando olhamos para trás, não lembramos das horas de celebração, das grandes festas de aniversário, dos memoráveis aniversários de casamento, das alegrias de uma noite passada em frente da lareira, dos prazeres da família reunida. Sabe do que lembramos? De coisas como tempestades e enchentes. Podemos até lembrar de quando ocorreram!

É claro que esses fatos são importantes para os que passaram pelo desastre ou para quem perdeu entes queridos. Mas se medirmos constantemente as nossas vidas apenas por esses eventos, passamos a sentir medo do que nos espera, e nossa atitude tende a ser negativa.

Terceiro: *circunstâncias do passado*. Conversas. Situações difíceis. Barreiras relacionais. Conflitos de divórcio. Injustiças raciais. Confrontos com nossos adolescentes. Perda temporária do emprego. Essas coisas servem como âncoras permanentes, reprimindo a nossa alegria.

Quarto: *decisões do passado*. Esta pode ser a pior das quatro. Não há ninguém lendo estas linhas que não tenha tomado decisões erradas, decisões apressadas e caras, decisões insensatas. Quem não tomou decisões covardes, quem nunca foi longe demais, ou não foi suficientemente longe? Todos sofremos hoje por estar presos a alguma decisão do passado — a qual, na verdade, não podemos mudar!

O inimigo das nossas almas gosta de provocar-nos com esses fracassos, erros, decepções, desastres e calamidades do passado. Se permitirmos que ele continue fazendo isso, nossa vida se tornará um túnel comprido e escuro, com bem pouca luz no final.

Deus felizmente nos deu uma solução magnífica que pode mudar a situação. Chamo essas palavras de segredo da celebração da vida.

...esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo...

Filipenses 3.13-14

Você tem uma idéia do que a filosofia de Paulo fará na sua vida? Irá torná-lo um celebrante de coração muito mais leve. Você descobrirá que vai chorar e suspirar menos, e vai começar a rir para a vida, com Deus ao seu lado.

RECEBENDO O PRESENTE COM CELEBRAÇÃO

Até mesmo na história de Ester, o passado, com toda a sua tristeza, não apagou a alegria deles a partir do momento em que as coisas mudaram. A esta altura você já conhece bem a história: como a conspiração ganhou terreno, como o desastre parecia escrito sobre a vida de cada judeu, como a condenação estava prevista tão clara e eloqüentemente... e como Deus modificou os eventos para transformar o mal em bem.

Vamos voltar a um detalhe que não podemos esquecer:

...por isso procurou Hamã destruir todos os judeus, povo de Mordecai, que havia em todo o reino de Assuero.

No primeiro mês, que é o mês de nisã, no ano duodécimo do rei Assuero, se lançou Pur, isto é, sortes, perante Hamã, dia a dia, mês a mês, até ao duodécimo, que é o mês de adar

Ester 3.6-7

Ao tentar decidir quando deveria pôr em prática o seu plano de eliminar os judeus, Hamã confiou no costume antigo de lançar sortes. Uma sorte era chamada *Pur*. Ao serem lançados os dados, saiu uma data: o dia treze de adar. O que me interessa não é apenas a data, mas o nome original da sorte, *Pur*. C.F. Keil afirma que *Pur* "...é uma antiga palavra persa significando sorte".⁵⁷

Em português, formamos geralmente o plural de uma palavra acrescentando "s" ou "es". Em hebraico e sua língua irmã, o aramaico, um termo no singular torna-se plural acrescentando "im". Por exemplo, as formas múltiplas do deus Baal não são Baals, mas *Baalim*. Se fôssemos então pluralizar *Pur*, fazendo a sorte representar sortes, teria de ser *Purim*.

Ao lançar o Purim, Hamã marcou então um certo dia em que iria livrar o reino dos judeus.

Enviaram-se as cartas, por intermédio dos correios, a todas as províncias do rei, para que se destruíssem, matassem e aniquilassem de vez a todos os judeus, moços e velhos, crianças e mulheres, em um só dia, no dia treze do duodécimo mês, que é o mês de adar, e que lhes saqueassem os bens.

Ester 3.13

Sabemos naturalmente que as coisas logo mudaram. O anti-semitismo de Hamã foi exposto ao rei e o coração de Ester ganhou a mente do marido. O rei decidiu então não só matar Hamã, como também neutralizar a sentença de morte contra os judeus, permitindo que se defendessem.

Sucedeu isto no dia treze do mês de adar; no dia catorze descansaram, e o fizeram dia de banquetes e de alegria.

Ester 9.17

Em honra desta notável mudança de acontecimentos, os judeus declararam um dia de celebração chamado apropriadamente de Festa do Purim. Este dia continua sendo celebrado até hoje pelos judeus. O que deveria ser a sua morte tornou-se sua esperança para a vida no futuro, seu motivo de celebração e não de tristeza. Esta é uma das razões por que os nossos feriados, que se baseiam em lembranças memoráveis, são dias de celebração. Nesses casos, a lembrança de alguns eventos passados se torna a base da celebração.

Em seus anos mais avançados, o evangelista Vance Havner escreveu um livreto chamado *It Is Toward Evening* (Já é Quase Noite). Ele conta no livro a história inesquecível de uma cidadezinha no Alabama, onde o principal meio de vida era o plantio de algodão. Certo ano, quando parecia que teriam uma farta colheita, uma praga (o gorgulho do algodão) invadiu as plantações, devastando-as e destruindo a economia da pequena cidade.

Os fazendeiros, porém, são criativos, e aqueles em particular decidiram que não iriam simplesmente ficar sentados e perder tudo. Um deles teve a idéia de plantar amendoins em lugar de algodão. (O gorgulho do algodão não gosta de amendoim.) Um segundo fazendeiro resolveu plantar outro tipo de colheita, e muitos o seguiram. Em breve, grandes colheitas de amendoim e outros produtos começaram a recuperar a economia da cidade.

O interessante é que a cidade veio a ser conhecida mais tarde como *Enterprise* (Empreendimentos). E sabe o que eles fizeram? *Levantaram um monumento para o gorgulho do algodão!*

Havner escreve com grande discernimento:

“Todas as coisas colaboram para o bem” para o cristão, mesmo as nossas experiências com o gorgulho do algodão. Algu-

mas vezes estabelecemos uma rotina tão monótona quanto plantar algodão ano após ano. Deus manda então o gorgulho. Ele nos tira do nosso sulco e temos de encontrar novos meios de subsistência. Reveses financeiros, luto sofrido, enfermidade física, perda de posição — quantos foram impelidos pela adversidade a se tornarem melhores fazendeiros e produzir fruto mais excelente em suas almas! A melhor coisa que já aconteceu a alguns de nós foi a chegada do “gorgulho”. Sem isso seríamos ainda “meeiros em uma plantação de algodão”.⁵⁸

Como eliminar o sofrimento do nosso passado? Cada um de nós teve a sua experiência com o “gorgulho”. Ela interrompeu os prazeres da nossa vida. Roubou a nossa alegria. Teve a audácia de invadir sem que houvesse convite e provavelmente chegou de surpresa. É bem possível que, na ocasião, tenha *devastado* a nossa fé. Fomos colocados no lugar. A sorte foi lançada. Mas isso fez que nossos dias terminassem? Não morremos! Pelo contrário, em muitos casos, esse tornou-se o ponto crítico que nos levou à vida verdadeira! O problema ocorre quando não levantamos o nosso monumento, quando não estabelecemos o nosso Purim, nosso plano de celebração.

Você continua vivendo de suspiros e sofrimento por causa da tristeza que o acomete quando lembra do problema? É disto que estou falando. Esta não é apenas uma história sobre uma festa antiga da Pérsia. Deus nos deu a sua Palavra não apenas para ensinar-nos datas e para aprendermos sobre a história dos hebreus. Ele nos deu a sua Palavra para reconstruir as nossas vidas, levantar monumentos onde antes choramos e sangramos, onde nossas vidas foram feridas e nossos corações doeram, quando nos sentimos deslocados e destruídos. Mas, esquecendo o que para trás fica, nos movemos para o que está à nossa frente... é desse modo que devemos prosseguir!

Isto não significa que apenas esquecemos o passado, proclamando: “É mesmo. Foi terrível”. Em vez disso, *construímos um monumento*. Celebramos a festa! Durante tais celebrações, passamos adiante as lições que levaram a mudanças e obtiveram resultados nas experiências de amadurecimento tão essenciais em nossas vidas e tão diferentes daquelas que tivemos quando éramos apenas um grupo de meeiros em uma plantação de algodão.

Sorriso quando leio os versos 17, 18 e 19 do capítulo 9 de Ester. Por quê? Porque estou lendo sobre um povo que decidiu: “Vamos fazer deste dia um feriado. Vamos chamá-lo Purim”. O que poderia ser traduzido como: “Bem na sua frente, Hamã... Celebramos o nosso Deus!” (outra paráfrase extravagante do autor).

Sucedeu isto no dia treze do mês de adar; no dia catorze descansaram, e o fizeram dia de banquetes e de alegria.

Os judeus, porém, que se achavam em Susã se ajuntaram nos dias treze e catorze desse mês; e descansaram no dia quinze, e o fizeram dia de banquetes e de alegria.

Também os judeus das vilas, que habitavam nas aldeias abertas, fizeram do dia catorze do mês de adar dia de alegria e de banquetes, e dia de festa e de mandarem porções dos banquetes uns aos outros.

Ester 9.17-19

Isto me faz lembrar da celebração espontânea que deu lugar ao primeiro dia de Ação de Graças no Novo Mundo. Depois de suportar o rigor do inverno, os primeiros colonos norte-americanos decidiram fazer uma festa, celebrando a sua sobrevivência e agradecendo a Deus pela proteção e provisões nos meses anteriores. Aquela foi uma celebração espontânea de louvor, o Purim dos ancestrais do povo norte-americano. Deus transformara suas dificuldades, tristezas e dores em gratidão, saúde e alegria. Esta primeira festa veio a tornar-se o Dia de Graças, festa muito celebrada nos Estados Unidos.

Nos versículos 20 a 28 de Ester, encontramos a oficialização da Festa do Purim, como registrado por Mordecai, quem, muito possivelmente, escreveu o livro de Ester. Leia estas palavras como se estivessem gravadas em pedra em algum sítio memorial:

Mordecai escreveu estas cousas e enviou cartas a todos os judeus que se achavam em todas as províncias do rei Assuero, aos de perto e aos de longe, ordenando-lhes que comemorassem o dia catorze do mês de adar, e o dia quinze do mesmo, todos os anos, como os dias em que os judeus tiveram sossego dos seus inimigos, e o mês que se lhes mudou de tristeza em alegria, e de luto em dia de festa; para que os fizessem dias de banquetes e de alegria, e de mandarem porções dos banquetes uns aos outros, e dádivas aos pobres.

Assim os judeus aceitaram como costume o que naquele tempo haviam feito pela primeira vez, segundo Mordecai lhes prescrevera; porque Hamã, filho de Hamedata, o agagita, inimigo de todos os judeus, tinha intentado destruir os judeus; e tinha lançado Pur, isto é, sortes, para os assolar e destruir.

Mas, tendo Ester ido perante o rei, ordenou ele por cartas que o seu mau intento, que assentara contra os judeus, recaísse contra a própria cabeça dele, pelo que o enforcaram a ele e a seus filhos. Por isso àqueles dias chamam purim, do nome Pur. Daí, por causa de todas as palavras daquela carta, e do que testemunharam, e do que lhes havia sucedido, determinaram os judeus, e tomaram sobre si, sobre a sua descendência e sobre todos os que se chegassem a eles, que não se deixaria de comemorar estes dois dias segundo o que se escrevera deles, e segundo o seu tempo marcado, todos os anos.

Ester 9.20-27

A idéia era de um feriado anual. Dois feriados, na verdade, o dia 14 e o 15. Note a razão disso: “como os dias em que os judeus tiveram sossego dos seus inimigos, e o mês que se

lhes mudou de tristeza em alegria, e de luto em dia de festa...” (Et 9.22).

Eles sabiam que iam morrer. Sabiam que isso sobreviria... *até que o Deus Todo-poderoso interveio soberanamente*. Eles escolheram então exatamente os dias em que deveriam ter sido aniquilados e exterminados e mudaram esses dias de tristeza e luto em alegria e comemoração, para reconhecer a mudança de circunstâncias.

Pergunte a várias pessoas o que o Livro de Ester representa e elas lhe dirão que é uma narrativa trágica. Dirão que foi um primeiro holocausto. Mas eu e você estamos mais bem informados. De fato, não há holocausto em Ester. Houve uma ameaça de holocausto que não chegou a se concretizar.

Você sabia que este é o único livro em que os judeus encontram base para a Festa de Purim? Sabia que até hoje, quando eles lêem os rolos de Ester, as crianças são vestidas com roupas típicas assim como os adultos? A cena é a de um melodrama antigo. Todos aplaudem o herói e a heroína (Mordecai e Ester), vaiando e batendo os pés quando o nome de Hamã é mencionado. Não se trata da recapitulação de uma tragédia e sim de uma celebração de triunfo. E foi justamente isso que Deus planejou.

Estes dias seriam lembrados e comemorados geração após geração, por todas as famílias, em todas as províncias e em todas as cidades, e que estes dias de purim jamais caducariam entre os judeus, e que a memória deles jamais se extinguiria entre os seus descendentes.

Ester 9.28

Se esta comemoração oficial do Purim não tivesse sido estabelecida, os acontecimentos da vida de Ester teriam sido esquecidos em duas ou três gerações. Se duvidar disto, pense em como seria falar a esta geração sobre a Primeira Guerra Mundial, a Segunda, ou a Guerra da Coréia. Já fiz isto e, portanto, sei. Só recebi olhares vagos.

Os jovens não têm absolutamente lembrança desses anos em nossa história e ouvem então falar deles com pouco ou nenhum interesse; a maioria deles não tem idéia da sua importância. É por isso que se torna essencial “comemorar” eventos como o Dia da Independência e o da Proclamação da República. Nossos filhos e netos não se lembram deles... mas é importante que passem a lembrar-se.

Os que visitaram memoriais do Holocausto sabem como esses lugares são comoventes. As árvores plantadas ao longo do prédio em Jerusalém guardam lembranças terríveis. Cada árvore representa homens e mulheres corajosos que ajudaram os judeus — que símbolos comoventes mas galantes! Todavia, é essencial que lembremos, para não haver perigo de cair no esquecimento e vivermos para ver a repetição de tais horrores.

Os memoriais são lugares providos para ficarmos de pé e em silêncio, para lermos e especialmente refletirmos, passando para a próxima geração as raízes da herança de uma nação. Eles dão significado ao presente e perspectiva ao passado.

Um de meus principais temores em relação ao nosso estilo de vida atual apressado é termos tão poucos memoriais, tão poucos monumentos, não termos sequer monumentos mentais. A vida é vivida na faixa expressa. Decisões superficiais. Infância acelerada. Dinheiro rápido. Sucesso da noite para o dia. Ação veloz. Competições acirradas. Tão pouco tempo para parar e registrar segmentos de nossas vidas em um diário. Tão pouca ênfase no ouvir, aprender e respeitar.

Acontece um divórcio, ferindo profundamente uma família... e a vida continua. Uma jovem faz aborto... e a vida prossegue velozmente. Um negócio abre falência... e a vida não perde o seu ritmo. Há um escândalo político... e a vida segue em frente. Uma morte ou uma tragédia ocorre e, dentro de pouco tempo, ela é varrida pelo redemoinho da atividade... e

a vida continua enquanto a nação encolhe os ombros em vez de entristecer-se, e a relva cresce sobre a sepultura enquanto a vida continua.

Ficamos com a angústia de uma lembrança nebulosa, mas nenhuma perspectiva, nenhuma sabedoria duradouras.

Para termos perspectiva, é preciso que haja monumentos e memoriais, lugares aos quais voltar, dos quais aprender, sobre os quais falar e transmitir a outros. Se não fizermos isso, estamos destinados a viver sem raízes, sem quase nenhum significado e nossas comemorações serão muito raras.

O pior de tudo é que nossos filhos aprendem pouco, ou em geral nada, de nossos fracassos, quebrantamentos e tristezas. Na verdade, aprendem apenas a odiar como odiamos, ou a vingar-se como tentamos nos vingar, ou simplesmente embriagar-se até pegar no sono, como muitos decidem fazer.

Ester decidiu que isso não aconteceria em sua época.

E o mandado de Ester estabeleceu estas particularidades de purim, e se escreveu no livro.

Ester 9.32

Grito bem alto um "muito obrigado" à nossa heroína, Ester, neste ponto. Ela não a chamou atenção para si mesma quando "estabeleceu estas particularidades", mas deu ao seu povo uma recordação duradoura de que Deus é fiel, pois cumpre as suas promessas e protege o seu povo. Tiro o chapéu para você, rainha Ester. Que a sua nobre estirpe cresça!

ENFRENTANDO O FUTURO COM UMA LEMBRANÇA

Ao olhar para trás, todos sentimos unicamente tristeza e remorso, a não ser que haja perspectiva. Se não tivermos algum tipo de perspectiva, nada faremos além de suspirar e lamentar o passado. Derramaremos lágrimas à noite, mas não haverá alegria pela manhã.

À luz de tudo isso, encerro este capítulo com uma sugestão e uma advertência. Minha sugestão é que *cada um de nós construa o seu próprio memorial* — monumentos mentais que transformam tragédias em triunfos.

O dicionário define *monumento* como uma “evidência duradoura de algo ou alguém notável”. Ele define também *memorial* como algo que “serve para preservar a lembrança, uma comemoração”.

Pense por um momento na história de Havner sobre a chegada do gorgulho do algodão. Personalize esse evento reportando-se ao fracasso ou desastre da sua colheita. Você já construiu um monumento desses? Pode ser difícil fazer isso hoje, porque o episódio está muito próximo e dolorido. Mas não passe o resto da sua vida sofrendo pelo que ficou para trás, caso contrário o seu futuro será sombrio. Em vez disso, pergunte a si mesmo: “O que aprendi com isso?”

Você não pode mudar a situação, já não tem mais controle sobre ela. Talvez você já devesse ter aprendido ou devesse ter agido de forma diferente. Esqueça, entretanto, desse sentido de obrigação. O que você aprendeu com o acontecido? Seja específico. Coloque por escrito. Passe adiante a sabedoria obtida com o seu próprio fracasso.

Agora, esta é a advertência: *Não transforme o memorial num santuário.*

Não precisamos de santuários de falhas humanas mais do que de fragmentos da cruz. Precisamos de memoriais que honrem a Deus. Ele nos deu um memorial assim na Ceia — o pão e o cálice. Esse é um memorial da cruz que vale a pena celebrar! Ele o deixou como um legado para os que têm fé. Não adoramos, porém, os símbolos. Não nos curvamos diante da mesa onde eles são servidos. É por isso que “celebramos” a Ceia. Comemoramos a lembrança e o significado, isto é, o triunfo da cruz.

O que precisamos hoje é uma resposta para o sofrimento da vida, uma resposta para os Hamãs, cujas sombras pas-

saram pelo nosso caminho e acabaram conosco, e para os prováveis holocaustos que poderiam ter destruído a nossa existência. Pegue então a pessoa, evento, circunstância ou decisão do passado e levante criativamente o seu memorial particular. Reflita a respeito e registre as lições aprendidas, passando-as depois adiante. A Festa de Purim continua porque a rainha determinou que as suas lições jamais fossem esquecidas pelos judeus.

Ester é uma história de triunfo que emergiu da tragédia, êxtase em vez de agonia, comemoração em vez de devastação.

A sua pode ser igual.

CAPÍTULO DOZE

No final, Deus vence

Este livro falou de Ester, uma das mulheres notáveis na história ilustre do seu povo, os judeus. Ela foi claramente levantada para preencher um papel como rainha da Pérsia, o qual se mostrou crucial numa época em que a vida de muitos pendia por um fio. De fato, como seu mentor e fiel guardião a fez lembrar: “quem sabe se para tal conjuntura como esta é que foste elevada a rainha?” (Et 4.14). Quanta proeminência Ester alcançou!

Achamos curioso, porém, que, embora ela tenha grande importância nos pontos críticos da história registrados nas páginas sagradas das Escrituras, Ester não domina toda a narrativa. Pelo contrário, é muitas vezes eclipsada por outras pessoas e eventos entremeados por entre os capítulos.

Por exemplo, só depois de termos avançado bastante no segundo capítulo do livro que leva o seu nome é que lemos a respeito dela pela primeira vez. À medida que a história se desenrola, ela reaparece de tempos a tempos por razões importantes e depois se oculta novamente, retornando às sombras do palácio.

Seguindo o mesmo padrão, ela volta à história perto do final, quando apresenta seus pedidos ao rei, seu marido (9.12-13) e depois, mais tarde, ao estabelecer o memorial do Purim (9.29-32).

Ester desaparece a seguir pela última vez e não volta até o final do livro. Seu nome nem sequer aparece no último capítulo. Mordecai predomina, assim como o rei, seu marido, mas não ela. Sua influência, porém, como é natural, continua a ser sentida. Ela sai antes da cena final e não volta, nem mesmo ao fecharem-se as cortinas.

Sem querer tornar esta idéia mais importante do que realmente é, acho apropriado mencionar que "o poder da mulher" (que enfatizei em minha introdução) nem sempre exige a sua presença física constante. Ester entra silenciosamente em cena, permitindo com certa relutância que a levem ao palácio, mas nunca domina realmente qualquer situação, mesmo depois de tornar-se rainha.

Ela toma uma atitude, quando instada por Mordecai, e desempenha sem dúvida um papel essencial na mudança de opinião do rei. Quando convidada a dar o seu parecer ou falar o que pensa, Ester mostra ocasionalmente grande paixão; nunca usando, porém, de agressividade ou ousadia inadequada.

É o toque elegante da discrição que admiro mais que tudo em Ester e que inspirou o título de meu livro — *Ester: Uma Mulher de Sensibilidade e Coragem*. Sua coragem é revelada tanto em sua discrição como em suas respostas; e sua sensibilidade, tanto em sua atitude humilde como em seu caráter íntegro. Sua tranqüila confiança em Deus, sua obediência e confiança em Mordecai, seu respeito gracioso pelo marido, Assuero, são qualidades que causam impacto na história da sua vida, embora ela mesma não participe de todas as cenas com a sua presença, instruções e liderança.

Só podemos imaginar como deve ter-se sentido grata no final daquele dia, depois de encontrar o marido e, mais tarde, confrontar Hamã. Podemos sentir o ardor do seu patriotismo ao estabelecer o Purim como uma comemoração judaica.

Agora, ao testemunharmos o clímax da história, quando Mordecai é reconhecido pela sua grandeza (10.2), podemos imaginá-la sorrindo com sincera satisfação. Por quê? Porque a vontade do Senhor prevaleceu! O bem triunfou sobre o mal. A esperança dissipou o medo. Quanta alegria esta mulher excepcional deve ter sentido ao compreender, bem no fundo de sua alma, que o Senhor fez uso dela para realizar seu grande e glorioso plano!

Esta é uma boa oportunidade para declarar que um dos grandes temas do cristianismo é a esperança triunfante. Não apenas esperança como num sonho vago e distante, mas esperança triunfante, o tipo de esperança em que todas as coisas terminam como devem. Em meio aos problemas, tempestades e sofrimentos da vida, podemos projetar nossos pensamentos para além do hoje e ver alívio... triunfo... vitória. Porque, no final, Deus vence de fato.

Reflita sobre isso. Todos os males terrenos, todas as pressões financeiras, todos os conflitos domésticos, todas as guerras internacionais e rumores de guerras que nos atemorizam, todas as opressões demoníacas e ataques satânicos, tudo isso vai terminar. Estaremos então com o Senhor, que é o vencedor! Isto significa somente harmonia, unidade, vitória, alegria, louvor e prazer.

Seremos transformados no íntimo do nosso ser. Teremos nova natureza. Nossas mentes e corpos serão renovados. Teremos a alegria de viver para sempre em louvor e adoração ao nosso Deus.

No final, Deus domina tudo. Seu plano prevalece. É por isso que aprecio tanto a história de Ester. Ela tem não só um enredo excelente, como também prende sua atenção; mas, no último ato, as coisas acabam bem. Deus vence!

Você não fica irritado quando vai ver um filme e ele termina abruptamente? Sai do cinema pensando: *Acho que é um intervalo*. Mas você sabe que acabou! Ou quando o fim de um livro deixa você vazio, imaginando... Você continua folheando

o livro para ver se depois de algumas páginas em branco há um final melhor. Mas não o encontra.

Se você for como eu, então gosta de coisas que têm uma seqüência lógica, com um final triunfante, que honra a Deus. Se for como eu, se alegra quando a verdade vence, quando o certo prevalece sobre o errado, quando o bem reina supremo. É também disso que gosto tanto em Ester.

UM VISLUMBRE FINAL DA HISTÓRIA DEPOIS DO FATO

Depois disto o rei Assuero impôs tributo sobre a terra, e sobre as terras do mar. Quanto aos mais atos do seu poder e do seu valor, e ao relatório completo da grandeza de Mordecai a quem o rei exaltou, porventura não está escrito no livro da história dos reis da Média e da Pérsia? Pois o judeu Mordecai foi o segundo depois do rei Assuero, e grande para com os judeus, e estimado pela multidão de seus irmãos, tendo procurado o bem-estar do seu povo e trabalhado pela prosperidade de todo o povo da sua raça.

Ester 10.1-3

Fim do livro. E ele termina da maneira certa.

O que temos aqui? Para começar, temos o mesmo rei que mencionamos no início, Assuero. Temos o mesmo reino, onde ele reina da Índia à Etiópia, sobre mais de 127 províncias. Isso não mudou. Temos o mesmo país, a Pérsia, e a mesma capital, Susã.

Algumas coisas, no entanto, mudaram. Vasti não é mais a rainha e, sim, Ester. Ela é uma rainha que conquistou todo o respeito e lealdade do marido. Hamã tinha sido o segundo no comando, mas desapareceu agora para sempre. Mordecai continua vivo e bem. Planos perversos foram interrompidos. A corrupção desarraigada. O mal cortado pela raiz.

A fim de melhorar mais as coisas, Mordecai veio a ser promovido pelo rei e é agora o segundo no comando, segundo “depois do rei Assuero”. O v.3 nos oferece informação útil, explicando porque Mordecai é descrito como homem importante (“a grandeza de Mordecai”) no v.2.

Ficamos sabendo quatro coisas sobre ele. Primeira, ele era “grande para com os judeus”. Segunda, era “estimado pela multidão dos seus irmãos”. Terceira, procurava “o bem-estar do seu povo” e quarta, trabalhou “pela prosperidade de todo o povo de sua raça”. Um epitáfio nada desprezível.

Se tudo fica bem quando termina bem, temos de concordar que este episódio “acaba bem”. É preciso lembrar que aquele era um país pagão, onde os pagãos reinavam. Os judeus que ali viviam não passavam de um remanescente e só podiam continuar com a permissão do governo. Eles poderiam ter sido mortos quando a sua terra natal foi conquistada, mas tiveram permissão para viver — e morar na Pérsia. Agora, para nossa surpresa e certamente para espanto de muitos dentre o povo da Pérsia — tanto judeus como gentios —, um judeu passa a ocupar o segundo lugar no reino de Assuero.

A escolha da pessoa exaltada para exercer esse cargo de autoridade na Pérsia é surpreendente. Quem jamais imaginaria que um judeu pudesse tornar-se primeiro-ministro numa nação gentia? O Jornal Diário de Susã certamente traria manchetes como esta: “REI GENTIO ESCOLHE JUDEU COMO NOVO PRIMEIRO-MINISTRO!” Que surpresa enorme!

O título não diz: “O rei Assuero, um gentio, promoveu Mordecai, o judeu”, v.3. É claro que não. Porque o fato de ser gentio não constituía notícia. Mas ser judeu era a novidade. Isso provoca espanto. Mas, veja bem, Deus é que estava no controle e não o rei!

Tudo isto me leva a fazer três observações gerais que transmitem três princípios para as nossas vidas, com base neste livro antigo.

O primeiro princípio: *Quando Deus vence, a escolha das pessoas que ele usa é quase sempre inesperada.*

Isto me traz à lembrança um dos meus salmos favoritos, o Salmo 78, que conclui com este comentário sobre Davi:

Também escolheu a Davi, seu servo, e o tomou dos redes das ovelhas; tirou-o do cuidado das ovelhas e suas crias, para ser o pastor de Jacó, seu povo, e de Israel, sua herança. E ele os apascentou consoante a integridade do seu coração, e os dirigiu com mãos precavidadas.

Salmos 78.70-72

Quão surpreendente! Durante quase quarenta anos os israelitas haviam servido a um rei alto, moreno e provavelmente belo, o rei Saul, que, embora fraco de caráter, tinha uma aparência real. O povo escolhera Saul, em parte pela sua aparência. Eles se acostumaram com a sua estatura. Até que Deus colocou a mão nas fileiras e escolheu um jovem pastor. Escolha surpreendente.

Vamos considerar também outra escolha inesperada. Se você tivesse de liderar o êxodo de dois milhões de pessoas do Egito, quem escolheria para confrontar o Faraó—um judeu ou outro egípcio? Seja sincero. E se escolhesse um judeu, escolheria alguém com um assassinato nas costas? Um homem de 80 anos? Escolheria um pastor de pele curtida que não estivesse numa grande cidade durante 40 anos?

Veja, quanto mais observa, tanto mais estranhas ficam as coisas. O currículo de Moisés não impressionava quase nada: “Trabalhou como pastor, com o sogro, nos últimos 40 anos”. Ele era um beduíno das montanhas.

Você teria escolhido uma meretriz para esconder os espias? Um profeta rebelde e desertor para guiar a Grande Cruzada Evangelística de Nínive? Um fariseu que antes odiara os cristãos para dar exemplo da graça e escrever a maior parte do Novo Testamento? Escolheria um homem que negou Jesus (três vezes) como o principal porta-voz da primeira igreja?

Como sabe, no entanto, Deus faz coisas surpreendentes. É por isso que ele levanta um desconhecido da porta do rei e o torna primeiro-ministro. Deus se agrada em levantar "ninguéns" e usá-los como "alguéns". Paulo escreve aos Coríntios: "nem muitos poderosos, nem muitos de nobre nascimento"; em outras palavras, não são escolhidos muitos de sangue azul. Ele preferiu os desprezados e os perdedores deste mundo para seguirem aquele que morreu na cruz.

Isto abre a porta para o segundo princípio: *Quando Deus vence, as qualidades que ele exalta são quase sempre despretensiosas*. Mordecai não parece ter um "porte real". Ele não se ajusta bem ao trono. Não há nada escrito aqui ou em outro lugar que Mordecai se adequava aos trajes reais. Mas esse é o ponto: Deus usa pessoas humildes. A própria Ester era de condição humilde. Não lemos em parte alguma que ela era culta, falava bem, ou tinha grandes dons.

Ouçá o que é dito sobre o Senhor Jesus quando ele veio do céu para a terra como uma criança numa manjedoura:

Tende em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, pois ele, subsistindo em forma de Deus, não julgou como usurpação o ser igual a Deus; antes a si mesmo se esvaziou, assumindo a forma de servo, tornando-se em semelhança de homens; e, reconhecido em figura humana, a si mesmo se humilhou, tornando-se obediente até à morte, e morte de cruz.

Filipenses 2.5-8

Essa era a mais horrenda forma de morte. Castigo capital para os criminosos comuns. O versículo seguinte diz com efeito que Deus também o "exaltou sobremaneira" e, finalmente, "para que ao nome de Jesus se dobre todo joelho, nos céus, na terra e debaixo da terra" (Fp 2.9-10). Mas, para chegar a esse ponto triunfante, ele permaneceu humilde e se tornou obediente.

Lembre-se: quando Deus prevalece, as qualidades que ele exalta são simples e despretensiosas.

Lembre-se, também, de que humildade não tem nada a ver com a sua maneira de vestir, com o salário que ganha, com o lugar em que mora, não é o que você dirige, nem sequer a sua aparência. Deus jamais nos ordenou que "parecêssemos" humildes. A humildade é uma atitude. Uma atitude do coração, do espírito. É conhecer o seu lugar. Jamais falando ou olhando com superioridade para alguém que possa ter um nível financeiro inferior ao seu. É conhecer o seu papel e cumpri-lo para glória e louvor de Deus. Repito, é uma atitude. "Tende em vós o mesmo sentimento (atitude) que houve também em Cristo Jesus" (Fp 2.5, grifo do autor).

Se quiser saber como isto se aplica à sua vida, volte dois versículos e leia em Filipenses 2:

Nada façais por partidarismo, ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmo. Não tenha cada um em vista o que é propriamente seu, senão também cada qual o que é dos outros.

Filipenses 2.3-4

Tenha a atitude de Cristo, que renunciou ao uso voluntário e independente dos seus atributos divinos. Não há qualidade mais divina do que a humildade. (Penso que Ester aprendeu a ser humilde com Mordecai, que deu constantemente exemplo dessa qualidade enquanto ela crescia.)

Lembre-se disso quando chegar a próxima promoção. Lembre-se disso quando Deus o escolher como seu único porta-voz e o colocar numa posição onde o público o considera e ouve. *Lembre-se da importância da humildade de coração e de espírito. Nada é mais admirável, mais divino do que a disposição de praticar a verdadeira humildade... sem chamar atenção para ela.*

Esses pensamentos sobre a verdadeira humildade me recordam uma história apócrifa que li recentemente a respeito de um jovem chamado Walter:

...que foi trabalhar na maior empresa do mundo. O diretor de pessoal disse a Walter que ele devia começar de baixo e esforçar-se para chegar ao topo. O primeiro posto dele foi no departamento de expedição. Walter gostava do emprego, mas ficava imaginando como seria tornar-se um executivo, ou presidente, ou até quem sabe presidente da diretoria.

Certo dia, Walter estava separando a correspondência, quando viu uma barata num canto da sala. Ao tentar esmagá-la com o pé, ouviu uma vozinha gritando: “Não me mate, sou Milton, a barata, e se me poupar satisfarei todos os seus desejos”. Walter achou bom o acordo e deixou que Milton vivesse.

O primeiro desejo de Walter foi sair da expedição e tornar-se vice-presidente. Milton satisfaz o seu desejo. Na verdade, Milton satisfaz desejo após desejo, até que Walter passou a presidir a diretoria da maior empresa do mundo, com um escritório no último andar do edifício mais alto em todo o mundo. Todos admiravam Walter e ele se sentia muito feliz. Walter pensava muitas vezes com seus botões: “Sou Walter e estou no alto. Ninguém é maior nem mais importante do que eu”.

Certo dia, Walter ouviu passos no telhado e foi ver quem era, encontrando um menino ajoelhado e orando. “Está orando para Walter?” perguntou ele — afinal de contas era o presidente da diretoria da maior empresa do mundo. O menino respondeu: “Oh, não. Estou orando a Deus”.

Walter ficou muito perturbado com o acontecido, voltou ao escritório e mandou chamar Milton, a barata. “Tenho outro desejo”, disse ele a Milton, “Quero ser como Deus”. Milton então satisfaz o desejo de Walter e no dia seguinte ele estava outra vez no departamento de expedição.⁵⁹

O caminho para cima desce. O lugar de maior exaltação, como vemos no Senhor Jesus Cristo, é um lugar de humildade, de auto-esvaziamento, de renúncia. Não se trata de um estilo fingido, de falsa piedade. É a verdadeira humildade de espírito. É colocar o outro em primeiro lugar. É compartilhar

sinceramente. É desistir e edificar. É alegrar-se com a promoção de outro. É aplaudir a mão de Deus na vida de outros. É esquecer rapidamente os nossos próprios momentos de destaque. É ser como Mordecai, que foi “estimado pela multidão de seus irmãos, tendo procurado o bem-estar do seu povo”. Mais que tudo, é ser como Cristo.

Aquele que é altamente estimado por outros representa uma ampla visão. Não perca algo importante declarado aqui sobre Mordecai. Ele era alguém que “falava para o bem-estar do seu povo”. A sentença diz literalmente: “Ele falava *shalom*...” Esse é o termo antigo para “paz”. Mordecai “falava paz”.

Isto nos leva ao terceiro princípio. *Quando Deus vence, a mensagem que ele honra é universal*. O mundo de Mordecai era vasto, não ficava limitado à sua família imediata, nem à sua vizinhança familiar. Não se restringia a Susã onde morava, onde o rei tinha o seu trono. Não se limitava às 15 ou 20 províncias que ele preferia. Ele se espalhava sobre todas as 127. E falava *shalom* para todo o país.

Shalom é uma palavra antiga para saúde, segurança e abundância material. Para os judeus é um termo que significa a maior das alegrias. Ele espalhou uma mensagem sadia de esperança e segurança para todo o povo, o que certamente agradou ao Senhor. Por quê? Porque Deus tem o mundo inteiro em seu coração, toda língua, tribo e nação. Lembra-se da última comissão de seu Filho? “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações...” (Mt 28.19).

É lamentável que o mundo em que vivemos não aplique qualquer desses três princípios. Por exemplo, quando o mundo escolhe suas principais autoridades, os critérios são muito diferentes. Procuramos os inteligentes, capazes, competentes e fortes. Procuramos os que parecem bons, têm excelente e ampla cultura, enquadrando-se no molde de um líder que impressiona. Não procuramos o inesperado; não ficamos abertos para o surpreendente.

Quando o mundo procura qualidades que correspondam ao trabalho a ser feito, as exterioridades são aprovadas. Gostamos de pessoas com carisma, que tenham boa aparência. Notei que nesses últimos vinte e tantos anos, buscamos cada vez menos integridade, honra e caráter num presidente.

Buscamos pessoas que façam boa figura na televisão, que tenham facilidade em debater com um oponente e não fiquem com o rosto suado; que transijam o suficiente para agradar a quase todos. Preferimos o que é exterior. Se necessário, deixamos o caráter de lado, mas não o que aparece. Deus, porém, não olha o exterior, ele procura os de coração humilde!

Vivemos num mundo em que cuidamos do que é nosso, de nós mesmos. O plano de Deus, entretanto, abrange a todos. Todas as nações. Todas as raças. Todas as culturas. Os países vastos, altamente desenvolvidos, sem excluir entretanto os pequenos, cheios de problemas. A sua mensagem de *shalom* pela fé em Cristo é universal. Sem fronteiras. Sem preconceitos. Vasta!

UMA ESPERANÇA GLORIOSA PARA O CRISTÃO A QUALQUER TEMPO

Nosso Deus continua sendo um Deus de surpresas. Em lugar algum isto é mais evidente do que na história de Ester. Ele elevou uma jovem desconhecida, órfã, judia, ao trono persa. Moveu o coração de um rei poderoso, caprichoso, obstinado, incrédulo e gentio. Mudou o plano perverso de um oficial anti-semita e o aplicou para seus próprios fins. Usou um judeu humilde e exilado para transformar toda a história de um reino e um povo.

Não pense, porém, por um momento, que Deus acabou com as suas surpresas! Ele continua a chamar nossa atenção usando o "método-surpresa". Retroceda alguns anos. Alguma coisa surpreendente aconteceu? Que esperança isto nos traz?

Deus não só faz o inesperado. Ele sustenta o despretensioso. Sabe o que isso nos permite fazer? Permite que levemos uma mensagem universal onde quer que vamos... e ela serve. Você pode entrar em uma favela ou andar no palácio de reis, e ela serve. Pode levar a mensagem a pessoas que falam português ou atravessar metade do globo e chegar a uma cultura completamente diferente, e ela serve. Sua mensagem é universal. Portanto, a nossa esperança é uma esperança de *shalom* para o mundo inteiro!

No final, nunca esqueça, ele vence. Quer você creia ou não, Deus vence. Quer aceite ou não, Deus vence. Quer se curve perante ele como Salvador e Senhor ou não, Deus ainda vence.

Ester e Mordecai poderiam ter proclamado com o apóstolo Paulo:

Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé. Já agora a coroa da justiça me está guardada, a qual o Senhor, reto juiz, me dará naquele dia; e não somente a mim, mas também a todos quantos amam a sua vinda.

2 Timóteo 4.7-8

Quase no fim de sua vida, o grande apóstolo disse, com efeito: "O melhor está para vir. De todas as coisas, ele não só abençoou a minha vida com o seu glorioso evangelho, mas aguarda para coroar o serviço fiel depois da minha morte. Quão gloriosa é a minha esperança!"

No final, ele vence — assim como todos os que o servem. Não um "presente do céu", mas um lar permanente com Deus, onde todos conhecerão e experimentarão uma existência eterna de *shalom*!

Certo homem escreveu:

É estranho que, ao imaginar o céu, pensamos nele como sendo um lugar sombrio. Nós o colorimos com as tintas do luar, do

sono e de faces mortas. Mas não há sombras ali, só a substância da alegria e a vitalidade da ação.⁶⁰

“A substância da alegria e a vitalidade da ação.” Chamo isso de esperança que vale a pena reclamar! Esse é o nosso futuro lar, isto é, daqueles de nós que conhecem a Cristo. É onde todas as brigas, sofrimentos, deficiências, incapacidades, fraquezas, perdas, lágrimas e tragédias cessarão. Onde Deus reinará triunfante em glória e majestade. Onde Cristo será a luz e onde o veremos como ele é. Não mais pela fé, mas visivelmente. Não mais na esperança, mas em absoluta realidade.

Senhor, traze de volta para nós a velha mensagem retratada por Ester, em seu livro. É a mesma que Jesus Cristo transmitiu e exemplificou. Leva-nos de volta àquele que é de fato nosso conquistador. Mostra-nos a importância de um espírito humilde e do caráter nobre. Dá-nos um sentimento de satisfação por estar no teu plano, sem considerar o que isso possa significar para nós nesta terra. Dá-nos fé para confiar em ti, mesmo quando pareces ausente e distante. Enche-nos de esperança enquanto esperamos o fim, que virá com toda certeza. Enquanto isso, Pai amado, torna-nos indivíduos responsáveis que, como Ester, fomos colocados em nossas circunstâncias específicas “para uma conjuntura como esta”, a fim de podermos levar tua mensagem ao mundo inteiro. Dá-nos coragem, força e sensibilidade como as dela. Impede também, Senhor, que confiemos em nossa própria inteligência e determinação. Lembra-nos repetidamente que, no final, tu és o vencedor! Que a nossa esperança descanse firme em teu Filho Jesus Cristo, em cujo nome poderoso oramos. Amém.

CONCLUSÃO

Ester: uma mulher de sensibilidade e coragem

Ester. Que grande mulher! Como é notável a história contida no livro bíblico que leva o seu nome. Que princípios duradouros ela deixa como herança!

Como tivemos ocasião de ver nesses doze capítulos, sua história contém todos os ingredientes da narrativa curta e tradicional: começo dramático, enredo que prende a atenção, um vilão, um herói, uma mocinha em perigo e uma mudança surpreendente de eventos que leva a um clímax onde o bem triunfa sobre o mal e todos “vivem felizes para sempre”. Pelo menos é isso que concluimos, enquanto as linhas finais mostram Mordecai adequadamente recompensado pelos seus feitos justos e todos aplaudindo a sua promoção enquanto procurava o bem-estar do seu povo (10.3). Nos dias de Ester havia um ar alegre em todos os rostos.

Otimista que sou, gosto de histórias que terminam como essa. Gosto quando a verdade vence, quando planos perversos são revelados e quem possui autoridade faz uso dela para esmagar o mal e recompensar o bem.

Mas, quando começo a divagar desse modo, uma rajada súbita de realidade me obriga a pôr de novo os pés no chão. O pecado ressurgue. Enquanto um Hamã é enforcado e estamos aplaudindo a chegada da justiça há muito aguardada, outro enganador entrará sem dúvida em cena com intenções perversas... e tudo volta a repetir-se.

Um ditador cruel é exposto, apanhado e removido... outro, porém, está sempre à espera nos bastidores. Uma guerra termina e pessoas feridas e sofridas se rejubilam aliviadas... mas em breve novo conflito explode em outra parte do globo, à medida que o egoísmo, o orgulho e a obstinação juntam forças contra aqueles que não podem defender-se. Enquanto a depravação estiver presente, podemos esperar novas desgraças e sofrimentos.

Há, porém, boas notícias em meio a tudo isso e temos de agradecer a Ester por nos lembrar. Deus pode parecer distante e não-envolvido, mas não é verdade, está empenhado em seu trabalho — levantando um homem de caráter como Mordecai que investe fielmente em outros, crendo que Deus pode algum dia decidir usar aquele que está sendo treinado na justiça. Enquanto observamos o lado luminoso, Deus está também preparando outra mulher de coragem, como fez com Ester, para um papel de imensa importância que ninguém senão ela pode desempenhar.

Como aprendemos em nosso estudo da história de Ester, a mão do Senhor se move invisivelmente, sendo todavia invencível, e executa o seu plano soberano. Ele inclui adiamentos angustiosos que parecem injustos, decisões humanas carentes de compaixão, atos maldosos que provocam mais sofrimento e decepções amargas, fazendo-nos duvidar da bondade de Deus. Não obstante, ele prossegue com perseverança e se recusa a desviar-se do seu objetivo. No final, repito, Deus vence. Que grande consolo isso nos dá!

NOTAS

INTRODUÇÃO

1. STEDMAN, Ray. *The Queen and I, Studies in Esther*. Waco, Tex.: Word Books, 1977, p. 7.

CAPÍTULO UM

2. SMITH, Walter Chalmers. *Immortal, Invisible, God Only Wise*, em *The Hymnal for Worship and Celebration*. Waco, Tex.: Word Music, 1986, p. 25.
3. TOZER, A.W. *Mais Perto de Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 4ª ed., 1993.
4. SCHAEFFER, Francis A. *He Is There And He Is Not Silent*. Wheaton, Ill.: Tyndale House Publishers, 1972.
5. Veja nota 2.
6. HENRY, Matthew. *Commentary on the Whole Bible*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1960, p. 505.
7. THOMSON, Mary A. *O Zion, Haste*, em *The Hymnal for Worship and Celebration*. Waco, TX.: Word Music, 1986, p. 298.

8. Veja nota 2.
9. HASTINGS, James. *The Greater Men and Women of the Bible: Hezekiah-Malachi*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1915, p. 64.
10. COSPER, William. *Light Shining Out of Darkness, Baker's Pocket Treasury of Religious Verse*, comp. Donald T. Kauffman, 1952: reprint, Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1980, pp. 185-186.

CAPÍTULO DOIS

11. MEYER, F.B. *David: Shepherd, Psalmist, King*. Fort Washington, Pa.: Christian Literature Crusade, 1977, pp. 12-13.
12. WHYTE, Alexander. *Bible Characters*, vol. 1, *The Old Testament*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1952, pp. 419-420.
13. *Ibid.*, p. 420.
14. *Kings of the Earth*, extraído de *Saviour*, um oratório moderno. Letra e música de Grey Nelson e Bob Farrell. Dallas: Word Music em conjunto com Warren Alliance, 1995.
15. BARTLETT, John. *Familiar Quotations*, ed. Emily Morison Beck. Boston: Little, Brown and Co., 1980, p. 270.
16. BALDWIN, Joyce G. *Ester — Introdução e Comentários*. São Paulo: Vida Nova, Série Bíblica.
17. KEIL, C.F. *Commentary on the Old Testament in Ten Volumes*. Grand Rapids, Mich.: William B. Eerdmans Publishing Company, v. III, 1966, p. 334.

CAPÍTULO TRÊS

18. *Abraham Lincoln*, em *Topical Encyclopedia of Living Quotations*. Minneapolis, Minn.: Bethany House Publishers, 1982, p. 160.
19. HASTINGS, James. *The Greater Men and Women of the Bible*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1915, pp.55-56.

20. *Carolina Cooperator*, em *Quote Unquote*, comp. Lloyd Cory. Wheaton, Ill.: Scripture Press Publications, Inc., Victor Books, 1977, p. 364.
21. LINDBERGH, Anne Morrow. *Gift from the Sea*. Nova Iorque: Random House, Pantheon Publisher, 1955, pp. 23-24.

CAPÍTULO QUATRO

22. BARTLETT, John. *Familiar Quotations*, ed. Emily Morison Beck. Boston: Little, Brown and Co., 1980, p. 320.
23. WALVOORD, John F. e ZUCK, Roy B. eds. *The Bible Knowledge Commentary*. Wheaton, Ill.: 1988, pp. 704-705.
24. STEDMAN, Ray. *The Queen and I, Studies in Esther*. Waco, Tex.: Word Books, 1977, pp. 35-36.
25. ADENEY, Walter F. *The Expositor's Bible Commentary: Ezra, Nehemiah and Esther*, ed. W. Robertson Nicoll. Nova Iorque: Hodder & Stoughton, s.d., pp. 371-372.
26. LOWRY, Robert. *Nothing but the Blood*, em *The Hymnal for Worship and Celebration*. Waco, Tx.: Word Music, 1986, p. 195.
27. Bartlett, op.cit.

CAPÍTULO CINCO

28. HALE, Edward Everett. Citado em Bartlett, 590.
29. *One Vote, a Message for Americans*, de John Salisbury, KXL, Portland, Oregon, abril, 1978. Cumprimentos de Marlene H. Johnsen, Multnomah County Republican Central Committee.
30. HASTINGS, James. *The Greater Men and Women of the Bible: Hezekiah-Malachi*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1915, p. 57.
31. PETERSON, Eugene H. *Five Smooth Stones for Pastoral Work*. Atlanta: John Knox Press, 1980, pp. 172-173.
32. WATTS, Isaac. *Am I A Soldier of the Cross?*, em *The Hymnal of Worship and Celebration*. Waco, Tx: Word Music, 1986, p. 482.

33. FOSDICK, Harry Emerson. *God of Grace and God of Glory*, em *The Hymnal for Worship and Celebration*. Waco, Tex.: Word Music, 1986, p. 292.
34. HASTINGS, James. *The Greater Men and Women of the Bible: Hezekiah-Malachi*. Edinburgh: T. & T. Clark, 1915, p. 59.
35. FOSDICK, Harry Emerson, op cit.

CAPÍTULO SEIS

36. Rudyard Kipling, *If*, em *The Best Loved Poems of the American People*, selecionado por Hazel Felleman. Garden City, N.Y.: Garden City Books, 1936, p. 65.
37. Usado com permissão.
38. PATTERSON, Ben. *Waiting, Finding Hope When God Seems Silent*. Downers Grove, Ill.: Inter-Varsity Press, 1989, p. 141.

CAPÍTULO SETE

39. BALDWIN, Joyce G. *Ester — Introdução e Comentários*. São Paulo: Vida Nova, Série Bíblica.
40. RALEIGH, Alexander. *The Book of Esther*. Edinburgh: Adam and Charles Black, 1880, pp. 155-156.
41. CHOLMONDELEY, Hester H. *Betrayal*, em *Baker's Pocket Treasury of Religious Verse*, comp. Donald T. Kauffman, 1962, reprint Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1980, p. 136.
42. TAN, Paul Lee. *Encyclopedia of 7,700 Illustrations: Signs of the Times*. Chicago: Assurance Publishers, 1990, 1516, art. 6883, adaptado.

CAPÍTULO OITO

43. BALL, Diane. *In His Time*, em *The Hymnal for Worship and Celebration*. Waco, Tx.: Word Music, 1986, p. 465.
44. YANCEY, Philip. *Decepcionado com Deus*. São Paulo: Mundo Cristão, 3ª ed., 1994.

45. YANCEY, Philip. *Where Is God When It Hurts*. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1977, p. 92.
46. KEIL, C.F. *Commentary on the Old Testament in Ten Volumes*. Grand Rapids, Mich.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1966, p. 363.
47. BALDWIN, Joyce G. *Ester — Introdução e Comentários*. São Paulo: Vida Nova, Série Bíblica.

CAPÍTULO NOVE

48. BOOM, Corrie ten. *O Refúgio Secreto*. Belo Horizonte: Betânia
49. WALVOORD, John F. e ZUCK, Roy B. eds. *The Bible Knowledge Commentary*. Wheaton, Ill.: 1988, p. 712.
50. TOZER, A.W. *A Raiz dos Justos*. São Paulo: Mundo Cristão, v. 5, 1983.
51. STEDMAN, Ray. *The Queen and I, Studies in Esther*. Waco, Tex.: Word Books, 1977, p. 92.

CAPÍTULO DEZ

52. TELANDER, Rick. *The Hundred Yard Lie*. Nova Iorque: Simon & Schuster, 1989, p. 17.
53. WALTERS, Richard P. *Counseling for Problems of Self-Control*, ed. Gary R. Collins. Waco, Tx: Word Books, 1987, p. 17.
54. CAMPBELL, Ernest R. *Galatians*. Silverton, Or.e.: Canyonview Press, 1981), p. 157.
55. BALDWIN, Joyce G. *Ester — Introdução e Comentários*. São Paulo: Vida Nova, Série Bíblica.

CAPÍTULO ONZE

56. SWINDOLL, Luci. *You Bring the Confetti*. Waco, Tex.: Word Books, 1986, p. 13.
57. KEIL, C.F. *Commentary on the Old Testament in Ten Volumes*. Grand Rapids, Mich.: William B. Eerdmans Publishing Company, 1966, p. 345.

58. HAVNER, Vance. *It Is Toward Evening*. Westwood, N.J.: Fleming H. Revell Company, 1968, pp. 39-40.

CAPÍTULO DOZE

59. Adaptado de uma ilustração pelo Dr. Robert R. Kopp, Pastor, Center Presbyterian Church, McMurray, Pa. Usado com permissão.
60. FARRER, Austin, em *Quote Unquote*, comp. Lloyd Cory. Wheaton, Ill.: Scripture Press Publications, Inc., Victor Books, 1977, p. 150.